

LEI DA AMNISTIA

A data própria

Seria o 5 de Outubro, dia do aniversário da proclamação da República, a data apropriada para a Lei da Amnistia tomar força legal, através da sua promulgação pelo Presidente da República.

Num telegrama de que chegou cópia à nossa Redacção, a URAP (União dos resistentes Antifascistas Portugueses), lamentou o «Inexplicável atraso promulgação Lei Amnistia aprovada Assembleia da República» e manifestou a esperança de uma rápida promulgação que, restituindo ao uso dos seus direitos cidadãos militares e civis, permita a comemoração das datas nacionais evocativas da luta

pela liberdade e pela Democracia, num clima de fraternidade, de tolerância e de confiança.

A não promulgação da Lei da Amnistia levanta dúvidas e suscita especulações. Essa promulgação deverá anteceder o início da campanha eleitoral, e, em caso algum, se entenderia que estivesse dependente dos resultados das eleições.

Organismos internacionais, como a própria Amnesty International no seu relatório de 1978, exprimam apreensão quanto à situação interna portuguesa em matéria de perseguições políticas a militares.

Urge a «Lei da Amnistia».

5 DE OUTUBRO



Teófilo Braga

A acção das Constituintes

Págs. 12 e 13.

PR promove homenagem

Belém tornou público ao fim da manhã de hoje a decisão do Presidente Ramalho Eanes de promover uma cerimónia «com a participação dos órgãos de soberania e das grandes instituições nacionais». A decisão foi alvo de um comunicado da Presidência que se diz que «o Presidente da República, por entender que as comemorações do aniversário do 5 de Outubro se revestem de especial significado para o regime democrático, decidiu promover, com a participação dos órgãos de soberania e das grandes instituições nacionais, e a exemplo do ano passado, um acto de homenagem à República, simbolizada num dos seus vultos maiores.

«Assim, pelas 9 horas de amanhã, dia 5, o Presidente da República deporá uma coroa de flores junto da estátua de António José de Almeida.»

ELEIÇÕES INTERCALARES

A esquerda já tem candidatos

«O Partido Socialista apresenta-se aos eleitores com os seus próprios candidatos, a sua sigla, o seu emblema. Não pretende apresentar-se atrás de uma coligação nem esconder a sua identidade.» A afirmação pertence ao secretário-geral do PS, Mário Soares, e foi feita durante a conferência de imprensa de apresentação das listas às intercalares. Mário Soares explicou o ponto de vista do seu partido, declarou que o Presidente da República deve convidar para formar Governo quem ganhar as eleições. «Quem ganhar, deverá governar» é a fórmula defendida pelo líder socialista. Para os socialistas, uma eventual vitória eleitoral do bloco conservador-monárquico representará a possibilidade d uma

subversão das instituições vigentes, através da revisão das leis eleitorais e integradoras do sistema económico e social, bem como através da tentativa de aprovação de uma lei de referendo. «A Aliança Democrática é uma coligação de direita, negativa e dividida», afirmou Mário Soares, para quem o voto em certos grupos de esquerda e extrema-esquerda é um voto perdido para a esquerda. Mesmo o voto na APU em certos círculos será apenas um voto de protesto. Mário Soares acrescentou que o PS está aberto ao eleitorado moderado, perdido pelo bloco conservador, já que é a única alternativa de poder ao bloco conservador.

Entretanto, a APU entregou ontem, nas instâncias judi-

ciais, as suas listas candidatas às eleições intercalares pelos círculos de Lisboa, Viana do Castelo e Faro.

Alvaro Cunhal, Octávio Pato e Carlos Brito (PCP), e José Manuel Tengarrinha (MDP/CDE) encabeçam a lista da capital, seguindo-se Carlos Abolm Inglês, Velga de Oliveira, Jerónimo de Sousa, Alda Nogueira, Carlos Carvalhas, Zita Seabra, António Pedrosa, Hélder Pinheiro, Rosa Brandão, Jorge Lemos, etc.

A lista de Viana é encabeçada por Avelino Gonçalves e Luís Gonzaga Moreira (ambos do PCP) e a de Faro por José Vitoriano (PCP) e Luís Catarina (MDP/CDE).

Pág. 24.

PENTÁGONO RECOMENDA Aliança militar com a China contra a União Soviética

Pág. 24

DL

Devido ao feriado nacional o Diário de Lisboa não se publica amanhã. As memórias de Chiancha de Garcia — Os Verdes Anos da República de 1910 — começaram a ser publicadas na nossa edição de sábado dia 6.



BERLINGUER EM PORTUGAL

Ontem no Alentejo hoje na Setenave

Enrico Berlinguer visitou esta manhã a Setenave, acompanhado de membros da sua delegação, de representantes do Conselho de Administração da empresa e de dois elementos da Comissão de Trabalhadores. Após breve reunião com as citadas entidades, o secretário-geral do PCI assistiu à exibição de um filme sobre a actividade e funcionamento das unidades navais, tendo a seguir visitado as respectivas instalações. Às 16 horas Berlinguer seria recebido no CR, pelos conselheiros Pedro Cardoso, Melo Antunes e Martins Guerreiro, tendo a seguir dado uma conferência de imprensa no Centro Vitória. Às 19 e 30 o líder do PCI tinha encontro marcado com Soares.

Ontem, o dirigente comunista esteve no Alentejo, tendo visitado uma Unidade Colectiva «A Boa Esperança» (em Vendas Novas), onde almoçou com os trabalhadores e pôde constatar números e factos da Reforma Agrária no Sul de Portugal.

Pág. 5

TAÇAS DA UEFA

F.C. Porto eliminou o Milão

Sporting passou em Dublin

Benfica fora da corrida

Das três equipas portuguesas que ontem jogaram para as competições da UEFA, só o Benfica não passou à eliminatória seguinte: 2-1 na Luz (foto em cima) não chegaram. O Sporting empatou em Dublin. Entretanto, e enquanto se aguarda que o Boavista elimine amanhã o Sillescu de Malta, deve assinalar-se o mais importante: a vitória do Porto em Milão, um dos maiores feitos do futebol português de clubes nos últimos tempos. O Porto está lançado para um título europeu? Certamente que sim, e pod ser já em 79/80. Amanhã, em Zurique, são os sortelos da eliminatória seguinte. Que adversário terá o Porto de derrotar? Seja qual a equipa orientada por Pedroto aparece neste início vocacionada para voos altos no plano europeu. Ver páginas de Desporto.



COMUNICAÇÃO SOCIAL

Carteira Profissional —MCS entende desnecessária proposta alternativa

O Ministério da Comunicação Social não tem a intenção de elaborar uma proposta alternativa à apresentada pelo Sindicato dos Jornalistas para base do regulamento da Carteira Profissional.

Segundo o matutino «Diário de Notícias», apoiando-se em afirmações do dr. Assis Ferreira, chefe de gabinete do titular da pasta do MCS, major João Figueiredo, a comissão técnica

encarregada do assunto limitar-se-á «a confrontar a proposta sindical com os elementos de que já dispõem».

Não se sabe, de momento, se o MCS terá reuniões de trabalho com a comissão que o Sindicato constituiu para estudo do problema, e que é composta por Fernando Cascais, Carneiro Jacinto, Bessa Tavares e Albertino Antunes.

“O Comércio do Porto” (suportado pelo Estado) não respeita pluralismo

De acordo com uma nota da SIP da Direcção Regional do Porto do Partido Comunista Português, relativa à actuação de «O Comércio do Porto», urge «por termo à manipulação e partidarismo» daquele matutino.

Salienta-se na nota que «cada edição de «O Comércio do Porto» constitui um frontal atropelo e desrespeito das normas constitucionais e legais que regulam a comunicação social».

O referido matutino tem vindo a desprezar o preceito constitucional do pluralismo, defendendo em absoluto «os pontos de vista e as formulações» de Aliança constituída pelo PSD/CDS/PPM. Esta aliança, por conseguinte, «conta desta forma com um órgão de propaganda, económica e financeiramente suportado pelo Estado».

A nota emanada do PCP alerta para o facto a opinião pública e a Comissão Nacional de Eleições,

exigindo ao mesmo tempo «dos órgãos do Poder e do respectivo Conselho de Informação medidas urgentes que ponham termo a tais processos de manipulação e enfeudamento partidário». Sublinha-se que «O Comércio do Porto» tem de cumprir a Constituição e com as leis vigentes, e respeitar o programa do actual Governo quanto a matéria eleitoral.

Atende-se ainda no facto de presidir à Administração de «O Comércio do Porto» Adalberto Neiva de Oliveira, já indigitado como candidato a deputado pela aliança PSD/ CDS/ PPM. Director — é Orlando Romano, professor da Universidade Nova de Lisboa. De notar também que ao descrédito em que o jornal caiu se somam os prejuízos materiais decorrentes: 20 mil contos é o prejuízo previsto para o ano em curso, verba a juntar a muitos milhares de contos de anos anteriores.

Lei da Informação espanhola classificada de “restritiva e anti-democrática”

Os organismos sindicais espanhóis que estão a negociar um projecto de Lei da Informação, elaborado pela Federação Espanhola de Associações de Imprensa, classificaram-no de «antidemocrático, restritivo e repressivo», revela a agência IPS.

O projecto, em cuja discussão participam as duas principais centrais sindicais de Espanha (a UGT, de tendência socialista, e as Comissões Operárias), de influência comunista), o Sindicato dos Jornalistas e a Associação de Licenciados em Ciência da Informação, não contempla, se-

gundo estes organismos, «o desenvolvimento das liberdades estabelecidas na Constituição, destinando-se apenas a criar mecanismos de controlo».

As críticas ao projecto de Lei de Informação baseiam-se no facto de este estabelecer como única via de acesso à profissão de jornalista a universitária, o que determinaria a transformação das actuais associações de classe em ordens profissionais de que ficariam excluídos os actuais jornalistas sem título universitário.

Equipa de “o diário” agredida na presença de um oficial da GNR

Quando da entrega da reserva (considerada ilegal pelos trabalhadores) na Herdade da Grande Defesa, em Montemor-o-Novo, a equipa de «O Diário», que ali se deslocou em missão de reportagem, foi alvo de provocação por parte de arruaceiros, tendo sido agredido o repórter-fotográfico João Miranda.

Lamentável, também a atitude de um oficial da GNR que, depois de ter identificado a equipa de «O Diário», insultou todos os seus elementos.

Saídos do posto da GNR, os profissionais daquele matutino viram-se rodeados por arruaceiros, verificando-se então a agressão a um dos jornalistas. Imperdoável a presença do oficial da GNR entre os arruaceiros.

A agressão não prosseguiu só pelo facto de outros jornalistas, da RTP e do «Diário de Notícias», entretanto chegados, terem presenciado o triste acontecimento.

ENSINO

Assembleia da República cria Conselho para garantir liberdade de ensino

A Assembleia da República, com a publicação da Lei n.º 65/79, hoje, no jornal Oficial, acaba de definir o que é a liberdade de ensino, ao mesmo tempo que cria um conselho para a sua vigilância e garantia.

Pelo articulado do diploma da AR a liberdade traduz-se, por «não poder ao Estado atribuir-se o direito de programar a educação e a cultura segundo quaisquer directrizes filosóficas, estéticas, políticas, ideológicas ou religiosas; não confessionalidade do ensino público (...); possibilidade de os pais, os professores e os alunos se pronunciarem sobre o ensino e os métodos pedagógicos; acesso a qualquer tipo de estabelecimento de ensino por parte de alunos e professores, sem qualquer tipo de discriminação ou nomeadamente ideológica ou política; liberdade de definição do

discurso científico e pedagógico, dentro dos preceitos legais adequados, por parte dos docentes; ausência de qualquer tipo de discriminação, nomeadamente ideológica ou política, na autorização, financiamento e apoio por parte do Estado às escolas particulares e cooperativas».

Com vista a velar pelo respeito da liberdade do ensino e de apreciar quaisquer infracções à mesma, foi criado junto da AR o Conselho para a Liberdade do Ensino, a ser constituído por cidadãos indicados pelos partidos políticos com representação parlamentar na proporção de um por cada 20 deputados por cada partido, com o mínimo de um. Os membros deste Conselho são designados pelo período de um ano e mantêm-se em funções até à posse dos membros que os hão-de substituir, e as vagas são preenchidas por indicação do

partido que os tiver designado.

Compete ao Conselho pronunciar-se, «mediante queixa dos cidadãos ou por iniciativa própria, sobre as infracções contra a liberdade de ensino». As deliberações e recomendações do Conselho são remetidas para a Assembleia da República, para o Governo e, através do Ministério da Educação, para as entidades interessadas. Trimestral e anualmente o Conselho elabora relatórios da sua actividade. Para o exercício das suas funções os membros do Conselho têm direito a pedir ao Governo as informações de que careçam. O Conselho pode solicitar a presença e admitir a participação nas suas reuniões de funcionários, professores, pais de alunos e alunos, ou de outros cidadãos cujo depoimento possa interessar aos seus trabalhos.

Ensino Especial tem Instituto coordenador

Foi criado, na dependência do Ministério da Educação, o Instituto de Educação Especial cujo objectivo é dirigir e coordenar todos os serviços que se destinam à educação de crianças e jovens deficientes.

Esta medida vem hoje publicada no «Diário da República» e consta do articulado da Lei n.º 66/79 da Assembleia da República.

Entende-se por educação especial o «conjunto de actividades e serviços educativos destinados a crianças e jovens que, pelas características que apresentam, necessitam de um entendimento específico». A educação especial deverá ter em conta «o desenvolvimento das potencialidades físicas e intelectuais de crianças deficientes; a ajuda na aquisição da estabilidade emocional; o desenvolvimento das possibilidades de comunicação; a redução das limitações e do impacto provocado pela deficiência; o apoio na inserção familiar, escolar e social; o desenvolvimento da independência a todos os níveis em que se possa processar; a pre-

paração de uma adequada formação profissional e integração na vida activa por parte de jovens deficientes, em colaboração com os serviços de formação e reabilitação profissional, com os serviços de colocação e com as oficinas protegidas no âmbito do MAS ou do MT». A educação especial processar-se-á, sempre que possível, nos estabelecimentos regulares de educação.

No seu papel coordenador, são atribuições do Instituto Especial de Educação Especial, entre outros «contribuir para a definição da política de educação e ensino especial em articulação e como parte da política nacional de reabilitação de deficientes». Além das competências técnicas e pedagógicas, cabe-lhe também «sensibilizar a opinião pública para os problemas do ensino especial, tendo em vista o reforço da solidariedade e o fomento da participação dos cidadãos na concretização do direito dos deficientes ao ensino e à integração social».

Os Centros de Educação Especial, designados abreviadamente por CEE, são órgãos regionais com autonomia administrativa que integram um ou mais

serviços ou estabelecimentos de educação e ensino para crianças e jovens deficientes. As acções levadas a efeito no âmbito da educação especial são programadas e executadas de acordo com a política nacional de reabilitação de deficientes planificada e coordenada pelo Secretariado Nacional de Reabilitação.

Conselho de Ministros não reuniu

Não se realizou ontem a habitual sessão das quartas-feiras do Conselho de Ministros. Segundo uma nota da Presidência do Conselho, o facto de Maria de Lurdes Pintasilgo ter chegado a Lisboa apenas na madrugada de ontem de Nova Iorque, fez adiar a sessão plenária do Executivo.

Entretanto não se conhece a data de nenhuma nova reunião do Governo, pelo que este se deve reunir apenas na próxima quarta-feira, depois do fim-de-semana prolongado que amanhã se inicia.

Entretanto, a Primeiro-Ministro recebeu ontem em S. Bento o ministro da Administração Interna, Costa Brás, que a substituiu na chefia do Governo durante a estadia de Lurdes Pintasilgo em Nova Iorque.

Hoje serão recebidos em S. Bento os ministros da Comunicação Social, das Obras Públicas e Habitação e da Agricultura e Pescas.

Ainda ontem, ao fim da tarde, a eng.ª Pintasilgo assistiu, a convite de Mota Amaral, a uma recepção integrada nas comemorações da Semana dos Açores, que está a decorrer em Lisboa.

Movimento Estudantil dirige-se ao ministro

Com a participação de 15 Associações de Estudantes realizou-se ontem à tarde na Faculdade de Direito de Lisboa uma RIA (reunião inter-associações) que decidiu enviar um memorando ao ministro da Educação sobre a situação da Universidade.

Outros problemas foram motivo de debate: cantinas, residências e bolsas de estudo. Na análise da situação universitária de que resultou o extenso memorando, foi focado o desfasamento entre as necessidades do País e as saídas profissionais que a Universidade permite.

CONCURSO PARA PROFESSORES DE HISTÓRIA

Vão realizar-se nos próximos dias oito e nove de Outubro, na Reitoria da Universidade de Lisboa, as provas dos doutores Eduardo Alexandre Borges Nunes e Francisco de Sales Mascarenhas Loureiro para provimento de dois lugares de professor catedrático de quarto grupo de História da Faculdade de Letras.

O júri será constituído pelos professores doutores Manuel Lopes de Almeida e Avelino de Jesus Costa, professores jubilados da Universidade de Coimbra; António Augusto Ferreira da Cruz, da Universidade do Porto; Joaquim Veríssimo Serrão, Fernando José Maria de Melo Manuel da Câmara Moser, Joaquim Manuel Godinho Barradas de Carvalho e por todos os restantes professores catedráticos, em exercício, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

CONVOCATÓRIA

A Comissão Organizadora do Congresso dos Sindicatos das Comunicações e Telecomunicações convoca as Direcções dos seguintes Sindicatos:

Sindicato dos Telefonistas e Oficinas Correlativas do Norte;
Sindicato dos Telefonistas e Oficinas Correlativas do Distrito de Lisboa;
Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações;
Sindicato Nacional dos Trabalhadores das Telecomunicações dos CTT;
Sindicato Nacional dos Trabalhadores dos Correios e Telecomunicações.

Para um Plenário a realizar no dia 20 de Outubro de 1979, pelas 15 horas, nas Instalações do Sindicato dos Telefonistas e Oficinas Correlativas do Distrito de Lisboa, sito no Largo do Príncipe Real, n.º 13; com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1.º Balanço da situação preparatória do Congresso
- 2.º Proposta de alteração ao Regulamento do Congresso
- 3.º Tarefas a desenvolver.

Lisboa, 4 de Outubro de 1979

A Comissão Organizadora do Congresso

ponto a ponto



A Comissão Executiva do MDP/CDE comemora amanhã o 10.º aniversário da existência deste partido. Do programa salientam-se uma homenagem a todos os antifascistas já falecidos, consubstanciada numa romagem ao túmulo do almirante Jorge Ramos Pereira, em Vila Praia de Âncora e num comício desta seguido de jantar, evocativos da efeméride. O MDP surgiu em 1969, como movimento eleitoral unitário de oposição à ANP e à liberalização marcelista.

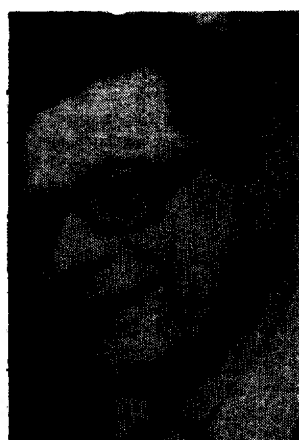


O major Otelo Saraiva de Carvalho vai proferir na Grécia uma conferência sobre «O 25 de Abril e o processo revolucionário português». Otelo é convidado do Clube Protágoras, de Atenas e deixou hoje Lisboa com destino àquela cidade.



O chefe do Estado-Maior do Exército brasileiro, general Hernâni Silva, que se encontra de visita a Portugal, prestou ontem homenagem ao «Soldado Desconhecido», na Batalha, sobre cujo túmulo depositou um ramo de flores. A cerimónia assistiram também o vice-CEME português, general Delgado e Silva, o comandante da Região Militar Centro, o governador civil de Leiria e outras autoridades civis e militares.

O presidente do Parlamento de Berlim Oeste, Peter Lorenz, encontra-se de visita a Portugal, para sensibilizar os políticos portugueses para a situação daquela cidade. Defendem as autoridades de Berlim-Oeste que a cidade deveria ser integrada «de jure» na República Federal Alemã, solução que não tem o apoio das autoridades do Leste. Esta missão de informação do Parlamento de Berlim-Oeste integra também os chefes dos grupos parlamentares cristão-democrata, social-democrata e liberal.



O Palácio de Belém vai ser hoje animado pela presença de crianças que estão a visitar Portugal a convite da TAP. O Presidente da República receberá pessoalmente os visitantes que serão acompanhados pelo presidente do Conselho de Gerência dos TAP, dr. Serra Brandão.

CRÓNICA AGRÍCOLA

O ANO AGRÍCOLA
— A REFORMA AGRÁRIA

Está a findar este 78/79, fechando o ciclo agrícola, que começa no Outono e acaba no Outono seguinte.

A 29 de Setembro — S. Miguel — o campo é muito bonito, e daí, no ar, um cheirinho a vinho novo, e certo odor a grão de milho. É uma data, uma quadra muito importante. Recebem-se as rendas do cereal e divide-se o vinho.

E, nesta época, para os senhores, a aldeia tem uma beleza alegre e para os caseiros, o gosto amargo do pão que o diabo amassou.

O país anda à renda. Um milhão ou milhão e meio de hectares, que pagam de rendas 4-5-6 milhões de contos. Dinheiro que nunca mais volta à terra.

Um processo permanente e contínuo de descapitalização, num país onde se pagam juros de 22%.

E quem recebe as rendas nada paga de impostos. Um paraíso fiscal para os agrários e absentistas. Um buraco para as finanças públicas.

O ano foi bom de vinho, razoável de milho, medíocre de batata; muito abundante de melão e pera. O arroz está bom. Tomate, em quantidade; maçã pouca.

Péssimo para os trigos, aveias, centeios e cevadas, pelo que os trabalhadores alentejanos foram fortemente atingidos nas suas receitas.

A produção de carne e leite, porque de um modo geral, até

alto Verão houve boa pastagem, foi razoável.

Mas o ano social agrícola foi de violenta ofensiva contra a Reforma Agrária. As forças da reacção investiram a fundo para chegarem a este Outono, com as UCP's destruídas. Não o conseguiram, nem conseguirão. Usaram de todos os meios. Subornaram, distribuíram dinheiro, compraram consciências, espancaram corpos, mutilaram e violentaram as Leis da República.

A reacção com os titeres que governaram o MAP, foi julgada em Tribunal Cívico, onde juízes do Povo, depois de ouvirem impressionantes testemunhas do real, pronunciaram histórica sentença condenatória.

Agora em Évora, reuniram-se as UCP's Coop. a prepararem nova campanha cerealífera.

De ânimo rijo e dentes cerrados, e enfrentar o futuro, a GNR, os cães-polícias, o mundo visível e invisível das forças da direita.

Os últimos três anos foram péssimos para os cereais de Inverno. As razões estão ditas e reditas. E, este ano, como vão passar-se as coisas?

É velha ideia do Povo, de geração em geração transmitida, que o tempo que faz, antes e depois do 21 de Setembro — equinócio —, vai marcar o ano. Se chove uns dias antes e uns dias depois, o ano será pluvioso mantendo-se assim até Março e Abril. Se não chove é de seca e frio. E estas condições, claro, re-

ALEXANDRE RAMOS

lativas, são boas para os cereais de Inverno. E em ano de nevão, ano de pão.

Esta informática secular é de esperança para os trabalhadores alentejanos, para a Reforma Agrária para as UCP's /Cooperativas.

A 22, o Secretariado das UCP's de Portalegre lançou violenta denúncia contra a actuação do MAP, em continuação da política defendida e praticada por Vaz Portugal.

A 23, D. Maria de Lourdes Pintasilgo, em entrevista ao JN responde nos seguintes termos, quanto à Reforma Agrária:

«Nós viemos encontrar vários processos de devolução de reservas em curso, processos em relação aos quais não havia sequer «dossier» no Ministério. Havia muitas coisas que haviam sido feitas pelo telefone. Estava-se numa fase em que havia palavra dada, mas dada oralmente, quando muito com um ou outro documento que não podia de modo nenhum constituir neste momento a base de uma acção do MAP relativamente a essas entregas de reservas. No entanto, nós, como dissemos claramente no Programa do Governo, estamos a tentar cumprir integralmente a lei, e cumprir integralmente a lei significa que ela não tem

desvios nem para um lado, nem para o outro, e que tudo tem de ser cuidadosamente observado. Nem sequer vamos tentar beneficiar uns em detrimento de outros, mas estamos a tentar aplicar a lei com o rigor que exige, embora isso seja muito difícil.»

As palavras da Primeiro-Ministro parecem justificar as recentes denúncias dos Secretariados das UCP's, que claramente apontam a continuação das arbitrariedades na entrega de reservas. Todavia, estas fizeram-se e estão a fazer-se, apesar de deslizarem pelo telefone, de não haver processo, de não haver papel justificativo. Havia palavra dada, embora, verbalmente.

É difícil, senhora Primeiro-Ministro, compreender, quando por um lado se diz que se pretende cumprir a lei, e, por outro, se admite a entrega de reservas em condições não claras, sem o mínimo processual, só porque havia palavra dada.

Dada por quem e a quem? A lei não se cumpre, aceitando como boa esta palavra ou cumprindo compromissos tomados por quem quer que seja e que violam a própria lei. A lei cumpre-se, procedendo exactamente ao contrário, isto é, não

(Continua na pág. 4)

DA REPÚBLICA DE OUTUBRO
À DEMOCRACIA DE ABRIL

Releio o texto de António Sérgio. Sei que, no plano em que se colocava e ao cabo de três anos de ataques e contra-ataques, de amarguras, de perseguições, de exílios, Sérgio tinha razão para aquele julgamento severo. O texto, que passamos a transcrever, está datado de 1929:

«Em 1910 aboliu-se a realza... Fez-se então uma verdadeira República? Não se fez...»

Não passava de formalismo político, sem conteúdo reformador na economia e na educação. Não se aperfeiçoou a economia existente, nem se democratizou realmente nada, nenhum dos factores de importância básica na vida económica e rural (como a propriedade, o crédito, a educação ou a assistência) sofreu as reformas que se faziam mister, segundo o espírito da democracia, nem se abriram campos de actividade útil ao trabalho agrícola e industrial... reformas que favorecessem, enfim a passagem do oligarquismo e comunitarismo de Estado a um regime progressivo de que beneficiasse o povo.»

Esta foi sempre, mais palavra menos palavras, a crítica de fundo que Sérgio fazia à República de 1910. Considerava um «formalismo político» a mudança do regime. O que lhe importava — em Monarquia ou em República — eram as condições concretas da vida do povo: a liberdade política, a participação cívica, o trabalho, a educação, a cultura. Algumas vezes subestimou que, em relação ao quadro político-institucional da Monarquia, era o movimento republicano a força de mudança, o factor de alteração qualitativa, a promessa de uma vida diferente, a esperança.

A República não era a «revolução social», mas continha virtualidades de mudança e de progresso. Não era o vendaval que varria todos os privilégios, mas tinha força para abolir alguns. Não se identificava com uma total Liberdade, mas era mais livre e mais libertária que a Monarquia. Aqueles republicanos que, esfriados os entusiasmos e averbadas já desilusões, foram entrevistados pelo azedo Joaquim Madureira, manifestaram o descontentamento ou o desgosto em termos significativos. Nenhum fala de voltar à Monarquia, falam alguns de repetir a Revolução republicana.

Na consciência popular, sem uma formulação política precisa o «5 de Outubro» ficou inscrito como um marco na longa caminhada da luta do Povo Português pela democracia política, económica e social. Caminhada iniciada em 24 de Agosto de 1820 e que não se deverá considerar concluída com o 25 de Abril de 1974.

Os democratas não confundiram — durante o longo reinado salazarista — a formal manutenção de uma designação política, de uma bandeira e de um hino, com a existência verdadeira da República que o povo proclamara, de armas na mão e corações ao rubro, na histórica manhã de 5 de Outubro de 1910.

Durante os arrastados anos do «Estado Novo» esteve a República incontestavelmente reduzida a um mero «formalismo político» esvaziada de conteúdo democrático amputada da dimensão socializante que lhe é intrínseca, desprovida de participação popular.

A história da República reflectirá este circunstancialismo. A 1.ª República durou dezasseis anos. Não é este o lugar e o momento para traçarmos o balanço histórico desses dezasseis anos. Acaso teríamos que reconhecer o bom fundamento de muitos dos reparos críticos de António Sérgio. Mas, a esta distância não poderá deixar-se de reconhecer que a ideia republicana tinha a força bastante para que os monárquicos que serviram o «Estado Novo», e do «Estado Novo» se servissem, tenham preferido utilizar as instituições republicanas (esvaziando-as, repetimos, do conteúdo democrático) a consumir, por um acto-de-poder, a liquidação da República.

Não eram de ternura pela República os sentimentos de militares como José de Serpa, Sinele de Cordes, Raul Esteves nem de universitários como Carneiro Pacheco, Fezas Vital, Oliveira Salazar.

Não foi o respeito da legalidade que os deteve. Deteve-os o conhecimento da consciência popular. De uma consciência popular que, de modo difuso, sem aprofundamento ideológico, faz uma automática associação da República e da Democracia.

Por este singelo motivo, durante anos e anos, as comemorações da Revolução Republicana de 5 de Outubro de 1910 assumiram um carácter oposicionista. A palavra «republicano» converteu-se em sinónimo da palavra «antifascista». O simbolismo oficial foi marginalizado pela prática democrática popular. As comemorações republicanas revestiam-se de um carácter demonstrativo e protestatário. Eram afirmações de consciência democrática de esperança na mudança, de vontade de mudar.

O 25 de Abril operou uma mudança qualitativa nas comemorações do 5 de Outubro: já não são «manifestações contra», são agora «manifestações por». Mas não devem limitar-se a ser simples jornadas de saudade, de evocação e de recordação.

A veneração dos mortos, dos combatentes, dos heróis, deve falar aos vivos de alguma coisa mais do que de memórias. A República não pode continuar a ser comemorada como uma memória.

Já não é a parada dos sobreviventes. Nem poderá ser a parada dos familiares dos sobreviventes. Deverá ser uma jornada cívica, relacionada com as tarefas actuais da Revolução democrática que estamos vivendo, e voltada para a construção do «País novo».

As comemorações do 5 de Outubro não deverão esquecer que, se é piedoso florir as campas e os monumentos, é mais fecundo formar a consciência política das novas gerações no culto de valores que são os que unem, como arcos da mesma ponte entre passado e futuro, os momentos históricos: 1820, 1910, 1974.

Em Outubro comemoremos Abril. E falemos da República, da sua força e da sua fraqueza, das suas virtudes e dos seus erros, pensando menos nas lendas de ontem, pensando mais nos problemas de hoje.

Homenagear a República é defender a República. Uma República democrática que seja caminho para o Portugal mais livre, mais justo, mais fraterno.

Homenagear a República é defender Abril.

PODER LOCAL

Junta CDS/PPD mantém carências na Quinta do Narigão

«A Quinta do Narigão é um exemplo do desprezo a que são votadas as camadas mais necessitadas da população» — afirma, na freguesia de S. João de Brito, a Aliança Povo Unido.

E porquê...? Porque, sendo muitas as carências, estão por resolver as seguintes:

Ligação da água — as condutas estão feitas há um ano e... nada.

Bocas de incêndio — porque não instaladas, se houver fogo numa barraca há o risco de arder todo o bairro.

Contentores a menos — as

lixéiras continuam a ser uma realidade.

Desratização — é necessária concretizá-la, visto que «existem ratos do tamanho de coelhos».

Esgotos — uns entupidos e outros com os tampões partidos. Criança que «caia num deles morre afogada».

Todos estes problemas foram muitas vezes debatidos pelos moradores nas sessões da Assembleia da Freguesia com o apoio da APU, «mas a Junta CDS/PPD tem continuado a demonstrar desinteresse total pelos problemas que afligem a população, não dando anda-

mento às reivindicações apresentadas.»

Relativamente à falta de bocas de incêndio, aponte-se que no passado dia 27 de Agosto deflagrou um incêndio numa barraca, propagando-se imediatamente a outras duas. Mais tarde, as chamas ainda atingiram uma quarta barraca.

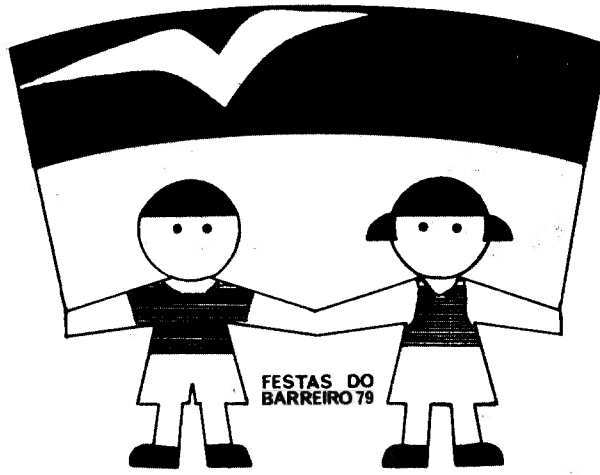
Só a rápida intervenção dos moradores das casas vizinhas e dos Bombeiros Voluntários da Freguesia conseguiram evitar que dezenas de barracas fossem consumidas pelo fogo.

As três famílias que habitavam as barracas destruídas pelo incêndio, perderam todos os seus haveres, ficando apenas com a roupa que tinham no corpo...

Covilhã comemora 109 anos de cidade

A cidade da Covilhã comemora no próximo dia 20 do corrente o 109.º aniversário da sua fundação.

Das celebrações a realizar destacam-se uma exposição documental do trabalho do Município em todos os domínios e uma homenagem à memória de Duarte Simões, que foi o primeiro reitor do Instituto Politécnico da Covilhã e grande impulsor do plano de desenvolvimento da Cova da Beira.



Festas do Barreiro começam amanhã

● Evocação do 5 de Outubro

Com o içar da bandeira nacional na Câmara Municipal do Barreiro, e a participação da população, começam amanhã naquela vila operária as Festas do Barreiro 79, que se prolongarão até ao próximo dia 14.

Do programa a cumprir amanhã destacam-se a 1.ª etapa do «I Grande Prémio Internacional de Ciclismo do Distrito de Setúbal», num contra-relógio de 28 quilómetros. O sinal de partida será dado às 9 e 30.

A segunda etapa daquela prova disputa-se a partir das 15 e 30, processando-se ao longo de 90 quilómetros.

A meio da tarde (16 horas), efectua-se um desfile folclórico, exibindo-se, a partir das 17, no recinto principal das Festas, o Rancho Folclórico da Ribeira de Santarém, o Rancho Folclórico da Romeira de Santarém e o Grupo de Danças e Cantares de S. Domingos (Santarém).

Às 19 horas, proceder-se-á à abertura oficial da feira franca,

arraial e sector de exposições (actividades industriais e comerciais do Barreiro, didácticas, etc.).

Uma sessão comemorativa relativa à proclamação da República realiza-se, com início às 21 horas, em «Os Penicheiros», constituída pela actuação da Banda do Barreiro e diversas intervenções políticas.



Castro Marim condena construção da central termo-nuclear na província espanhola de Badajoz, uma vez que o empreendimento afectaria as águas do Guadiana, considerado um dos rios menos poluídos da Europa

Município de Castro Marim contra central nuclear na província de Badajoz

Ao ter conhecimento de que está em vias de execução a instalação de uma central termo-nuclear na província espanhola de Badajoz em terras banhadas pelo rio Guadiana, e para onde, segundo consta, se projecta esgotar os resíduos de tal instalação, a Câmara Municipal de Castro Marim aprovou uma moção, fazendo-se eco do parecer de muitos alcaides que, como oportunamente foi noticiado, desaprovam frontalmente a construção da referida central.

O Município de Castro Marim baseou a moção no facto de o rio Guadiana ser um dos menos poluídos da Europa.

Além disso, lembra o Município que será das águas do Guadiana que virá a proceder-se ao abastecimento de água a diversas povoações, uma vez que o caudal de águas subterrâneas é cada vez mais exíguo.

A CRÔNICA AGRÍCOLA

Continuação da pág. 3

cumprindo com palavras dadas, nem aceitando compromissos que agridem as leis.

Esperemos, agora, que as reservas telefonadas deixem de fazer-se, que se acabe com o arbitrio e a violência, e com a cadeia contínua de ilegalidades a cobrir ilegalidades.

E tem de exigir-se do MAP, a correcção das ilegalidades cometidas pelos anteriores titulares.

Assim se espera. Assim os esperam os trabalhadores alentejanos.

O VINHO

Os meses que aí vêm, vão ser de apreensão e, mesmo mais, de deterioração económica, particularmente para os produtores de vinho.

E, ou se encara esta situação com toda a gravidade que contém, ou poderá correr-se o risco de acentuada irreversibilidade.

Há nuvens negras sobre o horizonte que pressagiam tempestade.

E quem desencadeou a tempestade foi a Junta, foram os ministros responsáveis do sector, foram mesmo Cooperativas, com a visão estreita e profundamente errada por acompanharem e promoverem a alta de preços. Foram exportadores, foram, ainda, os armazenistas internos.

A Junta nunca respondeu minuciosamente a muitas das questões aqui postas. A acção de importação e a mais insensata e irresponsável atitude de permissão altista do preço do vinho até atingir os limites do repúdio do consumo, com erosão brutal do poder de compra da totalidade da massa trabalhadora, provocaram um afundamento do consumo que atinge valores da ordem dos 40 a 50%.

Esta é a situação actual do mercado, que, globalmente, não deve absorver mais que 4 mi-

lhões de hectolitros, a juntar-se a isto, a exportação, também, em quebra acentuada.

Este o diagnóstico da situação. E, no meio de tudo isto, aproveitam-se alguns casos de mixórdice, do chamado vinho a martelo, para a sua volta, se fazer uma algazarra, um alarido tolo, demagógico e imprudente, com o fim único de esconder as verdadeiras causas da situação, pois, é sabido, que as quantidades de tal vinho a martelo não têm qualquer significado económico, perante os volumes normais produzidos e consumidos.

Mas o alarido teve uma profunda acção psicológica de afastamento do consumidor.

O descontrolo e a selvajaria do circuito comercial, desde o produtor, ao armazenista, ao taberneiro, ao restaurante, ao Estado, com um imposto de transacção que atinge as raízes da loucura, tudo funcionou aditivamente para criar uma atmosfera de profunda crise económica de produção de 12 milhões de hl e que será seguida possivelmente de outra boa colheita.

Perante esta situação há só um caminho a seguir. Nesse sentido, devem tomar-se as mais enérgicas medidas, de abaixamento do preço do vinho no consumidor, pois, não é possível, em termos reais que o Estado disponha de meios necessários para escoar a produção. Necessário ainda recuperar o anterior nível de consumo. Anuncia-se que a Junta propôs, ou vai propor ao Governo, o preço de 20\$00 por litro — 12 graus.

O preço do vinho no produtor, mais 2 ou 3\$00, para trás ou para a frente, tem relativamente pouco significado. Mas aquele preço vai repercutir-se no consumidor, em livre circuito, em 30 a 40\$00/litro no garrafão e na caneca de litro, que são 8 decili-

tros, na tasca ou na restaurante, em 50\$00/litro. Vai fazer com que meia garrafa de vinho de rótulo não seja vendido a menos de 40 — 45\$00, e a garrafa no mínimo 100 — 120\$00.

Estes preços não vão permitir um consumo público de mais de 3 a 4 milhões de hl. E um e outro ano provoca a transferência de hábitos e cria-se todo o clima de penetração e abertura das internacionais dos sumos, e da água com açúcar e corante.

Que medidas tomar perante esta situação?

O produtor tem de ser realista. E se teima, por si, ou pelas suas organizações em fazer finca-pé em preços altos, arrisca-se a ficar com o produto em casa. Se a Junta o tirar ou o produtor o entregar a Cooperativas, é certo e sabido que vai esperar dois ou mais anos para receber o dinheiro. Dada a taxa de juro e o desgaste da «stockagem», no fim do ano o preço está agravado em 30%.

Impõe-se o mais rigoroso controlo do circuito comercial e, o vinho em garrafão, não pode ultrapassar os 110 a 120\$00.

O Estado tem de abolir, de imediato, o imposto de transacção dos engarrafados nos dois a três escalões mais baixos e, não permitir a venda nos restaurantes correntes, ficando de fora os de luxo, a preços que pratiquem margens de comercialização superiores a 40%.

Para os vinhos a caneca, a margem de comercialização não poderá ser superior a 30%.

A legislação sobre os circuitos comerciais que obriga, nos grandes centros consumidores, ao trânsito pelos armazenistas, tem de ser alterada.

O restaurante, a taberna, têm de ter livre acesso à compra no produtor. Impõe-se a revogação de legislação que não permite a

venda de vinho em garrafa sem rótulo.

São tudo medidas corporativas com que há que acabar. Se a Junta não obriga os armazenistas a «stockagem» estes são desnecessários.

E desde já, pensar a sério, na exportação. Não é à última hora, que podem resolver-se os problemas. Um planeamento eficiente talvez permitisse, ajudar financeiramente a retirada dos vinhos.

Na situação que está a desenvolver-se cabe papel muito importante às adegas cooperativas dado o peso com que já intervêm no circuito comercial. Não podem, nem devem, deixar-se arrastar por especulações altistas. Não defendem os produtores, mas agridem-nos.

É preciso ter os olhos postos na cerveja e nos sumos. E, para isto, observem-se as mesas dos restaurantes. Poucos bebem vinho.

Impõe-se, dese já, que as Cooperativas intervenham fortemente neste processo.

A Direcção da Junta é incompetente. A sua actuação não é clara, nem transparente.

O sr. Casqueiro da CAP, nada disse contra a importação. Vai, segundo parece, para deputado da Aliança Reaccionária. Vai bem. E está lá bem. Assim, já não engana ninguém.

Nota: Já depois de enviada esta crónica para o «Diário de Lisboa», a Junta veio à TV. Não ouvimos.

Estes assuntos não se tratam na TV. Tratam-se com comunicados oficiais na imprensa, com números, com respostas precisas.

Espera-se que aconteça. As palavras leva-as o vento e o sono.



Dois aspectos da Quinta do Narigão integrada na Freguesia de S. João de Brito, cujo Executivo CDS/PPD (maioritário) se mostra desinteressado dos problemas que afligem quem ali habita

Estradas e arruamentos do concelho de Seia

Promovida pela Associação Técnica da Indústria do Cimento, efectuou-se, no Município de Seia, uma Jornada de Estradas e Arruamentos.

Esta Jornada, que teve a par-

ticipação de técnicos de entidades privadas e oficiais, visa o debate e a troca de experiências de temas relacionados com a construção e conservação de estradas e arruamentos no concelho de Seia.



Caminhos de Ferro Portugueses

LINHA DA BEIRA ALTA

Previnem-se os Srs. Passageiros de que a partir do dia 30 de Setembro são suprimidas do comboio com partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 8.50 horas, as carruagens directas para a Beira Alta. A partir da mesma data passará a efectuar-se um novo comboio directo para a Linha da Beira Alta, com partida de Lisboa (Santa Apolónia) às 7.50 horas.

MAP CEDE AS FORÇAS DA DIREITA?

Entrega de reserva sem diálogo em UCP de Montemor-o-Novo

Ainda com os acontecimentos de Montemor-o-Novo, em que perderam a vida dois assalariados agrícolas, demasiado nítidos na memória dos trabalhadores portugueses, o MAP entregou, ontem, a herdade da Defesa Grande, integrada na UCP «Resistência Popular» e situada naquele concelho, à agrária Maria Nazareth Almadanim.

Foram utilizados os mesmos processos de intimidação e ameaça e excluído, mais uma vez, o diálogo. O MAP, como sempre, impôs aos trabalhadores a aceitação da reserva, tendo comparecido no local um poderoso contingente da GNR, comandado pelo capitão Correia Dias, os técnicos do ex-CRRA de Évora afectos à CAP e um grupo de marginais contritados pelos agrários da zona.

Entre os técnicos destacados, pelo MAP, para a entrega da herdade da Defesa Grande encontravam-se Mexia de Almeida, um dos responsáveis pelos graves acontecimentos de Vale do Nobre, que, em determinada altura, segundo o testemunho dos jornalistas presentes, teria dirigido insultos contra os trabalhadores, manifestando claramente estar do lado dos agrários.

Armados de cajados que exibiam ostensivamente, os técnicos do MAP e cerca de vinte agrários, com a cobertura dada pela GNR invadiram as herdades dos «Nabinhos» e «Cabeça de Freixo», pertencentes à UCP e que nada tem a ver com a área da reserva. Por arrombamento penetraram num casão de onde roubaram um esclarecedor, propriedade dos trabalhadores, tendo-se ainda banquetado com os melões guardados naquela dependência.

ATROPELO DA LEI

A reserva abrange cerca de 800 dos 1.100 hectares que constituem a herdade da Defesa Grande e ainda gado (bovino ovino), as instalações uma

quantidade significativa de arroz e maquinaria diversa. Os trabalhadores, consideram a disposição do MAP ilegal baseando-se no facto de estar em marcha o processo de uma outra reserva na mesma exploração agrícola a favor dos netos de Maria Nazareth Almadanim, que tem 71 anos de idade. Por outro lado a reservatária explora ainda as herdades «Corta Rabos de Baixo», de 385 hectares e 46.161 pontos, «Mendonça» e «Cerca de Aldeia», sendo também usufruária de todo o património rústico dos netos, num total superior a 20.000 pontos.

Os trabalhadores que se recusaram a assinar a acta de entrega, permaneceram, à distância, sem tomar qualquer atitude. As provocações, feitas pelos agrários e consentidas pela GNR, responderam com o silêncio. Embora o ambiente estivesse carregado de tensão não se registaram incidentes e isso deve-se ao procedimento dos trabalhadores que perceberam quais eram as intenções dos seus inimigos. Sabiam perfeitamente qual o significado da presença no local de vinte agrários e de cem homens da GNR, dispostos a fazer mais vítimas.

POLÍTICA INSENSATA

A propósito da entrega da herdade da «Defesa Grande» o Secretariado Distrital das UCP's e Cooperativas Agrícolas de Évora emitiu um comunicado no qual condena a «orientação insensata do MAP» que parece empenhado em prosseguir o programa de reservas com base na aplicação dos despachos ilegais do Governo Mota Pinto.

«Sem ter em conta as constantes reclamações e propostas dos trabalhadores — afirma-se no comunicado — o MAP continua a ceder às forças da direita e, em particular, aos agrários organizados na CAP».

De acordo com aquela organização representativa dos trabalhadores o comportamento do MAP está a «animar propósitos,

conspirativos e destabilizadores, das forças reacçãoárias, desencadeando situações que depois não consegue dominar...» Perante isto, as UCP's reclamam a suspensão da ofensiva contra a Reforma Agrária, a abertura de um efectivo diálogo com os trabalhadores e o rápido esclarecimento dos acontecimentos de Vale do Nobre.

Pretende, ainda o Secretariado Distrital das UCP's e Cooperativas Agrícolas de Évora que Maria de Lourdes Pintasilgo responda favoravelmente aos pedidos de entrevista que lhe foram feitos pelos organizações dos trabalhadores da Reforma Agrária para, em conjunto com o ministro da Agricultura e Pescas, «se debater a situação existente». De outra forma os trabalhadores poderão interpretar o seu silêncio como «uma recusa do Governo ao diálogo».

EM AVIS

O MAP vai entregar mais duas reservas, hoje, no concelho de Avis, nas terras da UCP «1.º de Maio» e «29 de Julho», respectivamente aos agrários Marcelino das Neves e Vitor Roberto Mendes.

Trata-se, segundo os trabalhadores, de mais duas disposições ilegais sublinhando o Secretariado Distrital das UCP's e Cooperativas Agrícolas de Portalegre que um dos reservatários, o pretendente à herdade da Cunha, integrada na «1.º de Maio», para além de sofrer de perturbações mentais é reconhecidamente um abertista.

Por outro lado, a reserva na herdade Margem de Cima, a favor de Victor Roberto Mendes e outros também colide com os preceitos da Lei Barreto dado que os reservatários são abertistas, não tendo nunca explorado directamente a terra. Na data da ocupação a herdade estava a ser trabalhada por um rezeiro, a quem os trabalhadores compraram gado e outros bens, como se pode fazer prova através de documentos.



Passagem na freguesia do Lavre, a caminho da UCP

APÓS VISITA A UMA UCP

Berlinguer visitou a Setenave e o Conselho da Revolução

Na sequência da sua visita a Portugal, a convite do PCP, o secretário-geral do PCI, Enrico Berlinguer, visitou durante a manhã de hoje a Setenave, tendo previsto ao fim da tarde, após uma «visita de cortesia» ao Conselho da Revolução e uma conferência de imprensa no Centro Vitória, um encontro com o dirigente do PS, Mário Soares.

Na visita ao CR, Berlinguer será recebido por uma delegação de que fazem parte o Chefe do Estado-Maior do Exército, general Pedro Cardoso, o tenente-coronel Melo Antunes e o comandante Martins Guerreiro.

Ontem, o dirigente comunista italiano esteve na zona da Reforma Agrária, onde visitou a UCP «Boa Esperança», localizada no concelho de Vendas Novas, com uma área de 6101 hectares, dos quais 3732 são de montado de sobreiro; 200 de montado de sobreiro e azinho; 70 de eucalipto; 30 de pinhal; 100 de olival; 368 de montado com culturas sob coberto; dois hectares de pomares e 1600 de terra limpa.

Acompanhado pela delegação do seu partido, e por António Gervásio, António Murteira, am-

bos do CC do PCP e pela direcção da UCP, Berlinguer visitou, durante a manhã, a vacaria e a plantação experimental de tabaco da «Boa Esperança», tendo depois almoçado com os trabalhadores.

De tarde a delegação italiana esteve algum tempo no curso de operadores de máquinas agrícolas a decorrer naquela UCP, tendo depois visitado todas as instalações e respectiva sede social.

Trabalham, actualmente na «Boa Esperança» 199 homens e 122 mulheres que cultivam o triplo e dobro respectivamente da área de sequeiro e regadio do tempo anterior à expropriação. Antes o efectivo pecuário era de 17 vacas leiteiras e 361 cabeças. Hoje os números são respectivamente 87 e 654. Antes, no tempo dos agrários, havia 1364 ovinos, hoje são 2366. Suínos eram 22, agora são 221. Quanto a máquinas e alfaías passaram de 73 para 165.

Desde a aplicação da Lei Barreto foram já tiradas à «Boa Esperança», três reservas num total de 460 hectares, quatro tractores, uma ceifeira-debulhadora, outras nove máquinas e alfaías, 214 cabeças de gado, além da cortiça da herdade das Várzeas (estiveram lá 90 GNR's que provocaram um ferido grave).

Entretanto, os trabalhadores da UCH já investiram na unidade duas malhadas para porcos, um ovel, três tanques-banheiros para gado, três depósitos de água, sala de ordenha, repara-



Um brinde, durante o almoço com os trabalhadores, de homenagem à Reforma Agrária

ção, electrificação e ampliação de uma vacaria; ampliação do pavilhão de engorda de bovinos; quatro albufeiras; um furo; compra de um armazém para cereais com escritório anexo, além de 600 hectares de terras desbravadas.

Entretanto, o secretário-geral do PS, Mário Soares, manifesta hoje, em artigo assinado no órgão oficial do seu partido «Acção Socialista» a opinião de que a visita de Berlinguer tem «um simbolismo que não pode ser afastado». Soares, que em tempos recentes exaltou o líder comunista italiano na sequência de críticas e ataque ao PCP e ao seu secretário-geral, considera agora que «o eurocomunismo tão fiado há dois anos parece ter sido posto no congelador» e que o PCI parece «ter iniciado uma fase descendente de refluxo».

POR TODO O PAÍS

Continua indignação pelo crime de Montemor

O movimento de protesto contra os acontecimentos de Montemor-o-Novo alarga-se a diversos sectores de actividade da vida portuguesa, tendo sido inúmeras as posições já manifestadas por partidos, organizações populares, sindicatos, autarquias e até mesmo de pessoas, a título individual.

O crime indignou os trabalhadores que exigem dos órgãos do poder a punição dos responsáveis. Afirma-se numa moção da Comissão de Trabalhadores da Metalúrgica Luso-Italiana que «os agentes da dita ordem já não escondem o estímulo dado pelas forças reacçãoárias que Mota Pinto instalou no aparelho de Estado».

AGRÍCOLAS DE LISBOA

Por outro lado o Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura, Pecuária e Silvicultura do Distrito de Lisboa informa que os seus associados prestaram homenagem aos dois assalariados agrícolas mortos, fazendo um minuto de silêncio na assembleia geral extraordinária no passado dia 30. «O que está por detrás de tudo isto?» — interrogam os traba-

lhadores agrícolas do Distrito de Lisboa.

Também o Sindicato dos Ferrovieiros do Centro, em nome do pessoal das Oficinas do Entroncamento e dos Ferrovieiros do Rossio, Santa Apolónia e Camplide se pronuncia contra as atitudes tomadas pelos inimigos da democracia. Igual posição foi tomada pelo Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações do Porto, Comissão de Trabalhadores da Unor (União do Comércio Exportador), Comissão de Trabalhadores da Lusailite, trabalhadores da Guide Artes Gráficas Ld., Comissão de Trabalhadores da Construtora do Tâmega (Parque de Bucelas), comissão sindical da Metalsul, do Casal do Marco, comissão sindical da Sarmil, Rodrigues e Rodrigues, FARL, Comissão de Trabalhadores da Fábrica de Papel do Tojal de Loures, comissão sindical do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, trabalhadores da Cise, Comissão de Trabalhadores e delegados sindicais da Guerin, Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Metalomecânica do Distrito de Setúbal e ainda os trabalhadores da construção civil da obra dos Assentos

de Vila Nova (Portalegre).

Igualmente os delegados sindicais da Secretaria-Geral da Presidência do Conselho de Ministros se juntam ao amplo movimento de protesto que se levantou em todo o País, condenando a violência que se tem feito sentir nas terras da Reforma Agrária.

ESCOLAS E ASSOCIAÇÕES

Das escolas superiores e secundárias também têm vindo manifestações de repúdio, nomeadamente da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa, das Escolas Preparatórias Francisco Arruda, Almeida Garret (Alfragide) e D. Maria, do Liceu D. Pedro V e ainda dos docentes universitários do Instituto Universitário de Évora. Estes últimos sublinham no seu comunicado que «aguardam do Executivo uma condenação firme dos actos que contrariam frontalmente a vontade e o espírito de diálogo invocados pelo V Governo».

Aos protestos associam-se,

ainda, a Assembleia de Freguesia de Alhos Vedros, a Comissão de Moradores e Colectividades do Feijó, a Assembleia de Freguesia de Palhais (Barreiro), o Conselho de Moradores da Freguesia de Caparica e a APU dos Prazeres.

Entretanto, a população de Cuba, reunida em plenário exigiu a prisão e castigo dos responsáveis pela morte dos assalariados agrícolas Casquinha e Caravela. A título individual manifestou-se ainda João Crisóstomo, ex-sub-director do CRRA de Évora. Entre os inúmeros telegramas enviados ao Primeiro-Ministro e Presidente da República destaca-se o assinado pelos advogados de Abrantes, Francisco Lopes Correia Semedo, Eurico Consciência, José Manuel Amaral, Carlos Alberto Vicente Carrolo e João Viana Rodrigues.

Associações Culturais e Recreativas, nomeadamente a direcção da União Desportiva Recreativa de A dos Lourenços e da Sociedade Filarmónica Incrível Almadense também expressaram o seu repúdio pelos acontecimentos de Montemor-o-Novo.



Berlinguer com a administração da Setenave

CIENTISTAS SOVIÉTICOS INVESTIGAM

A Atlântida deve situar-se entre Lisboa e a Madeira

Chegaram a Las Palmas dois navios oceanográficos soviéticos para recomençar as buscas da lendária Atlântida.

Os dois navios são o «Peter Lebedev» e o «Sergei Vavilov» que transportam a bordo 160 cientistas e técnicos com a missão de estudarem minuciosamente o triângulo compreendido entre as ilhas dos Açores, Madeira e Canárias.

As pesquisas foram reactivadas em consequência dos estudos do cientista soviético Andre Arkadiev Aksionov, que baseado em fotografias submarinas obtidas há dois anos por um colega seu, Vladimir Marakuyev, afirma terem sido descobertos vestígios do lendário continente.

Aksionov opina que a Atlântida deverá situar-se entre Lisboa e a Madeira, a 400 quilómetros das costas portuguesas.

Esta teoria baseia-se na descoberta de pedras de sec-

ção regular, aparentemente obra humana, fotografadas por Marakuyev no topo do Monte Ampere, um antigo vulcão submerso.

A localização agora atribuída à Atlântida é pelo menos a trigésima apontada como possível para o antigo continente, sendo contudo a mais próxima da referida por Platão.

O próprio Platão mencionava a Atlântida baseando-se em Solon que, por sua vez, teria tido conhecimento do continente desaparecido por relatos de sacerdotes egípcios.

Segundo Platão, a Atlântida tinha uma área dupla da que compunha o território que ele chamava Libia e situava-se no Oceano Atlântico, para lá das Colunas de Hércules, o actual estreito de Gibraltar.

Esta é a primeira vez que um «candidato à Atlântida»

está tão perto da situação apontada por Platão. O problema é que à volta do Monte Ampere, a profundidade atinge cerca de 3.000 metros.

Por outro lado, o que pode favorecer a teoria do professor ksionov é que, com efeito, a região que se encontra a Este da zona de ractura entre a placa americana e a placa euro-africana, chamada «rift» ou ainda dorsal médio-atlântica, é uma zona vulcânica.

Teoricamente, a Atlântida teria existido há cerca de nove mil anos tendo vindo a ser submersa por violentas marés causadas pela entrada em actividade de vulcões.

Um caso semelhante pode aliás verificar-se em 1883 na erupção do vulcão Krakatau situado ao largo de Java e que provocou o desaparecimento da ilha em que se encontrava e que tinha uma área de cerca de 50 metros.

Cem anos de inventos ignorados

Um ano após a descoberta de Graham Bell já entre Carcavelos e Lisboa circulava, nas linhas eléctricas, a interrogação que se transformou no nosso quotidiano: «Está lá?».

Em 1882 já havia cem linhas privativas telefónicas entre Lisboa e os arredores e o rei D. Luís, engripado, ouvia na cidadela de Cascais uma ópera telefonicamente transmitida de S. Carlos. Bortaldo Pinheiro fixou o histórico momento numa caricatura célebre.

Aquele ano é, porém, o da abertura das primeiras linhas públicas entre Lisboa e Porto. O «Está lá?» generalizava-se, antes de se tornar a obsessão colectiva do nosso século.

Entretanto, algo de importante tinha acontecido para a história das comunicações em Portugal: um segundo-sargento telegrafista, Cristiano Augusto Bramão, criava, em 1879 (precisamente há cem anos), dois novos tipos de telefone — o telefone de mesa Bramão e o telefone de pilhas Bramão.

As criações são realmente inovadoras e com elas, paralelamente a três novos tipos de telegráfo, dois galvanómetros e uma mesa telegráfica, Bramão obtem, na Exposição Universal de Paris, a grande medalha. Foram seis essas medalhas e as restantes couberam a Bell, a Edison, Baudot, Gray e Meyer, nomes sonoros das enciclopédias, onde não figura Bramão (nem mesmo na luso-brasileira).

Bramão morreu aos 41 anos, como funcionário da Direcção-Geral dos Telegrafos sem poder dar continuidade à obra brilhantemente começada.

Os aparelhos de Bramão e de outros inventores portugueses, que podem ver-se no museu dos CTT/TLP, em Lisboa, estão, presentemente, em exposição nas salas da Gulbenkian, numa mostra comemorativa e integrada na reunião anual da Associação Internacional dos Museus dos Transportes e Comunicações, que está a realizar-se na Sociedade de Geografia desde a última segunda-feira.

Cristiano Bramão não foi o único pioneiro. Os seus aparelhos foram construídos por um homem um pouco mais velho, Maximiliano Augusto Hermann, de profissão inspector dos Caminhos-de-Ferro, que começou a sua actividade inventiva introduzindo profundas (e úteis) alterações ao telégrafo Morse. O telefone viria a fasciná-lo, sendo ele a montar a primeira linha Bell

entre o Observatório da Ajuda e a Escola Politécnica.

Logo criaria o «telefone privilegiado» largamente utilizado em linhas privadas dentro da cidade de Lisboa. Foi, igualmente Hermann a executar a primeira instalação particular de luz eléctrica em Lisboa, além de tratar de fortificações militares e de inventar o «balão-sinal» que, ligado electricamente ao Observatório da Ajuda, dava a hora exacta aos navios ancorados no Tejo.

Outros nomes figuram na exposição: os de Francisco Xavier de Carvalho (que criou uma máquina perfuradora para inutilização de selos e telegramas), Silva Leitão e Lázaro dos Santos, João José Rato, José Tavares, Dragazzi de Figueiredo, Joaquim José de Almeida, José Nunes Diabinho, Anselmo Duarte e uma mancha de outros que terminaram a vida como funcionários públicos, um tanto desanimados de alcançarem a glória que lhes esteve praticamente nas mãos.

A exposição da Gulbenkian tem ainda um interesse paralelo: a técnica dos finais do século dezanove não deixava de se fazer acompanhar pela arte, a

forma que se designou por arte nova. E um exemplo fascinante são os «relógios universais» de Veríssimo Alves Pereira, coroado por estatueta em bronze de cronos, que muitos escultores do tempo não teriam desdenhado.

Alves Pereira, que «inventou e construiu» (como se lê nos relógios) permitia com o seu invento saber-se não apenas a hora local como a de qualquer ponto do globo. Castilho cita-o na «Lisboa Antiga» e o relógio teve os seus aplausos quando exposto na estação dos telégrafos do Terreiro do Paço, onde acorram multidões para olhar a maravilha.

Na exposição figuram 24 inventores, três dos quais não puderam ser identificados. Fascinados pelas potencialidades da electricidade, estes ignorados inventores portugueses do século das luzes não se limitaram a aceitar passivamente os novos aparelhos vindos do estrangeiro. Introduziram-lhes modificações e, em muitos casos, melhoraram-nos. Quando não inventaram, desde a base, novos equipamentos.

(Roby Amorin (ANOP))

A TELEVISÃO E AS CRIANÇAS

As mais prejudicadas são as de menores recursos

As crianças de operários vêm muito mais televisão e mais demoradamente do que os filhos de famílias mais abastadas, segundo afirmou um psiquiatra francês, o dr. Moor, num colóquio anual de médicos que começou na passada segunda-feira em Paris.

Com efeito, vários estudos

demonstraram que as crianças que podem praticar desporto, ler ou ter outras actividades interessantes são menos fascinadas pelo pequeno «écran». Nos meios modestos, os que não têm televisão envergonham-se do facto: «Não se sentem como os outros».

A assiduidade televisiva, se-

gundo o psiquiatra, cresce até à adolescência e diminui em seguida. Com efeito, o adolescente rejeita a televisão como passatempo familiar à medida que se vai emancipando.

A propósito das cenas de televisão, parece que a visão repetida de cenas brutais aumenta a agressividade dos indivíduos que já tem tendência para ela.

Finalmente, no intuito de evitar qualquer frustração, o dr. Moor dá o conselho aos pais de não mandarem os seus filhos para a cama no meio dum filme: mais vale que vejam tudo ou que não vejam nada.



**CONFEDERAÇÃO GERAL
DOS TRABALHADORES PORTUGUESES
INTERSINDICAL NACIONAL**

**TEATRO MUNICIPAL DE S. LUÍS - DIAS 4,
5, 6 E 7 (duas sessões) - TEATRO
KOMSOMOL LENINISTA DE MOSCOVO**

**«ESTRELA E MORTE
DE JOAQUIM MURIETA»**
(segundo a cantata dramática de Pablo Neruda)

BILHETES À VENDA:

Dias 2, 3 e 4: União dos Sindicatos de Lisboa; Sindicato dos Ajudantes de Farmácia do Sul e Ilhas; Sindicato dos Trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa; Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Celulose, Papel e Cartonagem do Sul; Sindicato do Comércio de Lisboa; Sindicato dos Trabalhadores Aduaneiros em Despachantes e Empresas de Lisboa; Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos; Sindicato dos Ferrovianos do Centro; Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Sul; Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca; Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica de Lisboa; Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Metalúrgica de Setúbal; Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Química Centro, Sul e Ilhas; Sindicato Nacional dos Técnicos de Desenho; Sindicato dos Telefonistas de Lisboa; Sindicato Vidreiros (delegação de Lisboa); Sindicato Cerâmica Cimentos de Lisboa.

Nota importante: Os Bilhetes vendidos nas organizações sindicais acima referidas têm desconto cujo valor é fixado pelo próprio sindicato.

Dias 2, 3, 4, 5, 6 e 7: Bilheteira do Teatro Municipal de S. Luís.



**CÂMARA MUNICIPAL
DE ALCÁCER DO SAL**

COMUNICADO

A Câmara de Alcácer do Sal deliberou por unanimidade na sua reunião de 28 de Setembro de 1979, declarar luto municipal no Concelho, durante três dias pela morte de 2 trabalhadores rurais da UCP Bento Gonçalves de Montemor-o-Novo, barbaramente assassinados por torças da GNR. A bandeira do Município será colocada a meia haste nos dias 28, 29 e 30 do corrente mês.

Igualmente foi deliberado, na reunião referida, enviar telegramas de repúdio ao Presidente da República e ao Governo e fazer-se esta Câmara representar, oficialmente, nos funerais das duas vítimas que tombaram pela defesa da Reforma Agrária e das Conquistas de Abril que a reacção não destruiu.

Alcácer do Sal, 28 de Setembro de 1979.

A CÂMARA MUNICIPAL DE ALCÁCER DO SAL

**comício
amizade**
**ENRICO BERLINGUER
ÁLVARO CUNHAL**
6 OUT. 21.30 H./PAV. DESPORTOS



"700 MIL CONTOS À DERIVA"

História quase completa da fraude

Uma das maiores fraudes cometidas nos últimos tempos no nosso país, a que o «DL» se tem vindo a referir, como o caso dos «700 mil contos à deriva», tem merecido da parte das autoridades policiais e judiciais um incompreensível silêncio. A princípio admitia-se tal atitude como medida para não prejudicar as investigações e não alertar presumíveis delinquentes envolvidos nas burlas, mas, quando os intervenientes estão identificados e as suas responsabilidades devidamente apuradas a ponto de o juiz de Instrução entender ser já possível restituir à liberdade os presumíveis autores, parece ser altura de se informar o público do que está a acontecer.

Os órgãos de Comunicação Social, a começar pelo «DL» que foi o que em primeira mão alertou a opinião pública, têm sido forçados a investigar por conta própria para divulgar o que as respectivas autoridades teriam obrigação de levar ao conhecimento público.

Assim o «DL» pode hoje fornecer aos seus leitores a versão o mais completa possível das circunstâncias em que foi processada a escandalosa fraude que envolve 700 mil contos, dos

quais, segundo fontes autorizadas, 150 mil nunca mais serão recuperáveis. Saliente-se já, que se alguma incorrecção houver a mesma ficar-se-á a dever à recusa das autoridades em fornecerem elementos à imprensa ou produzirem um comunicado completo.

EM FEVEREIRO COMEÇA A BURLA

Em fins de Fevereiro do corrente ano, alguém, cujo nome

preferimos não divulgar, tomou a iniciativa de alertar a Direcção-Geral das actividades Económicas de que os irmãos Lobatos (Carlos e Abílio) que negociam em carnes e géneros alimentícios, com armazéns na Bobadela, perto de Sacavém, estavam a negociar clandestinamente com divisas, em grandes quantidades, nomeadamente em francos suíços, tendo sido vista uma grande mala do tipo bancário completamente cheia de notas suíças. Desta denúncia nunca se ficou a saber se houve qualquer procedimento daquela Direcção.

Os Lobatos, excediam-se em exhibições de fausto, acompanhados pelo subgerente do Banco Espírito Santo de Sacavém, Edmundo dos Santos Alegria, que «por acaso» se encarregava da escrita dos Lobatos.

Na Direcção-Geral das Actividades Económicas, foi contactado o chefe das Relações Públicas, Mendes da Silva, e juntamente com os Lobatos foram referidos também os irmãos Chalaças, de Moscaide, um tal Re-

duto e o bancário Alegria.

Entretanto as actividades iam decorrendo e embora a agência do Banco Espírito Santo de Sacavém fosse devedora à sede, de largos milhares de contos, passou-se mais de um ano sen que a Inspeção aparecesse para efectuar a respectiva fiscalização que facilmente detectaria a fraude, o que só veio a

parte dos levantamentos ilícitos não se destinavam a negócios de gado, pois o Reduto dedica-se a negócios de propriedades, o Chalaça tem fábrica de confecções e faz outros negócios por fora e os Lobatos nunca se dedicaram ao gado, estando envolvidos neste ramo o bancário Alegria, além de um indivíduo de nome Carrapito e um outro,

tomáveis que os arguidos compraram recentemente muito provavelmente com os dinheiros da banca nacionalizada. Os comentários que em Sacavém se fazem sobre esta falta de iniciativa quanto à defesa dos valores defraudados não é muito elogiosa para as nossas autoridades judiciais.

Calcula-se que os prejuízos causados à agência do Banco Espírito Santo de Sacavém, deverão corresponder ao lucro da agência durante dois anos, levando em conta encontrar-se aquela agência numa zona de forte implementação comercial e industrial.

Aparenta-se como causa principal para a facilitação da fraude naquela agência o facto de o antigo gerente Gil Leitão, que se reformou em Fevereiro, não estar, por esse facto, à frente daquele estabelecimento bancário.

OS ARGUIDOS FORAM SOLTOS

Comô já noticiámos os arguidos encontram-se já todos em liberdade, mercê de decisão judicial, do Juiz de Instrução Criminal de Lisboa, com cauções a todos os títulos ridículas — a máxima é de 400 contos.

O bancário Alegria logo que libertado passou a ir «gozar» os colegas, especando-se com o seu «Mercedes» em frente do banco. Além disso, todos se gabam dos seus conhecimentos, protecções e influências, para não falar da intervenção providencial do advogado Proença de Carvalho que muito deve ter contribuído para a soltura dos arguidos.

Nem caso como o presente, ninguém pode evitar que as pessoas conjecturem de modo pouco apreciativo sobre as razões que levam indivíduos que praticam fraudes de tanta gravidade e que atingem importâncias tão elevadas a serem libertados sem terem sido devidamente acautelados os interesses em jogo.

Se na verdade foram acautelados esses interesses, estranha-se que as autoridades se remetam a um silêncio que pode dar azo a interpretações e conjecturas menos próprias.

Silêncio das autoridades

verificar-se depois da nossa notícia.

DETECTADA A FRAUDE

Durante o mês de Julho é alertado o Conselho de Gestão do Banco Espírito Santo para a burla dos cheques sem provisão.

Como os responsáveis bancários não tivessem pedido a intervenção das autoridades policiais, possivelmente numa estratégia tendente a defender os interesses internos, o caso transpirou e tivemos ocasião de nos referirmos ao assunto.

Seguiu-se a intervenção da Polícia Judiciária, que deteve o subgerente do Banco Espírito Santo de Sacavém, Edmundo Alegria; Granacho, de Santa Iria de Azoia, negociante de carros; Carlos Lobato, da Bobadela, negociante de carnes, géneros alimentícios e negócios em geral; Tony de Marinhais, negociante de gado; João Américo Militão Simões, negociante de frutas; Mário Rui da Silva Ribeiro; Diogo da Cruz Ventura; e Leontino Menino Carrapito. Parecia que a investigação avançava em grande velocidade, tanto mais que segundo uma informação fornecida pela PJ, cerca de 50 mil contos de valores haviam já sido recuperados.

Diz-se que o Abílio Lobato não terá tido a sorte do irmão Carlos, que foi preso, por «estar coberto» por altas influências.

NEM TUDO ERA GADO

Contrariamente ao que inicialmente foi divulgado, a maior

parte dos levantamentos ilícitos não se destinavam a negócios de gado, pois o Reduto dedica-se a negócios de propriedades, o Chalaça tem fábrica de confecções e faz outros negócios por fora e os Lobatos nunca se dedicaram ao gado, estando envolvidos neste ramo o bancário Alegria, além de um indivíduo de nome Carrapito e um outro,

apenas indivíduos do Banco Espírito Santo de Sacavém estavam directamente envolvidos na fraude, embora indirectamente, também surgisse o nome do gerente, do BNU em Sacavém, Figueiredo pertencia e agia no plano dos burlões. Assim os bancos referidos nas primeiras notícias, não estão directamente envolvidos na fraude, salvo como vítimas.

É estranho que estes indivíduos a quem foi dado tanto crédito, centenas de milhares de contos, possuem informações bancárias que implicavam o indeferimento de qualquer crédito por menor que fosse a importância, como os respectivos «dossiers» existentes na agência de Sacavém comprovavam, o que não impediu movimentos de dezenas de milhares de contos com um só cheque, sem provisão naturalmente.

ARTIMANHÁ DO BANCÁRIO ALEGRIA

O subgerente Alegria, para atemorizar colegas e superiores, fazia-se passar por família dos Espíritos Santos, fundadores do banco, e isto talvez explique o facto de o gerente de zona, Gomes da Costa, actualmente suspenso, não ter intervenido com a sua autoridade, apesar de, segundo tudo indica, não ter nada a ver com os burlões.

Quanto à recuperação de valores de modo a reduzir o montante da fraude, há quem se admire de que as autoridades não deitem as mãos às propriedades e au-

DEMISSÃO DO PRESIDENTE

Fundo de Fomento da Habitação jogo de interesses privados?

O engenheiro Manuel Gaspar, presidente do Fundo de Fomento da Habitação, apresentou o seu pedido de aposentação, na sequência de uma decisão do actual secretário de Estado da Habitação que retirou àquele Fundo a responsabilidade pela realização do programa de habitações para refugiados das ex-colónias criado em 1976. O programa previa a construção de 5000 fogos até Novembro de 1976 e 15 000 até agora. Contudo, apesar de já despendidos na sua execução 5 milhões de contos, o número de casas construídas ainda não ultrapassou as centenas.

A demissão do presidente do FFH vem confirmar o estado de apreensão existente naquele organismo, gerado pela decisão do secretário de Estado, eng. Júlio David Cândido Ferreira, que nomeou um grupo de trabalho para o programa da Comissão de Alojamento de Retornados (CAR) que integra dois elementos ligados a empresas de construção e cuja passagem pela CAR inicial ficou marcada por uma gestão «cheia de buracos». São eles: eng.ºs António Alfredo Pais da Silva Rosinha e Fernando Ferreira Santos. O conhecimento de tal nomeação motivou de imediato um clima de indignação no Fundo de Fomento da Habitação, organismo que desde Junho de 1978 geria aquele programa. Entretanto, continua por publicar o diploma orgânico, que parece encontrar resistências governamentais, apesar de já estar enformado pelo novo enquadramento jurídico das competências das autoridades locais e, por outro lado, foi anunciado o fim da comissão de serviço do chefe de Divisão da Expropriação de Terrenos, sector que tem sido fundamental no combate à especulação com os solos.

O grupo de trabalho da CAR que integra, além daqueles elementos, dois funcionários do FFH, eng. Artur Mendes Magalhães e dr. José Alberto Castela, ficará a funcionar, segundo o despacho de 25 de Setembro, sob a orientação do secretário de Estado. O FFH não foi consultado nem sobre a escolha destes dois funcionários, nem sobre o trabalho que irá fazer o grupo. Segundo o despacho (n.º 9/A/79) esta medida visa «permitir uma melhor planificação e aceleração da actuação do FFH». Como? — pergunta-se, se ainda

nem estão esclarecidas as condições em que foi gerido tão catástrofe o programa da CAR que teve o seu início em Março de 1976 quando Eduardo Pereira se encontrava no M. da Habitação. Quando o FFH tomou conta do programa, que envolve pesados encargos para o Estado (cerca de 8 milhões de contos), foram notadas várias irregularidades, quer a nível da construção dos pré-fabricados, quer quanto ao mobiliário. Colchões e móveis deteriorados e até desaparecidos, casas sem infra-estruturas, e casos em que existiam as infra-estruturas e as casas não, processos de concurso de mobiliário irregulares, houve de tudo um pouco. E mais: pagamentos a empresas que à partida revelavam estreita capacidade de umprimento dos contratos. Nada foi investigado, ninguém foi responsabilizado. Mas na comissão estavam António Rosinha e Ferreira Santos.

Curiosamente, na sexta-feira algumas horas depois da constituição do grupo, o eng. Rosinha apresentou-se no FFH na qualidade de representante da Associação de Empresas de Pré-fabricados por causa de assuntos

pendentes entre esta e a CAR.

A par disto, por despacho de 21 de Setembro, o secretário de Estado anuncia a não continuação da comissão de serviço do eng. João Oliveira Bengala, chefe da divisão do sector de Expropriação de Terrenos do FFH num dos considerandos do despacho é posto em dúvida um dos principais meios de acção do FFH — a aquisição de terrenos. Curiosamente, a propósito de expropriações feitas em Setúbal, construtores de Lisboa acusaram, em reunião recente, o FFH de expropriar muitos terrenos.

É sabido que as expropriações do FFH têm baixado os preços dos terrenos e a especulação também. Apesar das acusações, o FFH não tem feito mais do que cumprir a Lei dos Solos e a Lei das Finanças Locais.

Note-se, finalmente, que as empresas construtoras de casas pré-fabricadas, no âmbito deste programa, têm reclamado do FFH, sem êxito, o pagamento dos trabalhos efectuados e a revisão de preços dos mesmos. O actual secretário de Estado foi até há pouco administrador de uma das principais empresas nessas condições: a Novobra.

Trabalhadores rurais de Lisboa exigem salários e reformas dignas

Os trabalhadores agrícolas do distrito de Lisboa reclamam «salários dignos» e reformas que permitam uma velhice sem preocupações.

Apesar das melhorias observadas com o 25 de Abril consideram-se ainda mal pagos e vítimas da exploração dos agrários. Lamentam, por outro lado, que pelo simples facto de exigirem o cumprimento da legislação em

vigor ou por tentarem esclarecer outros trabalhadores, sejam intimidados e alvo de actos repressivos.

Continuam a verificar-se despedimentos no sector que incide, sobretudo, sobre dirigentes e delegados sindicais. Situação que, segundo afirma em comunicado, julgavam, impossível de se verificar num regime democrático.



THE WOODSTOCK

IN EUROPE

79

AO VIVO EM CASCAIS TOUR

(Pavilhão do Dramático) Sexta-feira 5 de Outubro às 21.30 horas.

"COUNTRY JOE" Mc DONALD

ARLO GUTHRIE E O SEU GRUPO

Bilhetes à venda — preço único por espectáculo — plateia, bancada A, B, C... 300\$00

Desconto especial na compra antecipada (até 25 de Setembro inclusivo) ... 250\$00

LOCAIS DE VENDA:

LISBOA

CASCAIS

INFORMAÇÕES:

Agências:

ABEP — Praça dos Restauradores · **Frisa** — Centro Comercial Imaviz · **Arco Iris** — Centro Comercial de Alvalade.

Discotecas:

Valentim de Carvalho — Rua Nova do Almada, 95 - Edifício Castil

Rua Castilho, 39 - Avenida de Roma, 49-C · **Melodia** — Rua do Carmo, 23/25

Livraria Gallieu — Av. Valbom · **Discoteca VC** — Rua Frederico Arouca, 26-A

CASCAIS POP — Telef.: 804242/3

Caça ao coelho abre no domingo

A caça ao coelho e a várias espécies de aves abre no próximo domingo. Entretanto, desde 15 de Agosto findo que os caçadores têm autorização para abaterem rolas e tordos.

De acordo com uma nota do MAP, a caça ao coelho, por homem e dia de actividade, não tem limites. Todavia, no caso de determinadas aves há que respeitar as determinações do MAP nesse sentido.

Assim, por cada caçador e dia, poderão ser abatidas 10 narejas, 3 galinhas; 5 abibes e tarâmbolas; 6 perdizes; e 2 sisões.

No que toca às perdizes, avisa o respectivo departamento do MAP que a sua caça estará proibida, durante a época venatória de 79/80, nos concelhos de Santo Tirso, Vila Nova de Gaia, Águeda, Anadia, Arouca, Coimbra, Condeixa, Espinho, Mealhada, Montemor-o-Velho, Oliveira de Azeméis, Ovar, Penela, Soure e Pombal.

No concelho da batalha foi reduzido para 3 perdizes o limite diário a abater por caçador, no período compreendido entre o dia 7 de corrente e 25 de Novembro, ficando proibida a caça à mesma espécie nesse concelho a partir da segunda das mencionadas datas e até ao termo da época. De assinalar, por igual, que foi reduzido para 2 perdizes por caçador o limite diário nos concelhos de Arcos de Valdevez, Braga e Cascais.

No de Viana do Castelo o limite será apenas de uma na época de 79/80, na área situada na margem esquerda do rio Lima, estando proibido em toda a restante área do concelho o exercício da caça àquela espécie.

As maiores restrições vão para a caça à lebre, só autorizada nos distritos de Vila Real e de Bragança, com o limite diário de uma peça. A caça à raposa e ao lobo é autorizada a partir da qual estas espécies só poderão ser apanhadas de batida e mediante permissão da Direcção-Geral do Ordenamento e Gestão Florestal. Também a partir do próximo dia 7 poderão caçar-se pombos bravos com negaça.

HOSPITAL DE SANTO ANTÓNIO

Ala Norte ameaça ruir: hoje já não há visitas

Os setecentos internados no Hospital de Santo António, no Porto deixarão de ter visitas a partir de hoje por tempo indeterminado.

Esta decisão, anunciada em conferência de imprensa pelo Conselho de Gerência do Hospital, é motivada pelo facto, de a ala norte do estabelecimento ameaçar ruir.

A ala norte, composta por dois pisos, sofreu há cerca de 3 anos um incêndio e até à data não beneficiou das obras que se impunham tendo apenas recebido reparações de «remedeio» —

acrescentaram.

Segundo o Conselho de Gerência do Hospital de Santo António, a suspensão das visitas irá diminuir as trepidações que a afluência dos visitantes transmitem às paredes e tectos em ruínas nos dois pisos da ala norte, onde estão internados cerca de 130 doentes.

São seis as enfermarias que estão instaladas nos dois pisos da ala norte e devido à capacidade de internamento do Hospital estar completamente esgotada, o Conselho de Gerência disse que não há possibilidades

de transferir os doentes internados na parte sinistrada.

A Secretaria de Estado está a tomar as diligências necessárias para solucionar o problema, e que, ao mesmo tempo, estão a ser estudadas formas de em breve serem novamente autorizadas as visitas aos doentes ali internados, sem pôr em risco a integridade de doentes e visitantes.

A receita que o Hospital de Santo António obtém da venda de bilhetes aos visitantes é, segundo um administrador, de cerca de 4 mil contos por ano e destina-se à Misericórdia do Porto.

Ex-embaixador do Egipto em Lisboa vai ser julgado em tribunal marcial

O antigo embaixador do Egipto em Lisboa vai ser julgado em tribunal marcial, segundo foi ontem anunciado no Cairo.

O ministro egípcio da Defesa revelou que o general Saad Ed-dine Chazli, ex-chefe do Estado-Maior do Exército e antigo embaixador em Lisboa será julgado sob a acusação de ter divulgado segredos de militares sobre a Guerra de Outubro de 73, entre o

Egipto e Israel.

Recorde-se que o antigo embaixador do Egipto em Lisboa denunciou as denominadas «iniciativas de paz» do presidente Sadat, durante uma conferência de imprensa dada na embaixada em Lisboa, considerando as actividades conciliatórias do presidente egípcio para com Israel como uma traição para a causa árabe.

O general Chazli foi o responsável pelas operações do Exército egípcio em 1973, cuja ofensiva acabou por ser sustida por ordem de Sadat quando se encaminhava para a vitória sobre os israelitas. Depois foi mandado para Lisboa, como embaixador, onde, no ano passado se revelou contra a política de Sadat.

HABITAÇÃO: DRAMA DE TODOS OS DIAS

Jovem de vinte anos "despeja" septuagenário

Passou-se no Bairro do Fundo de Fomento do Vale da Amoreira (Baixa da Banheira): Manuel Alves Tomaz resolveu pôr o seu inquilino — velho de 79 anos — ao relento numa noite de Outono. Foi no dia 22 de Setembro.

O Alves Tomaz, jovem de vinte e poucos anos, entrara em negócios para ceder, por

10 000\$00, uma parte da sua moradia no Bairro da Amoreira, a Alfredo da Silva, que ali pretendia albergar o sogro, Manuel Marques de Oliveira.

Alves Tomaz, pedira, antes, 35 mil escudos por toda a casa, alegando querer partir para o estrangeiro, pelo que — dizia — não necessitava da mesma. Si-

tuação mais que conveniente para Alfredo da Silva, precisado de um sítio para o sogro: o Oliveira «Tanoeiro» para as gentes de Novo Redondo e Vila Nova de Seles, regressado em Janeiro deste ano de Angola. Trouxera por companhia, para além da mulher (de 80 anos) uma aguda trombose que por quatro vezes já o abalara.

Conveniência por conveniência, negócio feito. Mas só em 10 mil.

Só que o escoar dos dias parece ter modificado a ideia de Alves Tomaz que, entretanto, se reconciliara com a mulher. E no dia 22 decidiu proceder, pura e simplesmente, ao despejo do inquilino, que se viu assim atirado com a mulher e tarecos para o relento de uma noite fria. Resultado: até agora não se recompôs do resfriado então apanhado.

E mais: o Oliveira «Tanoeiro» estava paralisado, até das necessidades fisiológicas, devido à quarta trombose que sofrera em Agosto último, e sob rigorosa observação clínica.

Beneficiação da EN 1

A Junta Autónoma das Estradas promove em 18 do corrente, na sua sede (Praça da Portagem, em Almada), concurso público para arrematação de uma empreitada da EN 1, ao quilómetro 205.

Em causa estará a beneficiação dos laços Viadourous-Landiosa, Albergaria-a-Velha-Pinheiro da Bemposta (Oliveira de Azeméis) e Silveiras (também no concelho de Oliveira de Azeméis-S. João da Madeira).

Será assim encerrado finalmente, o «contencioso» CM de S. João da Madeira-JAE em torno das precárias condições da estrada que atravessa aquela vila, caso que envolveu comunicados e contracommunicados e uma intervenção na AR em Julho último.

O preço de base é de 63.043.500\$00, devendo as propostas serem entregues na repartição de Expediente Técnico da Direcção dos Serviços de Conservação.

REVELADO NO JULGAMENTO DO CASO DELGADO

Casimiro Monteiro entrou na PIDE pela "mão" do legionário Góis Mota

As declarações de Parente Figueiredo, chefe dos Serviços de Informação da Ex-Legião Portuguesa (LP), preencheram ontem à tarde, em Santa Clara, a 70.ª sessão do julgamento do assassinato do general Delgado, trazendo a público, ainda que só nos contornos menos comprometidos, as estreitas ligações existentes entre aquela organização terrorista e, nomeadamente, o Centro Anticomunista de Madrid e a Direcção-Geral de Segurança Espanhola, conhecida no genérico por «La Seguridad».

Segundo Parente, todas as informações recolhidas pela Legião sobre os passos do general Delgado no estrangeiro eram fornecidas pelos serviços secretos espanhóis. «Tínhamos uma fotografia do general com Álvaro Cunhal em Praga, que nos foi dada por um destacado funcionário da 'Seguridad', Eduardo Comi Colmar», revelou Parente de Figueiredo, para acrescentar: «Os contactos entre a Legião e a Polícia espanhola eram muito frequentes, umas vezes ia lá eu, outras vezes vinham cá eles.»

Mas as ligações da Legião, de acordo com o testemunho de Parente, não se ficaram pelos serviços secretos espanhóis, ao fornecerem importantes informações sobre a estadia de Delgado em Argel, indo até, pelo menos à Itália, como aconteceu através dele próprio, que chegou a ter em Lisboa repetidos encontros com um deputado italiano, cujo nome não especificou.

O antigo chefe de informações da LP negou contudo qualquer envolvimento pessoal ou da organização a que pertencia na

morte do general, afirmando desconhecer por completo quem o teria cometido. A propósito, revelou ter perguntado ainda antes do 25 de Abril a um alto funcionário da «Seguridad» o que pensava sobre o assunto, ao que este se teria mostrado bastante irritado com o acontecimento. «Nem quero falar sobre esse assunto», teria dito o polícia espanhol.

Posteriormente e a instâncias de Manuel Anselmo, advogado de defesa de Silva Pais e de Rosa Casaco, Parente Figueiredo negaria desconhecer a actividade dos «Centuriões», e o seu possível envolvimento na morte do general. Os «Centuriões» eram, como se sabe, uma organização intimista liderada por Góis Mota, secretário-geral da Legião. No entanto, Parente Figueiredo não deixaria de confirmar o facto de Casimiro Monteiro, um dos réus deste processo a ser julgado à revelia, ter sido admitido na PIDE por influência de Góis Mota, de quem era amigo. Recorde-se que Casimiro Monteiro, apontado por Tienza como o homem que disparou sobre o general, é acusado de ter sido responsável, durante os seis anos que permaneceu na ex-Índia Portuguesa, como chefe de brigada da chamada Polícia do Estado da Índia, por numerosos assassinatos a sangue-frio durante sessões de tortura, invenção de um novo método de tortura, violências sexuais sobre prisioneiras que dizia ter de interrogar à noite e dezenas de casos de extorsão.

O julgamento prossegue na próxima segunda-feira, a partir das 15 horas.

MANUEL GERALDO

PREVENÇÃO PRIMÁRIA CONTRA A DROGA

Projecto-piloto nalgumas escolas

Um projecto-piloto de prevenção primária contra a droga vai ser posto em prática nalgumas escolas do País, após a assinatura de um protocolo entre o Ministério de Educação e o Gabinete Coordenador do Combate à Droga (GCCD), o qual estabelece as regras de colaboração entre os técnicos do Centro de Estudos da Profilaxia da Droga e os professores do Ensino Preparatório e Secundário.

Desdramatizar o uso da droga para lhe retirar o mistério ou a glória com que muitas vezes é apresentado e transmitir um conhecimento rigoroso, correcto, mas profundamente adequado ao tipo e grau de interrogações que o assunto provoca, é um dos objectivos deste projecto, já que a «simples boa vontade e a inspiração individual de cada um» podem conduzir a resultados diametralmente opostos dos pretendidos.

«Em vários países — afirma o Gabinete Coordenador — já foram detectados casos de indivíduos arrastados para o domínio da droga apenas pela curiosidade despertada ou pelo desafio contido em sessões de esclarecimento sobre o perigo das drogas: à juventude não se podem sublinhar riscos sem esperar a resposta a esse desafio; não se deve salientar o mistério sem pensar que assim talvez se

esteja a despertar a imaginação excessivamente ardente; não é prudente falar-se de «vítimas» antes de se saber se no auditório não há mentalidades que doentamente aspiram a essa condição».

Por isso a desdramatização do problema é fundamental. «Não fugir às conversas colectivas, mas ter sempre presente que só as intervenções a nível individual ou em grupos muito homogêneos, se houver oportunidade de os organizar, permitem dar resposta certa e efectivamente dirigida aos problemas suscitados».

O projecto-piloto abrangerá as seguintes localidades: Sabrosa, Maia, Valongo, Vila Nova de Gaia e Porto, na região Norte; Águeda, Cantanhede, Figueira da Foz, Leiria, Aveiro e Coimbra, na região Centro; Vila Franca de Xira, Rio Maior, Tomar, Abrantes, Alentejo, Amadora, Olivais e Lisboa, na região Sul. Serão analisados os casos e os pedidos oriundos do corpo docente e discente, intervenção em acções de informação, quando solicitada, e encaminhar casos em que seja necessária acção terapêutica.

Este trabalho será efectuado por mediadores, actualmente em cursos de formação, e que foram recrutados entre os elementos do corpo docente das diferentes escolas.

41.º CONGRESSO NACIONAL PHILIPS

A Philips não se queixa de Abril

Um espectáculo de variedades encerrou ontem, já de madrugada, o habitual Congresso que a Philips organiza para os seus agentes e distribuidores (mais de 600), que entretanto haviam apreciado toda a gama de novos produtos e assistido a diversas sessões de demonstração e sensibilização. Era notório, no entanto, e a Philips não o escondeu, que o «leit-motif» deste ano era a televisão a cores.

Com efeito, sem desprezar os seus outros produtos (que são muitos), a Philips vai concentrar o seu esforço no fabrico (em Ovar) e na venda de televisores a cores, um imenso mercado que se vai abrir em Portugal às multinacionais do ramo.

Basta notar que o parque nacional de televisores anda à volta do milhão e meio de aparelhos e que mais de metade tem já mais de cinco anos de existência, estando portanto a aproximar-se do momento da substituição. É lógico que muitos serão nessa altura substituídos por aparelhos de recepção a cores, cujos preços se julga virem a estar situados entre os 40 (ecrans de 20 polegadas) e os 100 contos. Uma simples conta de multiplicar dá uma ideia do que pode ser, nos próximos anos, o volume deste mercado potencial.

Por outro lado, e para além dos televisores, há toda uma série de equipamentos acessórios que a Philips desenvolveu e nos quais deposita também

grandes esperanças, tais como câmaras gravadores de imagem, etc.

REALISMO OPTIMISTA PERANTE A ACTUAL SITUAÇÃO ECONÓMICA

Numa intervenção aguardada com muito interesse, o presidente da Philips, dr. Orlando Morbey Rodrigues, abriu o Congresso com uma exposição detalhada da actual situação económica, historiando-a desde 1974 e fazendo uma análise da produção industrial, da balança comercial e de pagamentos, e da situação de emprego. Desdramatizando situações, foi corajosamente ao ponto de declarar que a crise actual não foi provocada apenas pela revolução de Abril (afirmação infelizmente frequente em certos meios económicos e financeiros) e que entendia que havia que ser realista, encarando com optimismo o futuro do nosso país e tentando melhorá-lo, pois existem condições de recuperação e progresso. afirmou também o dr. Morbey Rodrigues, referindo-se mais concretamente à televisão a cores que, não obstante os aparelhos serem relativamente caros e ser voz corrente que «não há dinheiro», a sua procura não iria desapontar os comerciantes ali presentes, pois na sua opinião o rendimento familiar

global havia aumentado nos últimos anos, e existe uma economia paralela à oficial que permite até certo ponto a manutenção do poder de compra, o que faz com que, apesar dos números oficiais, as vendas (e não só as da Philips) tenham sempre aumentado nestes últimos anos.

Dizia ainda o dr. Morbey Rodrigues que para o rendimento familiar contribuem hoje quase todos os membros de cada família — pois todos trabalham — o que provoca e acaba por exigir um maior apoio doméstico em termos de equipamentos auxiliares, campo no qual a Philips mantém um esforço de investigação no sentido da programação computizada da vida doméstica.

As perspectivas são portanto, no seu entender, as melhores, tanto mais que, conforme afirmou com enorme convicção, a Philips tem uma grande qualidade e uma gama de produtos completa e, nomeadamente no que se refere aos aparelhos de televisão a cores o que a sua empresa produz «é o melhor que existe e a Philips será em Portugal a maior companhia de televisão a cores».

No final do congresso, que durante a jornada de trabalho se dividiu em três grandes sectores (áudio, vídeo, e domésticos) o presidente da Philips teve palavras de grande cortesia para com os órgãos de comunicação social presentes (a quase totalidade) que nos apraz registar e agradecer.



Uma greve

Os trabalhadores da Turcopol, uma empresa de construção civil de Setúbal, vão prosseguir com a greve que iniciaram em 7 de Setembro, durante, pelo menos, mais quinze dias. São cerca de 130 operários, que estão a sem receber salários há quatro meses e meio. Entretanto, está em curso uma ampla campanha de solidariedade nas empresas do mesmo sector industrial, a nível do distrito.

LIMPEZA

Cerca de oitenta trabalhadores da empresa de limpeza ELID, a prestarem serviço em seis dependências da Petrogal (Lisboa), vão entrar em greve a partir da próxima segunda-feira, exigindo desse modo o cumprimento do CCT e a reintegração dos seus ordenados aos níveis estipulados. A empresa deixou recentemente de pagar os sábados (folga), o que equivale a uma redução de 16,7 por cento nos vencimentos, contrária ao CCT.

MADEIRAS

Os sindicatos da indústria de madeiras estão dispostos a decretar uma greve de 24 horas no sector, caso a publicação da respectiva PRT (novos salários, subsídio de ferramenta, etc.) não ocorra até ao próximo dia 15. O processo arrasta-se há quase um ano no Ministério do Trabalho.

GREVE NO BACALHAU

A Associação dos Armadores da Pesca Longínqua decidiu não ceder às reivindicações feitas pelos quinientos pescadores que se encontram em greve na Terra Nova. O secretário-geral da associação disse à ANOP que a decisão foi tomada porque «devem ser os sindicatos a negociar o contrato colectivo de trabalho com a associação patronal». Entretanto os pescadores, que ameaçam regressar a Lisboa de avião caso a entidade patronal não cedesse às suas reivindicações, abandonaram já os navios e pediram ao consulado português de St. John (Canadá) que fizesse as diligências necessárias ao seu regresso a Portugal.

COUTO NOS EUA

O secretário-geral da UGT, Torres Couto, vai fazer em New Bedford (Estados Unidos) uma conferência sobre o «movimento sindical português», no próximo mês de Novembro — informa a ANOP. Torres Couto irá aos Estados Unidos a convite da Universidade de Massachussets, integrado num ciclo de conferências da «The Fall Sabourn School».

PELA UNIDADE

A única lista (unitária de esquerda) concorrente às eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Operários da Construção Civil de Coimbra, realizadas segunda-feira, foi eleita com 626 votos.

Verificaram-se ainda 20 votos nulos. Estavam inscritos 2.641 eleitores. A lista wpresentou-se com a sigla «Por um Sindicato forte e organizado ao serviço dos Trabalhadores».

Segurança no trabalho: OIT propõe acção conjunta

Milhares de trabalhadores em todo o mundo estão ainda sujeitos à morte brutal ou a ferimentos graves, em virtude dos acidentes profissionais a que, cada vez mais, estão expostos. Eis um problema que está na ordem do dia da Terceira Conferência Regional da Europa e da OIT, a realizar em Genebra a partir do próximo dia 16.

A comissão executiva desta organização internacional preparou um longo relatório no qual se refere aos perigos que correm os trabalhadores que manuseiam substâncias químicas nocivas.

Nesse sentido, vai ser recomendada aos Estados membros, uma acção conjunta dos gover-

mentes, dos quais perto de dois mil foram mortais. Em Espanha, em 1977, em cerca de um milhão de acidentes, mais de dois mil foram mortais, embora em relação a 1966 o relatório afirme terem sido inferiores em cerca de 60 mil.

No Reino Unido nota-se, igualmente, uma tendência para o decréscimo. Dos 378.000 de 1974, apenas se registaram 324.000 em 1976, no conjunto das fábricas, minas, caminhos-de-ferro e agricultura.

O número de acidentes diminui, também, noutros países, como a RFA, mas simultaneamente aumentaram as vítimas de doenças profissionais. Na URSS os acidentes de trabalho diminuí-

res de milhões de marcos.

Em termos de dias de trabalho perdidos, o custo é igualmente elevado e cifra-se, em cada ano, em 30 milhões na França (1976), mais de 2,5 milhões na Bélgica (1974), e cerca de 15 milhões no Reino Unido (em 1974/75).

No entanto, têm sido feitos, grandes esforços pelas nações no sentido de melhorar a segurança e higiene do trabalho. A maioria dos países adoptou nova legislação sobre o assunto, nomeadamente na Polónia e Reino Unido, em 1974, Dinamarca e Roménia em 1975, Noruega e Suécia em 1977, e França, já este ano.

Em Portugal estabeleceu-se também, recentemente, um plano de acção em matéria de segurança e higiene no trabalho.

A maioria dos países da Europa possui institutos especiais, as empresas apresentam uma grande tendência para incorporar sistemas de segurança nas suas instalações. Observa-se, por outro lado, um importante progresso na educação, formação e informação dos trabalhadores.

Uma análise recentemente publicada na URSS refere, por exemplo, que cerca de 15 por cento dos acidentes de trabalho são imputáveis à ignorância ou negligência dos trabalhadores.

No entanto, uma das ilações que se pode fazer de imediato é que há necessidade de uma estreita cooperação entre trabalhadores, empresários e governos, no sentido de serem aplicados com êxito e eficácia normas de prevenção de acidentes e doenças profissionais.



Ampliar a segurança no trabalho, eis o objecto de uma acção conjunta tripartida proposta pela OIT

nos, empresários e sindicatos, para garantir uma mais eficaz protecção contra os riscos de trabalho.

Apesar dos progressos obtidos no campo da prevenção do acidente e doenças laborais, a OIT computa em cerca de 15 milhões o número de acidentes mortais, ou com incapacidade, ocorridos anualmente em toda a Europa.

Este número é explicado, principalmente, pelo aumento da mão-de-obra, e pela evolução das tecnologias e dos métodos de trabalho que criam novos riscos.

No entanto, e segundo o relatório da OIT, as explicações, por mais profundas que sejam, não devem esconder a dura realidade: permanece inquietante a situação da segurança no trabalho, «e é inaceitável o preço em vidas humanas e os sofrimentos para as famílias dos acidentados».

Em França, foi detectado em 1976, cerca de um milhão de aci-

ram de 15 por cento entre 1971 e 1976, e as doenças profissionais de 24 por cento.

QUANTO CUSTAM AS DOENÇAS PROFISSIONAIS

Actualmente, além de um maior número de doenças profissionais, estas pesam muito mais nos orçamentos de cada país.

Segundo estimativas recentes, pode avaliar-se o seu custo global (directo e indirecto) em 4 por cento do produto nacional bruto da RFA, 3 por cento na Suíça, 5 na Finlândia.

Em França o custo dos acidentes de trabalho foi estimado em cerca de sete milhares de milhões de francos, em 1976.

Na Alemanha Federal, as somas despendidas com os acidentes e doenças profissionais elevou-se, em 1977, a 9,2 milha-

Actuação repressiva agrava-se na Mondorel

Agrava-se a actuação repressiva da administração da empresa de Lanifícios Mondorel (Coimbra)

segundo informa o Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Centro.

«São dezenas e dezenas de homens e mulheres despedidos. São grosseiras violações dos mais elementares direitos dos trabalhadores. São milhares de contos dos trabalhadores indevidamente retidos pela empresa. São as perseguições, as arbitrariedades e o clima de terror que a pouco e pouco, e à boa maneira salazarista, se conseguiu impor na empresa como forma de prosseguir e refinar a mais desenfreada exploração» — sintetiza aquele sindicato.

Recentemente, e apenas duas semanas decorridas sobre a elei-

ção da comissão sindical da empresa, a administração instaurou processos disciplinares a cinco trabalhadores, um dos quais já foi despedido. Segundo o sindicato, as vítimas desta actuação são trabalhadores sindicalmente mais activos.

Aliás, ainda no mês anterior um dirigente sindical e outro trabalhador tinham sido alvo de acusações infundadas, como a de «recolher assinaturas para um plebiscário» (destinado à eleição da comissão sindical)

«Alertados por escrito e verbalmente para toda esta situação, e pese embora as evidentes ilegalidades que se demonstrou existir, os serviços da Delegação de Coimbra do Ministério do Trabalho remetem-se a um silêncio cobarde», acresenta o Sindicato, que apela à unidade dos trabalhadores.

SEGUNDO DELEGADOS SINDICAIS Comerciantes do "Brasília" usam e abusam do pessoal

Os delegados sindicais dos trabalhadores do comércio do Porto exigiram ontem o encerramento do Centro Comercial Brasília «para além dos períodos em vigor para o comércio geral».

Esta posição assenta no facto de no referido centro comercial do Porto de verificar «o uso e abuso dos contratos a prazo, imposição de horários que ultrapassam as 44 horas semanais, e prática de remunerações de miséria, muito abaixo dos salários reais».

Na moção que aprovaram, os delegados sindicais exigem do Ministério do Trabalho «uma intervenção pronta e eficaz que ponha cobro às irregularidades existentes».

O Centro Comercial Brasília, instalado na cidade do Porto. Emprega mais de quinhentos trabalhadores, total que os comerciantes do centro pensam que, a médio prazo, passará para 1500.

RETALHISTAS DE LEIRIA

O patronato do comércio retalhista do distrito de Leiria propõe-se conceder aumentos de 10 a 15 por cento aos trabalhadores do sector, na revisão de uma tabela salarial que, vigorando desde

Julho de 1977, defronta presentemente um aumento do custo de vida que ultrapassou os 40 por cento.

Este é um dos factores que está na base do conflito criado em torno da revisão daquele contrato colectivo de trabalho, e que levou a comissão negociadora sindical a suspender as negociações «sine die», para estudar a situação. Os trabalhadores vão ser auscultados sobre as formas de superar o impasse correctamente, de modo a ver satisfeitas as suas aspirações e melhoradas as suas condições de remuneração.

De notar que, de acordo com a proposta patronal, haveria 16 grupos profissionais aos quais seriam atribuídos salários inferiores ao mínimo nacional. A associação patronal pretende, ainda, pôr termo às diuturnidades e ampliar o prazo de vigência do CCT (parte económica) para dois anos.

O patronato deseja também manter intacto o actual clausulado, no seu conjunto, recusando-se inclusive a abrir caminho à verticalização, e a acabar com o actual sistema de férias em dois períodos. Segundo o Sindicato do Comércio de Leiria, a actuação patronal tem sido marcadamente dilatória, e não serve os interesses dos trabalhadores.

5 de Outubro 1979

QUINTA FEIRA 4 DE OUTUBRO HOMENAGEM DO PS À REPÚBLICA

19.30 H CONCENTRAÇÃO
ROTUNDA MARQUÊS POMBAL
BANDA DE MÚSICA

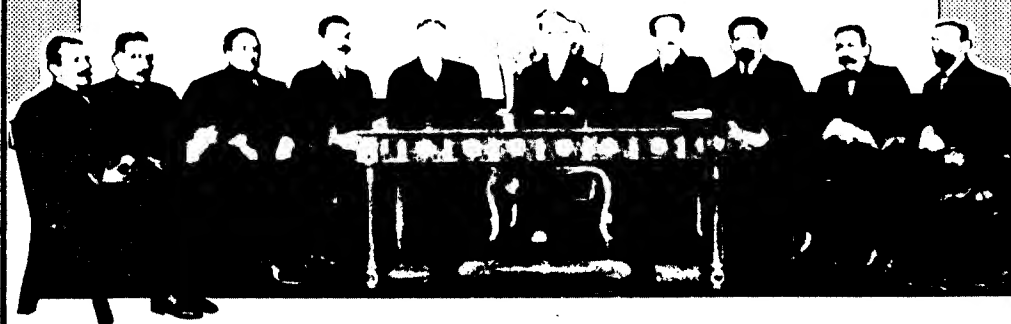
21.30 H COMICIO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

INTERVENÇÕES DE: MANUEL GARCIA
FRANCISCO LINO NETO
ETELVINA LOPES DE ALMEIDA
MANUEL ALEGRE
JOSÉ MAGALHÃES GODINHO
E
MÁRIO SOARES

PELA DEMOCRACIA PELO SOCIALISMO EM LIBERDADE



1979



Sousa Franco denuncia proteccionismo

O ministro das Finanças, Sousa Franco, denunciou vivamente, durante a assembleia anual do FMI e do Banco Mundial, a «vaga crescente de proteccionismo».

Sousa Franco considerou que as novas barreiras impostas pelos países industrializados não se justificam e que atingem sectores «particularmente sensíveis» dos países em vias de desenvolvimento. «Os países industrializados devem esforçar-se por manter uma atitude liberal em matéria de comércio internacional», comentou.

Por outro lado, o ministro português congratulou-se com a melhoria da balança de pagamentos do seu país, após os acordos assinados em 1978 com o FMI. Indicou que o défice corrente seria em 1979 inferior a 500 milhões de dólares.

REUNIÃO DE BELGRADO

“Terceiro Mundo” critica países industrializados

Representantes latino-americanos na assembleia do Fundo Monetário Internacional pressionaram as nações industrializadas, para que não convertam os países em desenvolvimento nas principais vítimas da crise económica mundial.

Estas pressões agudizaram-se ontem durante a segunda jornada da assembleia anual do FMI, com as intervenções de porta-vozes da América Latina, Espanha, Filipinas, Peru.

Em termos semelhantes, expressou-se o dominicano Eduardo Fernandez porta-voz da América Latina na reunião do «Banco Mundial» que se celebra em Genebra, simultaneamente à assembleia do FMI.

As mesmas intenções foram defendidas pelo ministro das Finanças do México, David Itharra,

que falou em nome do seu país, como presidente do «comité dos 24», com o objectivo de apresentar uma «proposta de programa de acção para a reforma internacional» adoptado pelo «grupo dos 77» «países em desenvolvimento».

Outra pressão às nações industrializadas foi feita pela Arábia Saudita, cujo representante advertiu que a moderação exercida pelo seu país em matéria petrolífera não pode ser mantida, no caso de prosseguir as actuais oscilações do dólar e do ouro.

O ministro peruano Silva Ruete apelou na assembleia do FMI a um esquema de reforma financeira internacional, que contemple não apenas os países desenvolvidos mas também os em desenvolvimento.

Para resolver a crise em que se encontram os países do «Terceiro Mundo», pediu ajuda aos países industrializados com transferência de recursos, assistência flexível aos actuais serviços de financiamento e facilidades para o incremento de exportações.

Irão propõe novo “Bretton Woods”

A realização duma conferência «análoga a de Bretton Woods» reunindo os países industrializados os países socialistas e o «Terceiro Mundo» foi ontem proposta em Belgrado por Ali Ardalan, ministro das Finanças do Irão.

Esta Conferência, disse ele, deverá determinar os princípios gerais do Sistema Monetário Internacional, que «será baseado sobre a igual-

dade de direitos de todos os países do mundo, tendo em conta as dificuldades de cada um».

O ministro iraniano referia-se aos acordos de Bretton Woods (Estados Unidos) que, depois de assinados por 44 países, permitiram em 1944 o estabelecimento dum novo sistema monetário e a criação do FMI (Fundo Monetário Internacional).

Tecnologias inadequadas impedem aumento de produção agrícola

— afirmou um cientista norte-americano na Estação Agronómica Nacional

J. Wellahauses, cientista da Fundação Rockefeller, afirmou hoje que «a utilização de técnicas que permitam um baixo nível de riscos financeiros constitui o principal requisito para aumentar

a produção agrícola». Wellahauses, que participou num colóquio na Estação Agronómica Nacional, em Oeiras, apontou como principais obstáculos ao aumento da produção

agrícola o uso de tecnologias inadequadas, o grau de risco de alguns investimentos devido às elevadas taxas de juro, a falta de políticas coerentes e deficiências da própria administração pública. O cientista norte-americano referiu a necessidade de serem adoptadas medidas económicas que melhorem a rentabilidade dos factores produtivos, já que, no seu entender, «um ‘pacote tecnológico’, só por si, não será suficiente».

Dá a necessidade de criação de equipas pluridisciplinares para o estudo das aptidões das áreas para as diversas variedades agrícolas e da possibilidade de se criarem infra-estruturas necessárias, nomeadamente no caso das regas artificiais. Wellahauses salientou ainda o desajustamento existente, a nível mundial, entre a oferta e a procura de alimentos, acrescentando que, nos últimos sete anos, foi de 1,7 por cento ao ano a taxa média de crescimento da produção alimentar. O conferencista revelou ainda que «apenas em 25 por cento da área cultivada em todo o mundo se utilizam técnicas modernas».



A maior parte dos investimentos vai para a melhoria dos transportes

PLANO AÇORIANO PARA 1980

Investidos 3,8 milhões de contos

Acaba de ser enviado à Assembleia Regional dos Açores o projecto do Plano para 1980 elaborado pelo executivo local, o qual prevê investimentos no montante global de 3,85 milhões de contos.

O documento foi também enviado a parceiros sociais, como sindicatos e associações patronais e de agricultores, bem como a todas as assembleias municipais da região, que sobre ele emitirão os seus pareceres. Estes serão tidos em conta pela comissão conjunta da Assembleia Regional, que, a partir da segunda quinzena deste mês, iniciará a análise do projecto.

O Plano e o respectivo relatório elaborados pela Comissão de Assuntos Económicos e Financeiros da Assembleia Legislativa, serão apresentados ao plenário em 2 de Novembro próximo.

ximo, para discussão e respectiva votação.

Ao sector de infra-estruturas económicas, nomeadamente portuárias e aeroportuárias, bem como transportes, é destinada a maior parte do montante do plano, visto que atinge 37,8 por cento.

Outros sectores favorecidos são a educação, com 10,6 por cento, habitação e urbanismo, igualmente com 10,6 por cento, e a energia com 14,3 por cento.

As percentagens mais reduzidas são as destinadas a investigação científica e técnica, 0,3 por cento, cultura, 0-4 por cento, e emprego, com 0-8 por cento.

Agricultura, silvicultura e pecuária, com 9,6 por cento, sobrepõem-se, por outro lado, às pescas, indústria e turismo, a que são destinados, respectivamente, 2, 1,6 e 2,2 por cento.

Sines é apenas um suporte da indústria

— afirma Carlos Beaumont, novo presidente do GAS

Sines é apenas um suporte da política industrial portuguesa e não existe como entidade económica própria — afirmou hoje o novo presidente do conselho de gestão do Gabinete da Área de Sines (GAS), Carlos Beaumont.

Num encontro informal com os jornalistas, Beaumont afirmou que Sines é apenas parte de um subconjunto constituído pela indústria portuguesa, pelo que «os planos sectoriais não devem ser

prejudicados pelo facto de alguns dos seus projectos se desenvolverem melhor em Sines».

Na sua opinião o complexo de Sines «poderá ser uma boa classificação geográfica ou mental», mas não um «elemento económico susceptível de tratamento isolado».

Referindo-se à pressão «repetidamente exercida» no sentido de «uma reavaliação do projecto de Sines», considerou tal atitude «desprovida de realismo e de substância».

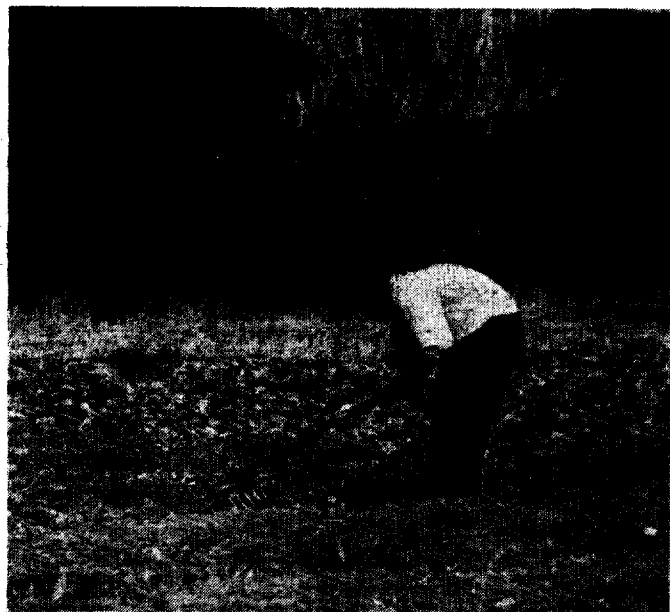
A reavaliação e o reajustamento dos vários projectos já existem, disse Beaumont, acrescentando que se processam através de esquemas continuados e regulares, mas nas sedes próprias e de um modo coerente e sistematizado.

É assim — concretizou — que os planos sectoriais da indústria «estão na sua globalidade em constante reavaliação e reajustamento às novas solicitações resultantes das alterações estruturais do respectivo enquadramento nacional e internacional».

Carlos Beaumont declarou que todos «os estudos e reavaliações parciais e desenquadrados têm provocado indecisões e atrasos que se traduzem por perda de receitas e, sobretudo, por encargos adicionais».

Até hoje — frisou — nenhuma das reavaliações conseguiu dar origem a afirmações claras e numericamente incontroversas. É fácil de verificar — continuou Beaumont — que cada dia de atraso origina um prejuízo de algumas dezenas de milhares de contos. Cada mês de atraso é a preços de 1978 da ordem do milhão de contos para a refinaria.

Para o novo dirigente do GAS há duas condições a que deve obedecer a avaliação do valor que Sines tem para a política industrial: processos de reavaliação não devem servir de justificação para suspender projectos e participação dos vários Ministérios nos esquemas de reavaliação.



IE FAZ CONTAS A INVESTIMENTOS ESTRANGEIROS

Cerca de 1,6 milhões de contos até Julho

Nos primeiros sete meses de 1979 os investimentos directos estrangeiros atingiram um valor de aproximadamente 1,6 milhões de contos, o que corresponde a um aumento de cerca de 70 por cento relativamente a igual período do ano passado. E, por outro lado, visível a concentração desses investimentos

nas indústrias transformadoras (53 por cento do total), embora de uma forma menos acentuada que em 1978 (75 por cento). Em contrapartida observou-se um acréscimo significativo no que se refere aos serviços (38 contra 23 por cento) e da agricultura e pescas (5 contra 1,5 por cento).

Cinco sectores absorvem 70

por cento do valor total autorizado. São eles, por ordem decrescente de importância, as indústrias químicas (26 por cento), o comércio por grosso (16 por cento), as metalomecânicas e eléctricas (12 por cento), os bancos e outras instituições financeiras (9 por cento) e as metalúrgicas de base (7 por cento).



HOJE E AMANHÃ

Romagens, comícios e actividades culturais evocam revolução republicana

Hoje e amanhã, por todo o País se comemora o aniversário da implantação da República.

Em Loures, a Câmara Municipal organiza hoje, ao princípio da tarde uma romagem ao cemitério local. Segue-se às 17 horas uma sessão comemorativa nos Paços do Conselho e concertos no Cine-Teatro da Associação dos Bombeiros Voluntários.

Também hoje o Centro Escolar Fernão Botto Machado, de Lisboa, promove uma sessão pública com a participação de Manuel António Correia, combatente do 5 de Outubro de 1910. Deverão assistir à sessão o ministro do Trabalho Sá Borges, o deputado independente Vasco da Gama Fernandes, o jornalista Jacinto Batista e o antigo dirigente do PPD, Emídio Guerreiro.

Também esta noite se concretiza uma das iniciativas do PS para o 5 de Outubro: um comício no Pavilhão dos Desportos de Lisboa em que intervirão, entre outros, Mário Soares, Etelvina Lopes de Almeida, Manuel Alegre e José Magalhães Godinho.

Amanhã, às 10 horas, em Lisboa, a Comissão Promotora da

Romagem dos Centros Republicanos aos Túmulos dos Heróis da Revolução Republicana organiza a tradicional romagem ao cemitério do Alto de S. João. Serão oradores Ramon de La Féria, José Magalhães Godinho e Fernando Piteira Santos.

Às 18 horas, é inaugurada na Biblioteca Nacional a exposição comemorativa do 5 de Outubro, promovida pela Câmara Municipal de Lisboa e a Biblioteca Nacional. O certame estará patente de segunda a sexta-feira, das 10 às 13 horas e das 14 às 17 e, aos sábados e domingos, das 14 às 19 horas.

Em Sintra, o município local promove uma série de manifestações culturais para assinalar a data.

Também o presidente do município de Gouveia, Alípio de Melo, intervirá nas comemorações do 5 de Outubro, fazendo uma alocução junto ao busto do falecido republicano Botto Machado.

Uma romagem ao monumento, concerto público pela Sociedade Musical Gouveense e uma noite de teatro pelo grupo

amador de Manteigas que representará as peças «Gota de Mel», de Leon Chancerelle e «Todo o Mundo e Ninguém», de Gil Vicente, assinalam em Gouveia o aniversário da implantação da República.

Em Coimbra, as comemorações iniciar-se-ão com salva de morteiros e foguetes e a entrega da medalha de ouro da cidade ao jornal republicano «O Despertar». Às 11 horas decorrerá uma romagem ao túmulo de José Falcão, no cemitério de Santo António dos Olivais e, à tarde, haverá concerto pelo Grupo Musical de Ceira, no coreto do parque D. Manuel Braga e visita ao Arquivo Histórico Municipal. Para as 17 horas está previsto um festival de folclore na Praça Velha. Às 21 e 30, o coro D. Pedro de Cristo executa um concerto no Salão Nobre da Câmara Muni-

pal.

O Partido Socialista promove iniciativas comemorativas do 5 de Outubro em cerca de 20 localidades, entre elas, no Porto, onde no Coliseu falarão Maria Barroso, António Macedo e Salgado Zenha, em Aveiro, onde a Federação Distrital do PS organiza também comemorações e denuncia a «omissão ou modéstia das comemorações que a data da implantação da República vem merecendo às autoridades locais reacconárias ou conservadoras».

A APU de Torres Novas promove amanhã, às 15 e 30, na sala da biblioteca local uma sessão em que intervirão Hilário Teixeira, do Comité Central do PCP e Helena Cidade Moura, do Secretariado Nacional do MDP/CDE e da Comissão Coordenadora Nacional da APU.

Países de Língua Portuguesa: gabinete instalado na SEC fomenta relações culturais

Foi instalado na Secretaria de Estado da Cultura um Departamento para as Relações Culturais com os Países de Expressão Portuguesa que, embora funcione no âmbito do Gabinete para as Relações Culturais Internacionais, vai ter um director que pode despachar directamente com o secretário de Estado da Cultura.

Das várias atribuições que competem a esse Departamento salientam-se as seguintes:

1 - Estudar formas de cooperação e programas de actividades nos diversos domínios da actividade cultural a executar com os países de língua oficial portuguesa.

2 - Promover, de acordo com o MNE, programas e projectos que se integrem na letra dos acordos e contratos firmados, nomeadamente na instituição de cursos e estágios para bibliotecários e ar-

quivistas; para técnicos de restauro de apoio ao trabalho de inventariação e recuperação do património cultural e intercâmbio de documentação sobre assuntos de temática cultural.

3 - Colaborar com outros organismos de Estado ou privados, em actividades que digam respeito ao intercâmbio cultural e à conservação dos bens culturais com interesse para Portugal e para os países de expressão portuguesa.

4 - Manter estreita colaboração com outros gabinetes com objectivos semelhantes, quer em Portugal quer nos países de língua portuguesa.

Posteriormente o Gabinete agora formado vai ser integrado na Lei Orgânica da SEC, funcionando, até lá, com um responsável (director de serviços) e mais quatro pessoas.

Suarez não vem

à campanha eleitoral da "Aliança"

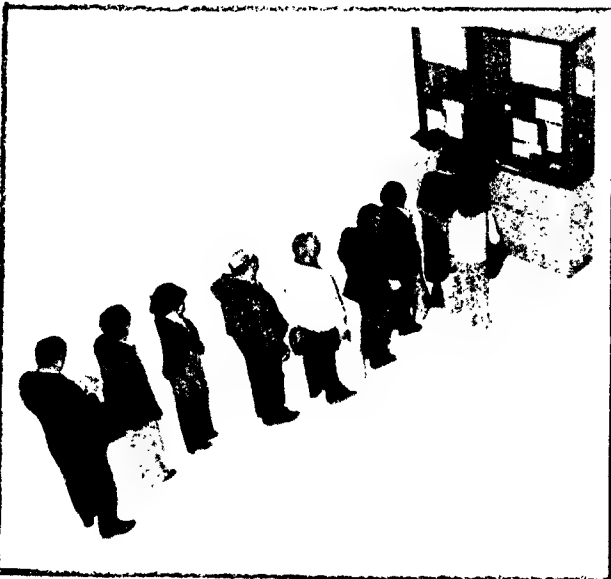
O presidente do Governo espanhol não virá a Lisboa durante a campanha eleitoral portuguesa, foi ontem revelado na capital espanhola por fontes do Governo e da União do Centro Democrático.

Segundo foi afirmado, «ainda nada está decidido» quanto à viagem de Suárez a Portugal para apoiar as candidaturas do bloco CDS/PSD/PPM. No en-

tanto, qualquer que venha a ser a decisão, a deslocação de Suárez não coincidirá com o período de campanha eleitoral.

O presidente do Governo espanhol tem, entretanto, preparada uma viagem às capitais dos países membros da CEE, destinada a implementar o processo de adesão da Espanha ao Mercado Comum.

Não perca tempo!



Utilize as máquinas automáticas de venda de bilhetes

Caminhos de Ferro Portugueses

ACOMPANHE O SEU FILHO!

Antes do início do ano escolar, ensine-lhe o caminho mais seguro para a escola.

Lembre-se que o acidente rodoviário é a principal causa de morte das crianças até aos 14 anos de idade.



DIRECÇÃO-GERAL DE VIACÃO - D.S.R.

Vem aí o jornal que tem coluna vertebral.

leia, todas as manhãs, a partir do dia 5!

Portugal HOJE

DIRECTOR: JOÃO BOMES
MATUTINO DE GRANDE INFORMAÇÃO

Podemos reconstruir este País

Uma nova política para o País é necessária. Não se trata de uma simples mudança de governo, mas de uma verdadeira revolução política. É preciso que o povo tenha a palavra e que o poder esteja nas mãos do povo.

Platasilgo em crítica velada a Mota Pinto

Preços demagógicos destruíam economia

A primeira-ministra Maria de Lourdes Pintasilgo foi alvo de uma crítica velada por parte de alguns membros do Parlamento. O discurso foi considerado demagógico e destruidor da economia.

Brizola já está no Brasil

O ex-presidente da Câmara dos Deputados, Brizola, já se encontra no Brasil, onde vai continuar a sua actividade política.

Fito tem o salvação

O atleta Fito tem a possibilidade de ganhar uma medalha de ouro nas próximas Olimpíadas.

Rudeira ataca Moçambique

O ministro da Defesa, Rudeira, criticou a situação política em Moçambique, afirmando que a situação é insustentável.

Eleições antecipadas no Japão

O primeiro-ministro japonês anunciou que as eleições gerais serão antecipadas para o próximo ano.

Mulheres: o voto revigora Democracia

A participação das mulheres no processo eleitoral é fundamental para a consolidação da democracia.



Benfica-Porto esgota lotação

O jogo de futebol entre o Benfica e o Porto esgotou a lotação do estádio.

Benfica-Porto esgota lotação

O jogo de futebol entre o Benfica e o Porto esgotou a lotação do estádio.

Benfica-Porto esgota lotação

O jogo de futebol entre o Benfica e o Porto esgotou a lotação do estádio.

Benfica-Porto esgota lotação

O jogo de futebol entre o Benfica e o Porto esgotou a lotação do estádio.

O jornal responsável dos democratas responsáveis

DA REVOLUÇÃO A CONSTITUIÇÃO • DA REVOLUÇÃO A CONSTITUIÇÃO • DA REVOLUÇÃO

Comemora-se amanhã o aniversário da República. Pediu Raul Proença que dela, da «República», se falasse mais do que do «5 de Outubro». Sem esquecermos quanto mereceram ser honrados os revolucionários civis e militares que, pelo seu combate abnegado e pela sua heróica acção, derrubaram a monarquia, ocupemo-nos hoje, mais uma vez, de celebrar o esforço e a coragem política dos republicanos a quem o povo confiou a tarefa de desenhar a ordem constitucional republicana.

Eram homens jovens. Raros se não mantiveram fiéis à sua juventude. Raros pactuaram com o regime de «Estado Novo». Bissau Barreto foi a excepção que confirma a regra de uma geral fidelidade aos ideais republicanos. Casos distintos serão os de Alfredo Magalhães e de Sidónio Pais. De um modo geral os deputados das Constituintes da República corresponderam à confiança popular.



Os «benjamins» da Assembleia de 1911: da esquerda para a direita, Miguel de Abreu, de 22 anos; Alberto Souto, de 23; António da Fonseca, João Camilo Rodrigues, Emílio Mendes e Bissau Barreto, de 24; Ernesto Carneiro Franco, Ramada Curto e Aureliano Mira Fernandes, de 25



A Assembleia Constituinte

A que distância estamos hoje desse período agitado e idealista das Constituintes! A maioria dos portugueses não o conheceu, ou, se foi contemporânea, a primeira juventude terá disso uma reminiscência directa muito diluída. Não é, assim, demais recordar alguns factos e evocar figuras e datas.

A 14 de Março de 1911, com cinco meses já de Governo Provisório, este decretava as regras a observar nas eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, que se realizariam a 28 de Maio. Assinavam o decreto Teófilo Braga, António José de Almeida, Bernardino Machado, Correia Barreto, Amaro de Azevedo Gomes e Brito Camacho. A 18 de Março começaram as operações para o recenseamento eleitoral, mas a 5 de Abril as regras a observar nas eleições foram alteradas «atendendo às informações e reclamações que lhe têm vindo de toda a parte do País».

AS ELEIÇÕES DE 28 DE MAIO

O Governo Provisório transigia com a opinião pública republicana e com alguns interesses políticos locais. Conforme a lei, Lisboa elegeu na data marcada 20 deputados pelos dois tradicionais círculos oriental e ocidental, e o Porto 10 deputados num único círculo. Os outros 44 círculos do continente elegeram quatro por círculo, o que fazia um total de 206.

Nas ilhas o Funchal elegeu 4, mas só 2 foram proclamados, Ponta Delgada 4, Horta e Angra 3; cada um. As colónias deviam eleger 14 deputados, um por cada círculo, mas só 4 compareceram na Assembleia Constituinte, ficando alguns dos eleitos ausentes, por demora na comissão de verificação de poderes, ou por contestações que não tiveram rápida apreciação.

Lisboa elegeu pelo círculo oriental (ordem alfabética dos nomes próprios e não da votação decrescente): Afonso Costa, Afonso Henriques do Prado Castro Lemos, Anselmo Braancamp Freire, presidente da Câmara Municipal, que seria presidente das Constituintes, António José de Almeida, António Ladislau Piçarra, Artur da Luz Almeida, Bernardino Machado, José Afonso Pala, Pedro Sá Pereira (socialista) e Magalhães Lima; e pelo círculo ocidental: Alexandre Braga, Alfredo Ladeira (socialista), Amaro de Azevedo Gomes, Machado Santos, Fernão Boto Machado, João de Meneses, Teófilo Braga, José Mendes de Magalhães, José Carlos da Maia e José Barbosa.

O Porto elegeu: Adriano Augusto Pimenta, Alfredo Seabra Junior, Ângelo Vaz, Santos Pousada, Correia Barreto, António da Silva e Cunha, Xavier Esteves, Germano Martins, Manuel José da Silva (socialista) e Severiano José da Silva.

As Constituintes de 1911 funcionaram com 222 deputados.

A primeira sessão, que se pode considerar histórica como a das Constituintes de 1820, realizou-se a 19 de Junho na Câmara dos Deputados com a presença de 166 dos seus membros e a assistência de mais de 200 representantes das Câmaras Municipais.

Nessa primeira sessão, durante a qual a vibração republicana atingiu o auge, foi proclamada e decretada a abolição da monarquia, estabelecido que a forma de governo seria a da república democrática, abolida a dinastia de Bragança, firmadas as cores e características da bandeira nacional, e determinada «A Portuguesa» como hino da Nação.

O dr. Teófilo Braga chefe do Governo Provisório,

leu a mensagem dação, na qual se continha esta afirmação: «A revolução de 5 de Outubro espantou o mundo pela forma mais espiritual do que material como foi realizada.»

Em 7 de Julho foi aprovado o regimento interno da Assembleia, subscrito pelo general Dantas Baracho, Machado Santos, Inocêncio Camacho, Celestino de Almeida e Feio de Terenas.

OS «BENJAMINS» DAS CONSTITUINTES, AS FIGURAS IDOSAS E A GENTE NOVA

Os 222 deputados à Assembleia Nacional Constituinte davam, na média das idades, cerca de 45 anos. Se alguns dos constituintes ultrapassavam os 60 anos, e bastantes os 50, o número dos «rapazes» — a gente de sangue na guelra, que ia até aos 30 — e a que se situava entre essa idade e a dos 40 constituíam uma falange quase a dar maioria.

O mais idoso dos deputados era o dr. Francisco António Ochoa, de tradições liberais na família, transmontano de Bragança, que gradualmente fizera carreira na magistratura, e fora nomeado juiz do Supremo dois meses antes da proclamação da República: contava 72 anos e 7 meses.

Seguia-se, com 72 anos certos, o dr. José Jacinto Nunes, o «homem de Grândola», grande nome de paladino da República, que fora advogado, subdelegado, presidente da Câmara de Grândola, e deputado republicano, por Lisboa, em 1893. Vinha depois o dr. Manuel de Arriaga, com 71 anos, o admirável e nobilíssimo tribuno, rotico e sonhador, que recusara ser professor dos príncipes D. Carlos e D. Afonso, e fora deputado republicano por duas vezes, entre 1883 e 1890. O dr. Teófilo Braga, presidente do Governo Provisório, e grande nome das letras portuguesas, não completara ainda 68 anos.

Mais curiosa é a lista dos rapazes — os «benjamins» da Câmara dos Constituintes — que apareciam como académicos em assembleias gerais, mas que em regra se acomodavam aos pareceres da gente amadurecida e mais responsável.

O mais novo de todos os deputados era Miguel de Abreu, com 22 anos, estudante da Politécnica, filho do médico Eduardo de Abreu, nome de relevo na monarquia, e que aderira à República em 1896; foi fundador do Centro Democrático Académico e era em 1911 conservador da Biblioteca Nacional.

Alberto Souto, de Aveiro, vinha em segundo lugar. Contava 23 anos e tinha atrás de si um passado de jornalista, conferencista, agitador: frequentara Teologia, e depois Direito, em Coimbra abandonando a Universidade depois de proclamada a República, sendo nomeado administrador do concelho de Estarreja. Espírito culto dedicou-se a assuntos de arte.

Com 24 anos de idade havia dois deputados. Dr. Fernando Bissau Barreto, bacharel em filosofia, que se formou em Medicina, por Coimbra, em 1911; fundara o Centro Republicano Académico e o Grupo do Livre Pensamento, foi membro do comité revolucionário académico de Coimbra, e jornalista na «Revolta» e na «Pátria». Tinha então um rosto menineiro e gozava de prestígio pessoal por seus méritos. Dr. Emílio Mendes, que no ano anterior à República concluíra o curso de Direito, e fora um dos intransigentes da greve de 1907; fez parte do Centro Republicano Académico de

Coimbra, foi depois da República conservador do registo civil em Lisboa. (Com 24 anos, também foi eleito deputado, mas não tomou logo assento na Câmara Constituinte, João Camilo Rodrigues, regente agrícola, e activo revolucionário).

Com 25 anos havia três constituintes: Dr. Amílcar Ramada Curto, advogado em Lisboa, também jornalista desde rapazinho, em jornais académicos, um dos fundadores do Centro Republicano Académico de Coimbra, várias vezes processado; trazia um passado de agitador intransigente, e fizera parte do «comité» revolucionário académico e civil de Coimbra. Dr. Francisco Luís Tavares, açoriano, formado em Direito, que fizera parte do «comité» de resistência da greve académica de 1907, e sócio do Centro Republicano; foi governador-civil de Ponta Delgada. Dr. Ernesto Carneiro Franco, formado em Direito, intransigente de 1907, jornalista e revolucionário activo.

Contavam 27 anos o dr. António da Fonseca, um dos intransigentes da greve de 1907 em Coimbra, que se formara em Direito dois meses antes da República; dr. Francisco Cruz, ribatejano, advogado e industrial, republicano façanhudo e leal; dr. Eduardo de Almeida, de Guimarães, advogado.

Na ordem dos 28 anos tomaram assento na Câmara Constituinte oito deputados: o capitão-tenente José Mendes Cabeçadas, que em 4 de Outubro tomou o comando do «Adamastor»; o tenente Hélder Ribeiro, cuja acção revolucionária vinha de 1908; o dr. Alberto Moura Pinto, que fizera parte da Junta Central Revolucionária de Coimbra; o dr. Porfírio de Magalhães, republicano activo desde 1906; Gastão Rodrigues, republicano revolucionário de Alcântara, fundador de centros republicanos; dr. Adriano Gomes Pimenta, do Porto, sócio fundador de centros republicanos, advogado, dirigente conspiratório; dr. José Montez um

dos fundadores, com Bissau Barreto e Ramada Curto do Centro Republicano Académico de Coimbra, e que foi presidente da Câmara de Santa-rém; dr. José da Silva Ramos, médico, que exerceu a sua profissão na Misericórdia de Lisboa.

Com 29 anos apareciam: dr. António Granjo, advogado, que fez parte do «comité» revolucionário de Trás-os-Montes e Beiras, e em Coimbra se distinguira pela sua acção; tenente Américo Olavo, do Funchal, que fundou a Liga Académica Republicana e a Escola 31 de Janeiro, conspirador activo; o segundo-tenente Philemon de Almeida, que trabalhou na acção revolucionária da marinha; dr. Joaquim Ribeiro, de Tomar, formado em filosofia, grande defensor da sua região. Os drs. Manuel Alegre, Carlos Olavo e Domingos Pereira, e o 2.º tenente Carvalho Araújo, contavam 30 anos. Com 31 anos havia 11 constituintes.

Desta pleiade de alguns «benjamins» e de jovens — grande número desapareceu da vida, alguns trágica ou gloriosamente, e outros vieram a exercer altos cargos na República e na sociedade portuguesa.

De entre os 222 nomes da Assembleia Nacional Constituinte de há 40 anos cumpre evocar algumas figuras, já desaparecidas do número dos vivos ou felizmente existentes. Nem todos se lembrarão das suas virtudes morais e políticas: Anselmo Braancamp Freire, professores dr. Ângelo da Fonseca, Egas Moniz, Pedro Martins e Augusto de Monjardino, Tomás de Barros Queirós, dr. Sidónio Pais, dr. Magalhães Lima, Tomás Cabreira, professores Miranda do Vale e Cristóvão Moniz, José Carlos da Maia, professor João Barreira, dr. Francisco Teixeira de Queirós, o professor Matos Cid, o padre Rodrigo Fontinha, o padre Casimiro Rodrigues de Sá, abade de Padornelo, dr. Aresta Branco, professor dr. Aureliano de Mira Fernandes, eng.º Eze-

• 68 dias de trabalhos legislativos criaram a nova ordem constitui

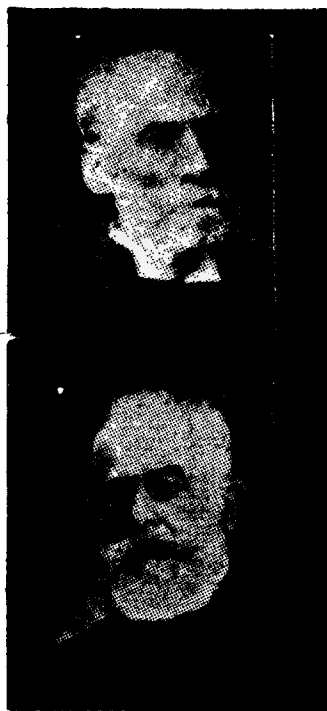


Soldados de Infantaria da Guarda Municipal, defensores da monarquia, preparam-se para combater

DA A CONSTITUICAO • DA REVOLUCAO A CONSTITUICAO



e de 1911



O juiz dr. Francisco António Ochoa, que presidiu à primeira sessão da Constituinte, na qualidade de decano; e Anselmo Braamcamp Freire, que a seguir foi eleito presidente da Assembleia



O acampamento da Rotunda batizada de Constituinte

vismo do povo português». E referindo-se à circunstância de ter ficado fora das Constituintes Cunha e Costa declarava: «Há um meio de compensar o desgosto que isso me possa ter causado: é contribuir com o meu ardente patriotismo e o meu grande amor à República para que esta obra tão imperfeita (o seu projecto) seja recebida com afago e carinho».

Em 21 de Junho foi eleita a comissão da Constituição, da qual faziam parte os dres. Correia de Lemos, presidente, João de Meneses, José de Castro, Magalhães Lima e José Barbosa.

O primeiro projecto oficial que a comissão sancionou estabelecia no artigo 1.º:

«A Nação Portuguesa, livre e independente, adopta para seu Governo a forma de República Democrática».

A Constituição aprovada na sessão nocturna — 55.ª — de 18 de Agosto alterou o texto inicial:

«A Nação Portuguesa, organizada em Estado Unitário, adopta como forma de Governo a República, nos termos desta Constituição».

No artigo 3.º estabelecia-se:

«A Constituição garante a segurança individual e a propriedade; a liberdade de consciência e de crença é inviolável; ninguém pode ser perseguido por motivo de religião; a expressão de pensamento, seja qual for a sua forma, é completamente livre; o direito de reunião e associação é livre; a lei é igual para todos mas só obriga aquela que for promulgada nos termos desta Constituição».

A eleição do presidente da República realizou-se a 24 de Agosto — 59.ª sessão das Constituintes. Sob a presidência de Anselmo Braamcamp Freire, sendo escrutinadores os dres. António Pereira Vitorino, deputado por Viseu, e Domingos Pereira, votaram 217 deputados, a maior presença de todas as sessões. Votou em primeiro lugar o coronel e escritor Abel Botelho, e em último o tenente e

O
IMENSO
ADEUS
RAYMOND
CHANDLER

— Livros do Brasil/College Trustees

Eu virei-me e olhei para o Ohla.

— As hienas do deserto vão hoje ter que comer. Parabéns. O trabalho dos polícias é uma maravilha: cheio de energia criadora, de ideias, Bernie. Só é pena que seja feito por polícias.

— Você quiz armar em herói. Tanto peor para si — disse-me com uma fúria repentina e fria. — Deu-me imensa vontade de rir você entrar na sua própria casa para apanhar uma sova. Foi um trabalho sujo, mas foi-nos necessário. Para se conseguir que estes tipos falem é preciso dar-lhes uma certa sensação de poderio. Você não ficou muito magoado, mas tivemos de consentir que o magoassem.

— Lastimo imenso que tenha tido de sofrer tanto com a pancada que eu apanhei.

— Detesto batoteiros — disse-me com voz áspera. — Detesto-os tanto quanto detesto os tipos que fazem contrabando de estupefacientes. Você pensa por acaso que aquelas casas em Reno e Las Vegas não servem para mais nada do que divertir o público? Se assim pensa é parvo. Eles exploram os tipos com pouco dinheiro, os rapazes que vão para lá com os ordenados dentro dos subscritos e saem sem dinheiro para pagar a mercearia. O tipo rico perde quatro mil dólares, ri-se e volta a perder mais. Mas não é ele que alimenta o negócio, amigo. O dinheiro grande é feito com centenas e meios dólares, talvez de vez em quando com uma nota de dólar ou de cinco dólares. O grosso do negócio entra-lhes como a água que sai de um cano: nunca pára de escoar. E sempre que alguém quizer destruir um batoteiro profissional eu cá estou às ordens. Agrada-me.

— Já desabafou? Sente-se melhor? — disse-lhe enquanto punha tintura de iodo nas feridas.

— Sou um polícia velho e cansado. Já apanhei muita pancada e tudo o que consigo sentir é raiva.

Eu virei-me e olhei-o.

306

OS cional



mbater os revolucionários

quiel de Campos, dr. Manuel Bravo, professor Alfredo de Magalhães, engenheiro Xavier Esteves, o coronel Alberto Carlos da Silveira, professor Simões Raposo, o tenente, futuro e heróico comandante Carvalho Araújo, professor dr. Barbosa de Magalhães, professor dr. Manuel de Sousa da Câmara, general Dantas Baracho, prof. Vitorino Guimarães, etc., etc., não contando os membros do Governo Provisório, os chefes políticos, todos com individualidade notória.

OS PROJECTOS DE COSTITUIÇÃO E A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

O labor mais sério — e essencial — da Assembleia Nacional Constituinte — foi o da Constituição. Apresentaram projectos, directa ou indirectamente o dr. Teófilo Braga, chefe do Governo, que propunha 9 ministérios, divididos por 4 grupos: Ordem e Instrução Pública; Riqueza e Economia Pública; Defesa e Segurança Pública; Justiça e Relações Internacionais; José Barbosa, Machado Santos, o jornal «A Luta», de que era director Brito Camacho e redactor João de Meneses, deputados João Gonçalves, Fernão Boto Machado, Manuel Goulart de Medeiros, Nunes da Mata, todos deputados, e o Grémio Montanha.

O advogado José Soares da Cunha e Costa, que se propusera por Aveiro e perdera a eleição vereador da Câmara de Lisboa, apresentou também um projecto, largamente fundamentado.

Este homem, que mais tarde havia de retrogradar para as hostes monárquicas, escrevia: «O meu projecto é a aplicação dos princípios fundamentais do regime, representativo à mentalidade e ao ci-

professor Vitorino Guimarães.

O dr. Manuel de Arriaga, procurador-geral da República e deputado pelo Funchal, somou 121 votos, maioria absoluta. O ministro dos Estrangeiros, dr. Bernardino Machado, contou 86, o dr. Duarte Leite 4, os dres. Magalhães Lima e Alves da Veiga, 1 cada um, e entraram 4 listas brancas.

Proclamado o presidente toda a Câmara se levantou, soltando «vivas» à Pátria, à República e à União Republicana — que não se havia de dar. Sob a veneranda cabeça de Manuel de Arriaga ondulou a bandeira nacional. O tribuno idealista proferiu o compromisso de honra e, depois, pronunciou um curto discurso:

— Depositaram nas minhas mãos o tesouro da liberdade e da honra da Pátria! Não falemos mais dos erros dos contrários: hão-de vir para nós os que de nós fugiram. O objectivo mais dilecto do meu coração é fazer do nosso estatuto a cidade santa do direito moderno...

O dr. Bernardino Machado foi dos primeiros a cumprimentar o seu opositor triunfante, e logo Afonso Costa, que votara contra, e depois António José de Almeida, da falange Arriaga.

Na sessão seguinte, 25 de Agosto, foram eleitos 71 senadores, de entre os constituintes, e os restantes ficaram constituindo, com alguns eleitos pelas colónias, a primeira Câmara de Deputados constitucional da República.

O velho e nobre Anselmo Braamcamp Freire saiu da Câmara entre aclamações, depois do professor Egas Moniz ter exaltado os trabalhos da mesa das Constituintes, que, com 60 sessões terminara a sua missão. Durara 68 dias.

O Governo Provisório cessou as suas funções, e a 3 de Setembro foi constituído o primeiro ministério constitucional presidido por João Chagas.

CLARAS TURISMO

**5 DE OUTUBRO
EM
LONDRES**

**VIAGEM EM AVIÃO
A JACTO**

PREÇO POR PESSOA: (Em quarto duplo com
banho)

HOTEL	Em Duplo	Supl. Single
MOUNT ROYAL	17 850\$00	4 200\$00

CONSULTE:

CENTRO DE TURISMO DA RODOVIARIA NACIONAL, E P

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 33 — LISBOA-1

Telefs. 56 34 51/2/3/4 - 56 00 15 — Telex 12 315



O IMENSO ADEUS
RAYMOND CHANDLER

Livros do Brasil/College Trustees

—Você é um bom polícia, Bernie, mas engana-se em muitas coisas. Quanto a si, se um tipo perde o ordenado numa casa de batota a solução é acabar com a batota. Se se embebeda, acabe-se com a venda dos álcoolis. Se matar alguém num choque de automóveis, acabe-se com os automóveis. Se o apanham com uma rapariga num quarto de um hotel, acabe-se com as relações sexuais. Se cai das escadas abaixo, acabe-se com as escadas e as casas.

—Você está a dizer asneiras. É melhor calar-se.

—Claro que tenho de me calar. Não passo de um cidadão. Deixe-se de fitas, Bernie. O crime não é uma doença, é um sintoma. Os polícias são exactamente como os médicos que receitam aspirinas para um tumor do cérebro. Excepto que os polícias prefeririam usar um «casse-tête». Nós somos uma nação grande, bruta, rica, um pouco louca e o preço pelo qual pagamos estas características é o crime. E se o crime se tornou organizado isso é consequência da nossa mania de organização. É qualquer coisa que não vai desaparecer tão depressa. O crime organizado é o lado sujo do dólar.

—E qual é o lado limpo?

—Eu nunca o vi. Talvez o Harlan Potter o possa mostrar. Olhe, vamos antes beber uma bebida.

—Você fazia um figurão ao entrar pela porta dentro —disse-me o Ohls.

—E você ainda fez maior quando o Mendy puxou pela faca.

—Aperte aqui—disse-me enquanto me estendia a mão. Bebemos a tal bebida e ele saiu pela porta das trazeiras, cuja fechadura ele tinha forçado para entrar.

Fiquei a olhá-lo enquanto caminhava por entre as árvores com uma lanterna na mão, e se dirigia para o carro. Fechei a porta; arranhei outra bebida, voltei para a sala de estar e sentei-me. Olhei para o relógio. Ainda era cedo, embora me parecesse que tinha chegado a casa há muito tempo.

307

EUROPA

ESPAÑA Greves no ensino e comboios

Duas semanas depois de ter sido iniciado oficialmente o ano escolar, a situação do sector continua conflituosa, sobretudo nas provincias de Madrid e Barcelona, agravada agora com a convocatória para hoje de uma greve geral do ensino estatal.

Cinco centrais sindicais, à excepção da União Geral de Trabalhadores convocaram para hoje uma jornada de greve, mobilizações e assembleias, para protestar contra a política oficial neste campo que segundo os convocantes, «pretende beneficiar directa ou indirectamente o negócio económico e ideológico do ensino privado».

A União Geral de Trabalhadores não aderiu à convocatória, alegando que é precipitada e que prefere esgotar todas as possibilidades de negociação com o Ministério.

Os conflitos grevistas vão ser acentuados hoje pela convocatória de greve de quatro horas na «RENFE», que afecta uns 70 000 trabalhadores.

Os comboios não circularão em toda a Espanha, entre as oito da manhã e o meio dia.

Todos os comboios que se encontrem circulando às oito da manhã param na estação mais próxima, até depois do meio dia.

Entretanto, a companhia de caminhos-de-ferro (RENFE) suspendeu todos os serviços cuja hora de saída está prevista durante o período da greve.

A paralisação é motivada pela negativa da empresa de aceder às reivindicações de revisão salarial.

ESPAÑA RATIFICOU CONVENÇÃO DOS DIREITOS DO HOMEM

A quatro dias da visita do rei D. Juan Carlos I ao Conselho da Europa, a Espanha ratificou hoje a Convenção Europeia dos Direitos do Homem, que entra imediatamente em vigor neste país, com duas reservas.

A convenção une presentemente o conjunto dos 21 países membros do Conselho da Europa, com excepção do Lichtenstein.

A Espanha aceitou também, por um período de três anos, a jurisdição obrigatória do Tribunal Europeu dos Direitos do Homem de Estrasburgo. O Governo espanhol além disso indicou que tencionava reconhecer a competência da Comissão Europeia dos Direitos do Homem em receber queixas individuais «logo que as futuras leis consecutivas à promulgação da Constituição espanhola o permitam».

DINAMARCA Manifestação anti CEE

O «Movimento Popular Anti-CEE» que pede a saída da Dinamarca da CEE, teve reuniões de protesto em várias cidades dinamarquesas, ontem à noite, por ocasião do 7.º aniversário da decisão da entrada da Dinamarca para o Mercado Comum alargado.

Em Copenhaga, cerca de mil pessoas desfilarão e ouvirão vários discursos anti-CEE, nomeadamente em frente do Parlamento.

Os oradores convidaram a população dinamarquesa a trabalhar no sentido da saída da Dinamarca da CEE, e recomendaram aos eleitores que votassem em candidatos favoráveis a essa saída, nas próximas eleições legislativas de 23 de Outubro.

INGLATERRA

Nova vitória da esquerda trabalhista

A facção de esquerda do partido trabalhista inglês conseguiu ontem um importante reforço das suas posições no decorrer do terceiro dia de debates da Conferência anual do partido em Brighton.

Depois do empate da véspera, os partidários de Tony Benn, o homem da ala esquerda do partido, tiveram vantagens sobre a outra ala. Com uma maioria de 4 contra 3, o congresso aprovou a sua principal reforma: conferiu aos 29 membros do comité executivo nacional, dominado pela ala esquerda, o inteiro controlo do manifesto eleitoral.

Nada no entanto é definitivo. Uma comissão de inquérito sobre o funcionamento do partido vai começar o exame desta proposta, bem assim como o exame da proposta que foi aprovada na véspera e que submete a investidura de cada deputado a um «exame de passagem» periódico perante a sua secção local.

Entretanto, James Callaghan poderá continuar à frente do «Labour» ou assegurar a eleição

de um dos seus delfins, visto que obteve na terça-feira a rejeição da terceira reforma da esquerda. Esta queria fazer eleger o chefe do partido não pelo grupo parlamentar como até aqui, mas sim por um colégio alargado ou mesmo pelos 1100 delegados do congresso anual.

O fosso entre as duas tendências agravou-se. As principais palavras de ordem da esquerda são: redução dos armamentos, imposto sobre a fortuna, abolição da câmara dos lordes, rejeição imediata da política agrícola europeia, limitação das importações e fixação em 35 horas da semana de trabalho.

PEDIDO O REEXAME DA PRESENÇA NA CEE

Esta manhã, a esquerda trabalhista conseguiu uma nova e muito significativa vitória: a conferência do partido aprovou uma moção pedindo o reexame da presença britânica no Mercado Comum à qual aquela facção do partido tem vindo a acentuar a sua posição.

AFRICA

Conferência sobre a Rodésia nova proposta britânica

A conferência constitucional sobre o futuro da Rodésia entrou numa fase decisiva e crítica, com a apresentação pela Grã-Bretanha da última versão do projecto de constituição para aquela sua ex-colónia.

O ministro britânico dos negócios Estrangeiros e presidente da conferência, Lord Carrington, deu às delegações do Governo de Salisbury e da Frente Patriótica de Libertação do Zimbábue um prazo até à próxima segunda-feira para aceitarem ou rejeitarem o projecto apresentado na quarta-feira.

Nos termos do projecto, que já obteve a aprovação de princípio do bispo Muzorewa, actual primeiro-ministro rodesiano, prevê-se um presidente constitucional à frente do estado e um primeiro-ministro à frente do Governo.

Esta formulação não tem a concordância da frente guerrilheira, que defende que o presidente deve estar também à frente do executivo.

A Grã-Bretanha também não teve em conta a posição da Frente Patriótica, quanto à questão do direito de cidadania do futuro estado.

Tanto a frente Patriótica, como a delegação do bispo Muzorewa, que esta manhã foi abalada pela morte, em circunstâncias muito estranhas, de um dos seus conselheiros constitucionais, não emitiram qualquer comentário a esta proposta final da Grã-Bretanha.

OS ATAQUES A MOÇAMBIQUE

O primeiro-ministro rodesiano rejeitou ontem, totalmente, um apelo zambiano para que a Ro-

desia cesse os seus ataques aos países vizinhos durante a conferência de paz.

A sugestão zambiana fora entregue terça-feira à noite pelo embaixador adjunto da Zâmbia em Londres, Emmanuel Nyiranda, o qual considerou que ao recente ataque rodesiano contra Moçambique ameaçou as últimas esperanças para que a conferência de paz consiga um acordo capaz de estabilizar toda a África Austral.

Esta opinião do embaixador Zambiano foi reforçada pelo facto de as autoridades de Salisbury terem, antes de ontem, reconhecido pela primeira vez que têm atacado alvos civis e económicos na República Popular de Moçambique. O comando Militar Rodesiano confirmou que os seus aviões bombardearam a barragem do Limpopo durante a semana passada. Fontes moçambicanas classificaram como catastrófica a destruição de uma das quatro comportas que regulam a irrigação do vale do Limpopo. Numerosos observadores consideram entretanto que o reconhecimento oficial rodesiano dos ataques a alvos civis corresponde na prática a uma declaração de guerra.

FRANÇA

Barre acusado de especulação imobiliária

O primeiro-ministro francês, Raymond Barre, foi ontem atacado pelo semanário de extrema-direita «Minute» a propósito de compras imobiliárias que teria feito desde a sua nomeação para a presidência do conselho.

Num comunicado, Barre qualificou imediatamente as afirmações do semanário de «mentirosas» e afirmou «tratar com desprezo» os «ataques» de que é alvo.

No seu último número, «Minute» afirmou que Barre, desejando construir uma moradia, tinha comprado em Saint-Jean-Cap-Ferrat, na Côte d'Azur, um terreno com 2938 metros quadrados pela quantia de 560 mil francos (cerca de 6200 contos), «um terço do preço normalmente pedido», acrescenta o semanário, afirmando que a licença de construção não foi pedida em nome de Barre mas em nome de outra pessoa, um conselheiro municipal de Saint-Jean-Cap-Ferrat.

O semanário afirma que em três anos, «desde a sua chegada ao palácio Matignon «Barre investiu» mais de três milhões de francos (cerca de 33 mil contos) no ramo imobiliário», comprando três apartamentos.

NAMÍBIA

Proposta uma zona desmilitarizada

Os Estados Unidos e quatro outras potências ocidentais propuseram a criação de uma zona desmilitarizada, ao longo da fronteira da Namíbia com Angola, para ajudar a resolver o problema namibiano, anunciou hoje a Secretaria norte-americana de Estado.

«Os parceiros para a zona desmilitarizada seriam Angola, Zâmbia, Namíbia e Botswana», disse o porta-voz da Secretaria de Estado, explicando que a proposta não passa ainda de um «projecto de trabalho» e está a ser negociada com a África do Sul.

A proposta dos países do Ocidente, disse Hodding Carter, «facilitaria o papel das Nações Unidas na obtenção de um cessar-fogo e de um período de transição» precedendo a total independência da Namíbia da África do Sul.

Carter disse que a proposta foi preparada pelo grupo das cinco nações ocidentais que têm estado a trabalhar na questão namibiana, durante estes dois últimos anos, juntamente com o secretário-geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim.

As cinco nações ocidentais são os Estados Unidos, Grã-Bretanha, Canadá, França e Alemanha Federal.

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — Algés
Telefone 2102910

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

MATRÍCULAS ABERTAS

Das 10, às 12h e das 17 às 22h excepto sábados

STOLIZ

**TEATRO POPULAR
COMPANHIA NACIONAL 1**

**APRESENTA
PARA INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA**

DE 3.ª A SÁBADO: ESPECTÁCULOS ÀS 21.15 HORAS
DOMINGO: ESPECTÁCULO ÚNICO ÀS 16 HORAS
2.ª-FEIRAS: DESCANSO DA COMPANHIA

OS SEQUESTRADOS DE ALTONA

de SARTRE

Versão de Orlando Neves e Jorge Listopad

com: CANTO E CASTRO
CLARA JOANA e ELISA LISBOA
PAIVA RAPOSO e SINDE FILIPE

Encenação de JORGE LISTOPAD

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
DIRECÇÃO-GERAL DOS ESPECTÁCULOS
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

CTP

AMÉRICA

Regimes comunistas mortos sob tortura no Paraguai

Três membros do Comité Central do Partido Comunista Paraguai, detidos em Novembro de 1975, morreram devido a tortura, anunciou ontem em Londres, a organização «Amnesty International».

A organização de defesa dos presos políticos precisou que tinha submetido, no mês passado, um relatório sobre este assunto ao Supremo Tribunal do Paraguai, comportando os testemunhos de guardas e presos do local onde estavam então detidos os três dirigentes comunistas.

Segundo a «Amnesty», os três homens eram até agora «dados como desaparecidos» e as autoridades paraguaias negaram sempre a sua detenção.

O relatório submetido pela «Amnesty» descreve em pormenor as circunstâncias da morte dos três homens: Miguel Soler, secretário-geral do partido, Derliz Vilagra, de 30, e Ruben Acosta, de 25.

Segundo este relatório, Soler foi chicoteado e espancado com barras de ferro e os seus membros foram cortados aos bocados. Villagra foi morto por espancamento à paulada. Finalmente Acosta foi metido num reservatório com excrementos e depois suspenso pelos pés e espancado até à noite.

● MILHARES DE PESSOAS MANIFESTARAM-SE na quarta-feira junto da sede do Governo de Manágua exigindo que os contra-revolucionários fossem tratados com «mão de ferro». Os manifestantes ouviram um duro discurso do comandante sandinista Jaime Wheelock Roman, ministro da Reforma Agrária, o qual criticou os «elementos da contra-revolução», que o povo «deve anular» com o apoio da Frente Sandinista de Libertação Nacional.

● A oposição salvadorenha convocou uma greve nacional para hoje e amanhã, a fim de protestar contra o assassinio de quatro sindicalistas camponeses cujos cadáveres, descobertos no sábado passado perto de um posto militar situado a cerca de 25 km da capital, foram identificados ontem.

Harold Brown veta venda de material à URSS

O secretário americano da Defesa, Harold Brown, decidiu bloquear a venda de material destinado ao aumento da capacidade dum computador adquirido há três anos pela URSS, soube-se de boa fonte na quarta-feira à noite no Pentágono.

Brown, precisaram estas mesmas fontes, deu a conhecer a sua decisão numa carta datada de 27 de Setembro à Secretaria do Comércio, sr.ª Juanita Kreps, hoje demissionária por razões «pessoais e familiares».

Com efeito, segundo a lei americana é o Departamento (Ministério) do Comércio que fornece as licenças de exportação para países comunistas, mas o secretário da Defesa pode opor-se a certas transacções consideradas importantes para a segurança dos Estados Unidos. Agora só o presidente pode prever a decisão do ministro da Defesa.

Num outro domínio, o Departamento da Agricultura comunicou às autoridades soviéticas que poderiam adquirir durante os próximos doze meses o número recorde de 25 milhões de toneladas de cereais aos Estados Unidos. As colheitas da URSS, segundo estimativas americanas vão ser ainda más este ano.

A DEMISSÃO DE JUANITA KREPS

A sr.ª Juanita Kreps, secretária do Comércio, apresentou na quarta-feira a sua demissão ao

Presidente Carter que a aceitou, confirmou na noite passada um porta-voz do Departamento do Comércio, Ernest Lolito.

A sr.ª Kreps, de 58 anos, tomou esta decisão por «motivos pessoais e familiares», acrescentou Lolito. «A sr.ª Kreps considera ter vivido mais de três anos deparada da família e sente necessidade de voltar ao seu convívio», acrescentou o representante do Ministério.

A FAVOR DO SALT II

A ratificação do tratado SALT 2 pelo Senado americano encontra-se mais do que nunca no centro da actualidade depois do

aparente «esquecimento» da crise de Cuba. Ontem, em Washington, no termo de dois dias de conversações com os dirigentes americanos, o ministro da Defesa alemão ocidental, Hans Apel, preveniu que «a Aliança Atlântica sofreria uma autêntica crise» se o tratado fosse rejeitado. Nesse caso, disse, a NATO correria o risco de adiar as decisões tendentes a contrabalançar a instalação pela URSS de mísseis SS-20 na Europa. O Conselho de Defesa da NATO deve reunir-se em Dezembro para se pronunciar, nomeadamente, sobre a instalação na Europa do míssil Pershing II susceptível de atingir alvos na URSS.

Fidel não vai à ONU

O presidente Fidel Castro de Cuba decidiu não se deslocar a Nova Iorque a fim de apresentar o habitual relatório do presidente em exercício no Movimento Não-Alinhado à Assembleia Geral das Nações Unidas — anunciou ontem um porta-voz da ONU.

Declarou que o secretário-geral, Kurt Waldheim, foi notificado ontem à noite da decisão de Fidel Castro.

O relatório será apresentado pelo vice-presidente Carlos Rodríguez.

Enquanto isto, o órgão do PC cubano, «Granma» escrevia ontem que o presidente Carter tentou fazer chantagem contra Cuba sobre a presença de tropas soviéticas na ilha, mas falhou embaraçosamente.

Um milhão de pessoas com o Papa em Filadélfia

Recordando o espírito de liberdade existente na «Cidade do Amor Fraternal», o Papa João Paulo II celebrou ontem em Filadélfia uma missa a que assistiu mais de um milhão de pessoas e advertiu que a liberdade não pode ser uma desculpa para a «anarquia moral».

Falando perante a maior multidão que já o saudou nesta sua visita aos Estados Unidos, o Papa fez questão de salientar que não pode haver liberdade verdadeira se não for respeitada a relação moral entre a sexualidade e o casamento.

O Papa prestou homenagem à tradição de liberdade da cidade de Filadélfia, onde foi procla-

mada a independência dos Estados Unidos em 1776, e lei ex-certos da declaração de independência norte-americana, salientando depois:

«O vosso apego à liberdade faz parte da vossa herança... Este princípio de liberdade tem equivalente na ordem social e política, nas relações entre o governo e o povo e de indivíduo para indivíduo».

As declarações do Papa desiludiram os católicos liberais, devido à ortodoxia com que ele encara os problemas do celibato sacerdotal e da moral sexual.

Em editorial de primeira página, o jornal declara que o presidente dos Estados Unidos tentou «descer apressadamente a cortina final sobre a comédia», retratando-se e aceitando que o presidente Fidel Castro tinha dito a verdade.

Trabalhadores rurais em greve no Brasil

Cerca de 18 mil trabalhadores rurais, de dois municípios produtores de cana-de-açúcar do Estado nordestino brasileiro de Pernambuco, paralisaram na quarta-feira as suas actividades, exigindo aumentos salariais de 100 por cento, além de garantias, laborais.

Espera-se que nas próximas horas aderirão à greve os trabalhadores de mais 22 municípios pernambucanos, que também estão em negociações para aumento salarial.

Participam igualmente da greve cerca de 8.000 «boias-frias» (trabalhadores contratados temporariamente, sem nenhum direito trabalhista).

Se a greve conseguir a adesão dos demais municípios, prevê-se que a paralisação das actividades cerca de 250 mil trabalhadores.

Enquanto isso, metalúrgicos de três Estados (Ceará, São Paulo e Belo Horizonte), que reivindicam aumentos salariais entre 50 e 90 por cento, mantêm paralisadas 50 fábricas.

ASIA

Comboio sabotado no Irão — oito mortos

Equipas de socorro removiam esta manhã os destroços dum comboio de passageiros que foi vítima dum atentado bombista que provocou pelo menos oito mortos, na província iraniana do Khuzestão.

A explosão ocorreu ontem à noite, quando o comboio se encontrava a cerca de 25 quilómetros de Korransharh, o maior porto petrolífero do Irão, tendo aparentemente a carga explosiva sido colocada anteriormente no interior duma das carruagens.

Na carruagem onde explodiu a bomba, seguiam 32 passageiros, cinco dos quais tiveram morte instantânea.

Sete carruagens ficaram danificadas e os guardas revolucionários iranianos, que tomaram conta da ocorrência, pensam que o número de vítimas poderá ser maior.

Este incidente seguiu-se a três dias de atentados perpetrados

nesta província de maioria étnica árabe, um dos quais destruiu um posto de rádio-comunicações que liga o Khuzestão a Teerão.

Os guardas revolucionários proclamaram dois dias de luto no Khuzestão.

Entretanto, soube-se hoje em Teerão que quatro guardas da revolução foram executados na terça-feira passada pelo Partido Democrata do Curdistão Iraniano (PDCI) em represálias pela execução de 4 habitantes de Mahabad pela justiça islâmica.

Os corpos dos quatro «pasdaran» foram abandonados pelos pechmergas nos arredores de Mahabad.

Por último, o líder iraniano, Ayatollah Khomeiny, exortou ontem 40 mil trabalhadores da indústria petrolífera a apoiarem o seu novo responsável, Ali Akbar Moinefar, que substituiu Hassan Nazih, esta semana.

MÉDIO ORIENTE

Enviado de Arafat chegou a Luanda

Chegou ontem a Luanda Abdul Khair, enviado especial de Yasser Arafat, presidente da Organização de Libertação da Palestina (OLP), portador de uma mensagem para o presidente do MPLA — Partido do Trabalho e da República Popular de Angola, José Eduardo dos Santos.

À sua chegada, Abdul Khair, referindo-se à conferência internacional sobre a Palestina, que se realizará ainda este mês na capital portuguesa, considerou ser ela bastante importante por ser a primeira vez que se realiza num país europeu.

O enviado especial da OLP sublinhou de igual modo, o facto de, no passado, as portas da Europa se encontrarem fechadas às questões palestinianas e que o crescimento das forças progressistas, não só em Portugal como em todo o mundo, constitui um passo importante no sentido de se realizar num país europeu a Conferência Internacional sobre a Palestina.

Abdul Khair, evocando o conteúdo da mensagem pessoal de que é portador, revelou que ela refere, entre outras, questões relacionadas com a última cimeira dos países não alinhados realizada recentemente em Havana.

EUA CORTAM AJUDA À SÍRIA

A Comissão de Atribuição de Verbas do Senado norte-americano concordou ontem em que a Síria tem sido um obstáculo à paz no Médio Oriente e decidiu recusar-lhe 45 milhões de dólares em auxílio externo dos Estados Unidos.

«De todos os países do mundo, a Síria devia estar no fim da lista dos receptores de auxílio externo», declarou o senador William Proxmire, queixando-se de que a Síria se opõe ao tratado de paz israelo-egípcio, ocupa o Sul do Líbano e apoia a Organização de Libertação da Palestina.

Proxmire foi o proponente da emenda para o corte de auxílio financeiro à Síria, a qual foi aprovada por 12 votos contra sete.

NOTÍCIA DESMENTIDA

A Comissão Organizadora dos Jogos Olímpicos de Moscovo desmentiu ontem ter endereçado convite aos palestinianos para participarem nas Olimpíadas do próximo ano.

COMPRE UMA CASA PARA VIVER NÓS EMPRESTAMOS-LHE O TERRENO

3 assoalhadas a partir de 1000 c.
4 assoalhadas a partir de 1.350 c.
5 assoalhadas a partir de 1500 c.



EMPRESA PÚBLICA DE URBANIZAÇÃO DE LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA



Isto chama-se direito de superfície.
A EPUL vai praticá-lo pela primeira vez em Telheiras-Sul, junto a 2ª Circular e a Av. Padre Cruz.
Um plano de urbanização completo que prevê:
• cerca de metade da densidade habitacional média dos sectores tradicionais de Lisboa;
• áreas verdes sensivelmente duplas dos sectores residenciais da cidade;
• cerca de 45% dos terrenos reservados para equipamento comercial, escolar, cultural, de saúde e assistência.

• VISITE O ANDAR MODELO/COLABORAÇÃO DE **CONSTRUÇÃO** móvel
• INFORME-SE JUNTO DOS SERVIÇOS COMERCIAIS DA EPUL
SOBRE AS FACILIDADES DE PAGAMENTO E CONDIÇÕES DE VENDA
• INSCREVA-SE ATÉ 31 DE OUTUBRO PARA
AQUISIÇÃO DE UM DOS 56 FOGOS.

BREVES

Eugenio D'Ors

BARCELONA — A edição deste ano do «Prémio Bial da Cultura», é dedicado à figura do humanista e filósofo espanhol Eugénio D'Ors.

Várias personalidades ligadas à cultura espanhola prepararam a edição definitiva das obras completas daquele escritor, 25 anos após a sua morte, numa iniciativa da Editorial Católica Espanhola.

Eugénio D'Ors foi uma grande figura do novecentismo catalão e dedicou-se à poesia, ao diálogo, ao teatro, ao conto, ao discurso, à crítica de arte e glosa, em língua catalã.

Cocteau na RAI

ROMA — A dupla Michelangelo Antonioni e Monica Vitti terminou a rodagem da versão cinematográfica da obra teatral de Jean Cocteau «A Águia de Duas Cabeças».

A longa metragem foi produzida pela Televisão Italiana (RAI). O fulcro da acção, que se desenvolve no princípio do século, é uma história de amor entre um anarquista e uma mulher de condição social elevada.

Cantor francês ameaçado

MARSELHA — O cantor francês Serge Gainsbourg, autor e compositor de uma versão reggae da «Marselhesa», foi ameaçado pela União dos Pára-quedistas de Marselha.

Os pára-quedistas consideram a versão de Gainsbourg uma ofensa ao Hino Nacional, e fizeram saber que «impedirão por todos os meios a difusão do disco».

Os pára-quedistas não revelaram quais os «meios» que serão utilizados mas o cantor anulou uma sessão de autógrafos que deveria efectuar nesta cidade por razões óbvias de segurança.

«A «Marselhesa», na versão reggae de Gainsbourg, tem muito ritmo e o estribilho «as armas cidadãos» despertou uma vaga de protestos de várias «organizações patrióticas».

Burton e Tatum apaixonam-se

NOVA YORK — O actor britânico Richard Burton, presentemente com 54 anos, e Tatum O'Neal, de 16, enamoram-se em «Circle of Two», a película que estão a rodar em Nova York e Toronto, sob a direcção de Jules Dassin.

Tatum, que reúne todas as condições da «adolescente terrível», disse que «viver um romance com Richard Burton seria mais interessante na vida real que no cinema».



Fernando Lopes Graça com Manuel Cadafaz de Matos

Lopes Graça em «FM-stereo»

A Radiodifusão Portuguesa, através do seu canal em FM-stéreo, vai levar a efeito durante o corrente mês, na rubrica «A Linguagem e o Mito da Música Portuguesa», inserida no programa «Forum», uma série de cinco emissões dedicadas ao grande compositor e maestro Fernando Lopes Graça.

Esta iniciativa, antes do mais procura dar uma inteira relevância à obra e ao desmedido esforço em prole da música erudita (e popular) portuguesa por parte de tão destacada figura do nosso meio cultural. E para abranger, tão sucintamente quanto possível, o período de mais de meio século em que Lopes Graça vem enriquecendo a nossa cultura musical com obras, algumas delas verdadeiramente de cunho internacional, este programa entendeu por bem utilizar uma metodologia própria. Isto é, e dado que a considerada pelo compositor como «opus um» (do seu catálogo) se situa em 1927, tratando-se de «Variações sobre um tema popular português», para piano, tiveram os responsáveis por esta série de emissões de dividir em cinco períodos distintos toda a vasta biografia

artística do compositor, desde aquele período até à actualidade: 1927-1939; 1939-1953; 1953-1964; 1964-1974; e 1974-1979.

Deste modo, dos cerca de 220 títulos do compositor criados até hoje e ao longo de 52 anos de fecunda carreira artística, nos falará ele próprio em entrevista exclusiva concedida a Manuel Cadafaz de Matos. E uma vez que na metodologia atrás apontada haveria, sobretudo, que dar relevo às obras de maior cravadora técnico-musical de Fernando Lopes Graça, e nem toda a sua obra se encontrar gravada nem sequer em todas as suas peças essenciais, a Radiodifusão teve assim de recorrer algumas vezes a bobinas existentes e que se reportam a concertos dados quer pelo compositor, quer por alguns dos melhores intérpretes da sua obra, nacionais e estrangeiros.

A presente série de emissões, que irá ser transmitida no programa «Forum» nos dias 5, 8, 10, 12 e 15 deste mês, pelas 22 horas, mais não constitui do que uma chamada de atenção à valiosa e tão vasta obra de um dos nomes que maior trabalho tem desenvolvido em Portugal em prole da música.

A «Guilherme Cossul»

está a comemorar 94 anos

A popular e prestimosa colectividade da Madragoa «Guilherme Cossul» está a comemorar a bonita idade de 94 anos.

Para o efeito, organizaram uma série de iniciativas de carácter cultural, desportivo e recreativo, que tiveram início no passado dia 28 de Setembro e se vão prolongar até ao dia 13 do corrente mês.

Um ciclo de cinema português novo, uma festa infantil com teatro e canções, uma simultânea de xadrez e uma exposição sobre «artistas dos anos 40», são alguns dos momentos do programa.

PROFESSORA

TROCA COLOCAÇÃO

Eventual do 4.º grupo, colocada na Escola Preparatória de Santa Clara, Évora, pretende trocar para Beja, Cuba (Beja) ou Lisboa.

Contactar telef. 666902 em Lisboa.

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
HOJE ÀS 21.45H

GUERRAS DO
ALECRIM E
MANGERONA

• DOMINGO SO ÀS 18H •
• 2ª FEIRA DESCANSO •

2º mês

SUBSÍDIO DA S.T.C.

PRACA DE LIPANHA TEL 76 26 24

Finalmente no dia 10

Cornucópia apresenta: «Paragens mais Remotas que estas Terras»

O novo espectáculo do Teatro da Cornucópia, «Paragens Mais Remotas que Estas Terras» tem antestreia marcada para o próximo dia 10 — segundo confidenciou ao «DL» Luís Miguel Cintra, que como se sabe tem a seu cargo a encenação.

Esta peça consiste numa montagem de cenas da comédia de Plauto, escritor da Roma Republicana no séc. II A.C. Plauto pode ser considerado o fundador da comédia ocidental, cujos principais motivos e técnicas ainda hoje persistem no espectáculo teatral e cinematográfico. As

assentam sobre a moral e estrutura familiares características das primeiras repúblicas.

Aliciante se torna descobrir que os seus temas e técnicas vieram a formar toda a comédia ocidental, de Maquiavel a Shakespeare, de Goldoni a Feydeau, de António José da Silva a Lope de Vega, estando



Luís Lima Barreto e Raquel Maia



Rui Furtado, Márcia Breia e Alda Rodrigues

cenas de «Paragens Mais Remotas que Estas Terras» apresentam um retrato vivo e colorido das condições sociais e humanas da época.

Plauto fala-nos pois de amores contrariados; pais que disputam aos filhos as amadas; jovens sem dinheiro para satisfazer a mulher amada; velhos que se apaixonam por donzelas; mães que procuram as filhas perdidas à nascença; enfim um mundo intenso de intrigas que

ainda hoje vivos no espectáculo teatral e cinematográfico contemporâneos.

O espectáculo tem encenação de Luís Miguel Cintra, cenografia de Cristina Reis, música de Paulo Brandão, tradução de Manuel João Gomes e interpretação de Alda Rodrigues, Amílcar Botica, Luís Lima Barreto, Luís Miguel Cintra, Márcia Breia, Rui Furtado e José Pedro Gomes.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

HOJE
ÀS 21.45 H.

AMANHÃ
ÀS 16 e 21.45 H.

O LODO
PEÇA EM 3 ACTOS DE
ALFREDO CORTEZ
DIRECÇÃO DE
FRANCISCO RIBEIRO

Com: Fernanda Alves, Luz Franco,
Paula Móra, Madalena Braga,
Guida Maria e Rogério Paulo
Cenário de JOÃO HOGAN

Preços de 50\$00 (3.º balcão) a 100\$00 (plateia)
Redução de 50% a estudantes e a Associações
ou Grupos de mais de 20 pessoas.

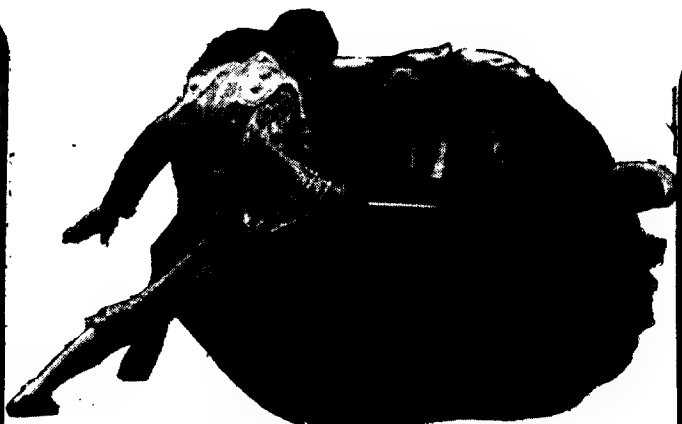
Bilheteira abre às 13.00 H. — Telef. 32 22 10
MATINEES NOS DIAS 5, 6 e 7 ÀS 16 H.
DESCANSO DA COMPANHIA
ÀS SEGUNDAS-FEIRAS.
(Interdito a menores de 13 anos)



SOLILÓQUIO

Praça de Touros de Santarém. Domingo, 30 de Setembro de 1979. Touros de Ribeiro Telles, Joaquim Buendia, Irmãos Vinhas, Eduardo Miura, Ortigão Costa, Fernão Bohorquez e Irmãos Moura para João Moura, único cavaleiro. Pegaram os forcados amadores de Santarém.

30 de Setembro. Corre o ano de 1915. Joselito sai a matar seis touros de Santa Coloma na Maestranza de Sevilha. Tem vinte anos. Leva três temporadas de alternativa, e vai a caminho dos 700 touros estoqueados. Seu nome corre a Espanha inteira. Seu poderio é incomparável. Dois anos atrás, em Zaragoza, era 13 de Outubro, quando num mano-a-mano com Gaona o mexicano se ressentira numa perna aos primeiros lances, tivera que matar sozinho os seis touros do duque de Veragua, e logo anunciara ao empresário que voltaria no ano seguinte a entender-se com outros seis, mas «por mi gusto, no por sorpresa». E voltou. Nas sete temporadas completas que toureou desde a alternativa até ao fatal encontro com «Bailador», em Talavera, José matou em 22 corridas inteiras, entre elas a de Martínez, em que deslumbrou Madrid com a variedade, o conhecimento e as faculdades: na lide do último, não quis ninguém na arena além de Blanquet, seu peão de confiança, que à saída de um par de bandarilhas lhe faria um quite precioso; e logo José lhe cedeu o par seguinte, e pegando no capote de Blanquet colocou o touro para o seu bandarilheiro, bregando com a frescura de quem estivesse a começar a



CRÓNICA DE TOUROS

30 de Setembro (uma data para dois maestros)

corrida. E depois ainda ofereceu o sobrero da dura divisa de Colmenar, e de Madrid saiu nessa tarde proclamado definitivamente, aos dezasseis anos, como um maestro. Melhor dito, como o maestro. Tão maestro que iria aguentar de pé o terramoto de Juan Belmonte.

O sentido da responsabilidade: em 26 de Outubro desse mesmo ano de 1914, quando acaba de matar em Valência seis touros do marquês de Guadalest, um grupo de espectadores grita-lhe da bancada que com Miuras não o faria — e logo Joselito replica que com Miuras voltará, e assim o exige ao empresário, e assim o cumpre precisamente no mesmo dia do ano seguinte.

Semanas atrás acontecera o 30 de Setembro, também sozinho, também triunfal, dos Santa Coloma em Sevilha. Triunfal e histórico, porque ao quinto da tarde, «Cantiner» de nome, cortou a primeira orelha concedida na Maestranza. 30 de Setembro histórico, não só porque era a primeira, mas porque a cortara Joselito.

30 de Setembro. Corre o ano de 1979. João Moura sai a lidar seis touros na praça de Santarém. Tem dezasseis anos. Leva duas temporadas de alternativa, e (se me não falham as contas) vai a caminho dos 800 touros lidados. Toda a Espanha conhece e fala do «niño Moura», desse prodígio da arte de tourear a cavalo, que começou por conquistar Madrid, a capital do toureio, antes de dominar todas as arenas da Ibéria, até as da sua terra, onde alguns se recusam a aceitá-lo como profeta — um profeta que fez entrar na história da tauromaquia este 30 de Setembro em Santarém: por ser a primeira vez que um toureiro a cavalo lidava sozinho uma corrida de seis touros, e porque esse toureiro se chamava João Moura, o fenómeno.

Não pôde haver, como para José em Sevilha (e apenas porque o impede a brandura de nossos costumes), a orelha do quinto touro: mas foi no quinto que aconteceu o assombro, a quietude da espantosa lide do «Malhinha», e a chave de ouro daquele ferro curto, o manso Ortigão metido nas tábuas da querença dos chiqueiros, e Moura quieto, na sua frente, não a sesgo, de frente, e depois um galope breve para o touro, e

estacar ali, onde parece não haver já saída, e vir o inimigo, e esperar, e aguentar, e cravar, e sair por dentro, por onde saída não havia, por esse caminho que aos outros — a todos os outros — sempre estivera vedado. O resto é conversa.

Toda a tarde, Moura deixou aos bandarilheiros o postarem-se nas cortesias enquanto no «Paganini» recolhiam os primeiros aplausos, que a grande entrada e a tarde esplêndida deixavam adivinhar triunfal; o atravessaram a arena (Gruilo, Joaquim Gonçalves, César Marinho, Plirú, Lázaro, Peixinho e Sacramento) para lhe entregarem a primeira tarpa de cada touro; e o bregame para os forcados. Mais nada. Porque a lide foi mesmo de João Moura, sozinho, servindo-se uma vez por outra do Amâncio Grilo, seu peão de confiança que confiança merece, sereno, suave, garboso, bem digno numa ovação só para ele, a diferença para o papel de Blanquet foi que em Portugal o público se faz classista, assobia os peões quando, sem prejuízo do

maestro, se atrevem ao luzimento do adorno, como fez Grilo nuns parons ao sétimo, enquanto Moura trocava de cavalo.

O sétimo, exactamente. Porque João, como também Joselito costumava fazer, ofereceu o sobrero. Terciado e manso, é certo. Mas nada resistia à embalagem de Moura, à vistosidade dos compridos no «importante» sucedia-se o adorno permanente do «Sandokan», a fazer da praça uma festa, o público juntando-se à charanga, com ela batendo as palmas, milhares de mãos ao compasso da música, quebrado pelo rebrantar das ovações. Quando chegou o último touro, brindado a Zenki, cavaleiro-suplente que preciso não foi, e ao cabo dos forcados de Santarém, condenados ao papel de comparsas de seu triunfo, puseram-se a praça branca de lençóis, acenando a pedir o troféu impossível. E o alarde de Moura era o sorriso sereno, e detrás dele o sentido da responsabilidade que o faz, sem ter chegado aos vinte anos, maestro incontestado do toureio a cavalo. Como em Santarém, para os que ainda duvidassem, ficou demonstrado. Acabou-se.

Maestro na lide, no conhecimento dos touros e das sortes. Na variedade que permitiu, só ele, lidar seis touros sem que nos espectadores houvesse um bocejo. Nas faculdades que lhe garantiram, ao tourear o sobrero, a frescura e o poderio com que lidara o primeiro, o nobre touro de David Telles que, mesmo sem garra na ponta final da acometida, ganhou com so-

brados méritos o anunciado concurso luso-espanhol de ganaderias, concurso que Moura havia de fazer coisa secundária, afogada na vendaval da sua maestria, que por ser verdadeira o é com os bravos e com os mansos.

E depois houve os cavalos, que pareciam apostados na tarde grande de seu «diestro». O «Zafra», que levantou os primeiros olés ao recortar na garupa as investidas do tal nobre Telles, como se quisesse deixá-lo à medida para os quieiros do «Ranger», o negro cavalinho Ortigão que espera mesmo até ao fim. O «Kit», que toureou com vagaroso sossego, e assim entrou nos perigosos terrenos do quedadíssimo Buendia, aguentando com limpeza as tarrascadas que, de baixo para cima, empregava na difícil reunião. Depois foi o «importante», no alegre esperar a pata com que saiu o Vinhas, manso que deixou o «Sandokan» revelar-se um espectáculo, imponente no cite, capaz de ladear nos médios com o touro a pesar-lhe em cima, capaz ainda daquela farpa que pôs a praça num alvoroço, e que Moura brindara a Moreno Pidal, criador duma beleza de montada; e foi a mesma parelha luso-espanhola de cavalos que, no sobrero dos irmãos Moura, ajudou a crescer aquele clima final de festiva apoteose. Com o Miura, um touro comprido, bem posto, o maior da corrida, que uma indiferente mansidão tornou difícil, mas que apenas evocou a lenda trágica da divisa ao mandar para a enfermaria, com uma sapatada implacável, o Joaquim Grave,

forcado-estrela do grupo de Santarém, que em glória queria pegar seu primeiro Miura, com esse aconteceu a segurança do «Zalakain», e depois a ressurreição do «Hector», do precioso Companhia das Lezírias que a grave doença final não acabou, valente e com raça porfiou na cara do Miura, em curto como era preciso para antes do castigo o fixar. E depois do «Malhinha» ter posto a praça de pé não sei quantas vezes, vencendo a resistência do Ortigão, do também manso Bohorquez se encarregou o mágico «Ferrolo», com os seus recortes milimétricos, o poder de entrar em todos os terrenos e andamentos, até ao primor do sesgo final, passando entre tábuas, mudando de mão, citando em curto, rematando por dentro, num palmo de terreno: um cavalo portentoso, um entre as dez montadas que Moura utilizou, neste dia em que duma vez ficou demonstrado que ele não é o que é por causa dos cavalos do senhor João Nuncio, com Moura todos os cavalos parecem do senhor Nuncio.

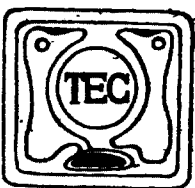
Pena que o Califa de Alcácer não pudesse estar na bancada, para que Moura lhe brindasse, em remate da tarde inesquecível, tal como certo dia, em Andújar, Joselito brindou a Guerita, Califa de Córdova, uma soberrana estocada.

Datas, e lugares, e circunstâncias, na lembrança aproximam os toureiros de época, mas no tempo os separam. Com João Moura, a história da tauromaquia não se repete, antes se continua.

TEATRO DA TRINDADE

INATEL

APRESENTA



TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

Com

"A MÃE"

OU COMÉDIA REPUGNANTE DO

"FILHO DA MÃE"

Original de WITKIEWICZ

UM ESPECTÁCULO POLÉMICO

Com (ordem de entrada em cena): Maria Albergaria, Cecília Guimarães, Álvaro Faria, João Vasco, Luísa Salgueiro, António Marques, Carlos Wallenstein, Maria Otília, Luís Rizo, Jorge Vale, Vicente Batalha, Lidia Franco, Fernanda Coimbra, Fernando Corte-Real.

Realização plástica de Helena de Almeida e Artur Rosa. Colaboração musical de António Vitorino de Almeida. Encenação de Carlos Avilez.

De 4 a 21 de Outubro
3.ª a sábado às 21.30

Domingo — Espectáculo único às 16.00 horas

Os sócios do INATEL, CCDs, CPTs e SINDICATOS beneficiam de 50% de desconto. (Subsídio SEC — Não aconselhável a m/ 18 anos).

ANDARES

LINDAS CASAS, ALCATIFADAS, PRONTAS A HABITAR, C/2 E 3 ASS. DESDE 500 CONTOS.

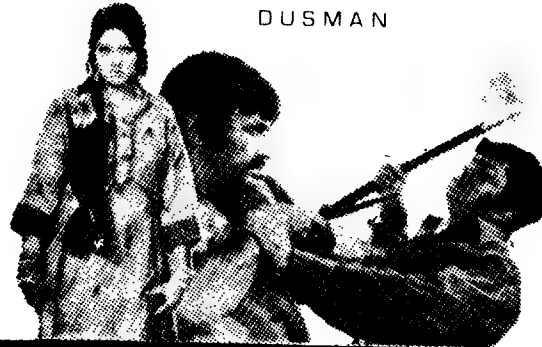
TRATA: LUCAMO R. D. ESTEFÂNIA, 157, R/C, RT.º

TELEF. 578033 — LISBOA

A TERRÍVEL VINGANÇA

DUSMAN

MACONS. M/13 ANOS



FR FILMES RAJA

COM MOHD. ALI ZEB

WAHEED MURAD MUMTAZ. NISAR BAZMI ANIS DOSSANI

PRAÇA LUÍS DE CAMÕES

Camões

ESTREIA HOJE

SESSÕES ÀS 14.00 16.30 19.00 E 21.30 HORAS

ODEON

OS MAIS VIOLENTOS GRANDE SUCESSO COMBATES TRAZIDOS 2.ª SEMANA PARA O CINEMA!



Novidade nas artes marciais!

OS Dragões do KUNG-FU

ROC TIEN · KUNG KAI · H. L. CHAN

Interdito men 13 anos

REALIZADOR Roc Tien

FOI HÁ DEZ ANOS

a festa que transformou o nosso tempo



woodstock

3 dias de paz, música... e amor

com joan baez · joe cocker · country joe & the fish crosby, stills & nash · arlo guthrie · richie havens jimi hendrix · santana · john sebastian · sha-na-na sly & the family stone · ten years after · the who · E MAIS 400.000 DE "MALTA FIXE"

UM FILME DE michael wadleigh · PROD. DE bob maurice a wadleigh - maurice, ltd. production · technicolor

Não Aconselhável a Menores de 13 Anos

2.ª SEMANA DE ÊXITO VOX

AO VIVO EM CASCAIS

"COUNTRY JOE" Mc DONALD ARLO GUTHRIE E O SEU GRUPO

IN CELEBRATION OF WOODSTOCK 1969-1979

6.ª feira 5 de Outubro às 21H30

Hoje



Os Desenhos da Testemunha Schat

1.º Programa

16.05 Formação de monitores e orientadores pedagógicos
18.30 O Clube do Rato Mickey
19.00 País, País.
19.30 Disc Magic
20.00 Jornal RTP-1
20.30 Manuel e Beatriz
20.35 Boletim Meteorológico
20.45 A falar é que a gente se entende
21.15 Telefutebol especial
21.45 História do Teatro S. Carlos
22.45 24 horas
23.00 Fecho.

2.º Programa

20.30 Espaço 1999
21.30 Informação/2
22.00 Os Desenhos da Testemunha Schat
23.00 Fecho.

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

DESTAQUES

I PROGRAMA
História do Teatro S. Carlos
(21.45)

II PROGRAMA
Os Desenhos da Testemunha Schat
(22.00)

ASSISTÊNCIA TÉCNICA telef: 2112871

Amanhã

1.º Programa

18.30 Riscos e Histórias; 19.00 País, País; 19.30 Um homem em casa; 20.00 Jornal RTP-1; 20.30 Manuel e Beatriz; 20.35 Boletim Meteorológico; 20.45 Em questão; 21.45 Eu, Cláudio; 22.45 24 horas; 23.00 Fecho.

2.º Programa

20.30 A mulher modelo; 21.30 Informação/2; 22.00 A mulher modelo (2.ª parte); 23.00 Fecho

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA
DEPART. DE CONFECÇÕES

Av. João XXI 5-D - R. Infância 16, 55-C - LISBOA

Congeladores	15 000\$00
Fogões altos,	
4 bicos, com vidro	5 000\$00
Frigoríficos	8 000\$00
Televisores 51	7 500\$00
Esquentadores 5 L	3 000\$00
Esquentadores 10 L	5 000\$00
Máquinas de lavar	
1 peça	16 000\$00
Armários c/banho	800\$00

Av. Duque de Loulé 77 Loja 10. LISBOA

Canal da Crítica

Tão ladrão é o que vai à vinha...

MÁRIO CASTRIM

Duas rubricas tomaram conta do serão de ontem: **Gente Crescida** e **Serpico**. Esta última ocupava o seu dia habitual, mas **Gente Crescida** foi deslocada das segundas-feiras. Oxalá seja sem maldade. Porque, quando se quer «matar» uma rubrica sem deixar pistas ostensivas, isto de lhe trocar as voltas no horário costuma ser eficaz. É o crime perfeito na televisão.

Frente a frente Manuel Costa Cabral, pelos adultos, e Paula Sofia, de 13 anos, pelos mais novos. Foi uma emissão sem história.

Paula logo de início estabeleceu as regras do jogo. Justamente recordou a emissão em que Alçada Baptista mandou o seu parceiro às urtigas e começou a papa toda, aliás, tinha de ser, homem de muito alimento como ele é. Agora não deve ser assim. Devem repartir o tempo igualmente. Manuel Cabral acha bem, claro.

Terá até deixado bem de mais, já que permitiu que quase sempre a bola estivesse em poder de Paula. Esta trazia o seu plano e cumpriu-o à risca. É certo que perguntou muito, não para ouvir Manuel Cabral, mas para ter ela própria ocasião de tirar proveito das suas perguntas.

Estivemos em presença de uma adolescente visivelmente interessada pelos problemas sociais. Mas as suas preocupações e as suas posições reflectiam a quase nenhuma experiência vivida dos problemas sociais, substituída por um idealismo assente em pilares de caridade. Ficaram como notas mais positivas os seus apelos a um convívio, donde as guerras e as incompreensões fossem banidas para sempre.

Manuel Cabral deixou-a voar, mesmo depois de lhe ter «denunciado» o jogo. Achou assim mais pedagógico e de facto é. Há que deixar as pessoas falar, deixá-las correr, e nós com elas, os riscos das suas asneiras. No entanto, o apagamento voluntário, a que se votou não terá ajudado a Paula nem as centenas de milhares de pessoas à volta deles. Certas questões exigiam

alguma discussão, mínima que fosse, para ajudar tantos e tantos espectadores a ver claro. Podia fazê-lo sem exagerar no recurso às armas pesadas dos grandes discursos, o que seria desnecessário e até antipático aos olhos da assistência. Mostrou em certos casos excepcionais qualidades pedagógicas — como quando provou a inoperância dos esforços individuais para resolver os grandes problemas da sociedade. Foi pena, por isso, que se remetesse tanto tempo ao silêncio. Que nos reste, ao menos, como recado essencial, a sua atitude para com os jovens: antes de mais, **é preciso ouvi-los com atenção**. Tudo o mais virá por acréscimo.

A emissão do **Serpico**, naquilo que ela espelha de uma realidade, talvez possa mostrar à Sofia os limites da sua proposta das boas palavras e da compreensão. Terão servido para ajudar na recuperação, sujeita embora a fases de transição, de uma prostituta, mas não poderão nunca modificar a dureza, a crueldade maligna de certa realidade. Para isso, amiga, teremos de transformar radicalmente os princípios básicos de uma sociedade. Enquanto se considerar legítimo que homens explorem outros homens, todas as infâmias vêm por acréscimo. Nada se conseguirá se essa legitimidade não for condenada e abolida. Os homens são produtos da sociedade em que vivem. Se queremos melhorar os produtos, temos de melhorar a máquina que os faz; para melhorar os homens, temos de melhorar a sociedade — as suas bases, as suas leis de desenvolvimento, a sua orgânica. Se nós queremos acabar com os mosquitos, não

vamos caçá-los um a um: o remédio mais eficaz e mais fácil, é secar os pântanos e acabar com as montureiras. E os mosquitos foram-se...

Ensapado de violência, **Serpico** é uma colossal promoção de violência, naquilo que nela há de mais abjecto: a sua naturalidade, a conclusão «pedagógica» de que o forte, o bruto, o fisicamente mais apto é que triunfa, a «lição» da legitimidade da vio-

lência para resolver questões individuais. Ah, aquela facilidade, aquela tamanha levandade com que se mata uma pessoa, e às vezes essa pessoa até é «má» logo o crime aparece simpaticamente admitido...

Facilmente se verifica que filmes destes servem uma sociedade baseada no crime, na destruição do humano. Americano faz, RTP dá. Tão ladrão é o que vai à vinha...

CORAGEM PARA ALÉM DO EXIGIVEL !
SUSPENSE PARA ALÉM DO IMAGINAVEL !
O POSEIDON antes de se afundar
revelou ainda
um ultimo segredo...

IRWIN ALLEN

PARA ALÉM DA AVENTURA DO POSEIDON NOVO

A maior aventura até hoje filmada... ainda não acabou.

4.ª SEMANA **zojaco**

AMANHÃ ÀS 21.30 H RUA CONDE REDONDO, 5 • Tel. 570151 LISBOA

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

EPAL

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA À COBERTURA DA CAIXA DAS TORNEIRAS ELÉCTRICAS NO RECINTO DA VERDELHA II

Faz-se público que no dia 13 de Novembro de 1979, pelas 15 horas, na Direcção de Serviços de Estudos e Obras da EPAL, Rua Padre Luís Aparício, n.º 9-2.º, Lisboa, se procederá ao concurso público para adjudicação da empreitada em epígrafe.

As propostas serão remetidas sob registo e com aviso de recepção ou entregues contra recibos no Serviço de Apoio da DSEO, na morada acima indicada, até às 17 horas do dia 12 de Novembro de 1979.

Caução provisória: 25 000\$00 (vinte cinco mil escudos).

Alvarás exigidos aos concorrentes: 1 categoria de Empreiteiro de Obras Públicas e da classe correspondente ao valor da proposta.

O processo de concurso estará patente todos os dias úteis, excepto aos sábados, durante as horas de expediente, no Serviço de Apoio da DSEO, Rua Padre Luís Aparício, n.º 9-2.º, Lisboa, onde poderá ser examinado e obtidas cópias.

Lisboa, 3 de Outubro de 1979.

PEL' A EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA
O Presidente da CFAL
(João Bau)

TEATRO ABERTO

Grupo 4

APRESENTA

O CHÁ dos GENERAIS

de **BORIS VIAN**

ENCENAÇÃO DE RUI MENDES

De Terça a Sexta-feira, às 21.30 horas
Sábados, às 18 e às 22 horas
Domingos, só às 16 horas

6.ª FEIRA, 5 :
TAMBÉM ÀS 16 horas
Esp. não acons. men. 13 anos
Subsídio da S.E.C.



TORNEIO UNIDADE

Equipas e Resultados

SÉRIE A

A. A. PORT/RDA - 1
EDP/SACAVÉM - 5
A. A. PORT/RDA: José António, Luis Filipe, Marcos, Ludgero, Pires e Carlos Manuel.
EDP: Adolfo, Moedas, Caetano, A. Martins, Carlos Moutinho e Pedro.
ÁRBITRO: Vitor Manuel da Silva:

SÉRIE B

RCB
PROCESSA - V. F. C.
PROCESSA: Jerónimo, A. Rebola, Mário, L. Noronha e J. Calheiros

SÉRIE C

LA PRESERVATRICE - 2
POLLUX - 4
LA PRESERVATRICE: Fernando Jorge, Coetano, Fernando Nunes, Luis Manuel, Lopes, António José, Vitor Manuel, e Gomes.
POLLUX: Carlos Manuel, José António, Rosado, Vitor Manuel, António Manuel, Carlos Fernando, Figueiredo e Alexandre

SÉRIE D

CEP-07/RN - 1
OS MELROS - 3
CEP-07/RN: Manuel Gago, Cachado, João Afonso, José Correia, Luis Manuel, João Santos, Fonseca e Luis Filipe.
OS MELROS: Joaquim Mário, Vitor Jesus, Carlos Alberto, Francisco Manuel, Vitor Manuel, Claro, Reis Silva e António Manuel.

SÉRIE E

OS SINDICALISTAS - 4
SEM NOME - 1
OS SINDICALISTAS: José Silva, Nunes, Manuel, Joaquim, Sousa, Dóres, Inocência e Alberto
SEM NOME: Ferreira, Ramalho, Carriço, Braga, Marcelino, Francisco, José Luís e Olegário
ÁRBITRO: Nuno Figueiredo

SÉRIE F

O DIÁRIO - 0
STIC-B - 9
O DIÁRIO: Fradão, Anibal, Domingos, Zé Augusto, Zé Manuel, e Nuno
STIC - B: Vitor Manuel, Humberto, Casimiro, Telmo e Carlos Santos
ÁRBITRO: Nuno Figueiredo

SÉRIE G

SPA - 6
OS LARANJAS - 5
SPA: Luis Galvão, Filipe Martins, Severino, João Teixeira, António Silva, Carlos Almeida, João Mortágua, Luis Rebelo.
OS LARANJAS: Rodrigues, Rogério, Carlos Almeida, Ma-

cedo, Alfredo, Reis Duarte.
ÁRBITRO: José A. Ramalho

SÉRIE H

ENI - 16
STPD - 1
ENI: Sebastião, Nelson, Esteves, Vaz, Briso Martins, Eugénio e António.
STPD: Almeida, Rodrigues, Silvestre, Ferreira, Santos e Dias
ÁRBITRO: José A. Ramalho

SÉRIE I

JOGO

M. NUNES D'ALMEIDA - 3
ARMAZENS DO CHIADO - 3
M. N. D'ALMEIDA: Álvaro, Manuel da Costa, Luis Filipe, Délio e José Estevão
A. CHIADO: José Manuel, Valadão, J. Pedro, Rui Jorge, J. Augusto, João Manuel, Fernando Silva e A. Manuel.
ÁRBITRO: Francisco A. Lavaredas

SÉRIE J

UFP - 0
DIÁRIO POPULAR - 8
UFP: Orlando, Acácio, Claudino, M. Martins, J. Santos, Guilherme Gorjão e V. Costa
D. POPULAR: Edmundo, Seminário, Silvestre, Armando, João Furtado, Brito Fernando Silva e Vasco Reis.
ÁRBITRO: Luiz M. Sancho

SÉRIE K

D. N./CAPITAL - 3
METALOFABRIL - 2
D. N./CAPITAL: Fernando Carvalho, Rita, Cardoso, Vale, Meneses e A. Abreu
Metalofabril: Vieira, Tiago, Soberrano, Emanuel, Mauzinho, Casquilho e A. Braz e Reis.
ÁRBITRO: Luiz M. Sancho

SÉRIE L

CEP-08/RN - 4
SIF/CONT - 2
CEP-08/RN: Marques, Santana, Matos, Fausto e Hercilio
SIF/CONT: Cabral, Nazaré, Martins, Fernandes, Ferreira, Mário, Carlos e Ademir
ÁRBITRO: Francisco A. Lavaredas

Os jogos das Séries M, N, e O não se realizaram devido ao estado do recinto e por acordo entre os delegados das várias equipas pelo que, para efeito de classificação são atribuídos 2 pontos a cada equipa. Em consequência do resultado de 0-0 considerado. Esta é uma decisão da C.O.T., considerando o facto de que a resolução de casos omissos no regulamento são da sua exclusiva responsabilidade.

A 2.ª JORNADA DO UNIDADE

Muito desportivismo apesar do mau tempo

Prejudicada pela chuva que afectou os quatro recintos onde se realizam os jogos (no Pal-mense não houve qualquer jogo) a 2.ª Jornada do Torneio Unidade registou, ontem, apesar de tudo, muito desportivismo e al-

guns resultados curiosos, como foi o caso da subida de forma do «Diário Popular», vencedor por 8-0 União Farmacêutica após o desaire de segunda-feira (3-5), frente à forte equipa do Inatel. Os nossos colegas e vizinhos da

Luz Soriano mantém assim as suas ambições de ir mais além nesta iniciativa do «DL».

Menos feliz esteve «o diário», pior preparados (não há tempo para «futebol»?) que levou nove tentos sem resposta do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Indústria. Claro que o recinto, escorregadio, não ajudou, obrigando a muitos cuidados além de que o pessoal da Informação, menos habituado e tais lides espalhou-se um bocado, mesmo com o reforço do «internacional» e «matulão» Domingos Lopes.

Mas o resultado mais «escandaloso» da jornada decorreria no ENI (Electricidade Naval e Industrial) e o Sindicato dos Trabalhadores de Prótese Dentária. Os nossos amigos sindicalistas

não tiveram «dentes» para os «eléctricos» e o resultado, 16-1, foi deveras elucidativo.

Pouco feliz foi, também, a equipa da Associação de Amizade Portugal-RDA que não teve pernas para a EDP-Sacavém, perdendo por 5-1 nesta sua estreia no Unidade. Registe-se, ainda, o empate dos Armazéns do Chiado com a MN de Almeida e a vitória do «DN»/«Capital» sobre a Metalofabril por 3-2.

O tempo, como já foi dito, prejudicou em parte a jornada não se tendo realizado os jogos das Séries N, O e M, por acordo entre os delegados das várias equipas, pelo que, para efeitos de classificação são atribuídos dois pontos a cada equipa em consequência do resultado considerado de 0-0.



Prémios em disputa

Na foto pode ver-se a Taça UNIDADE, oferecida pelas Associações de Amizade:

Portugal - Bulgária
 Portugal - Checoslováquia
 Portugal - Cuba
 Portugal - RDA
 Portugal - URSS

Será entregue definitivamente à equipa que vencer três vezes o nosso torneio.

1.ª CLASSIFICADO

Prémio «DL»
 (8 viagens à Bulgária)
 Taça «Diário de Lisboa»
 Posse durante um ano da Taça UNIDADE oferta das Associações de Amizade:
 PORTUGAL/BULGÁRIA
 PORTUGAL/CHECOSLOVÁQUIA
 PORTUGAL/CUBA
 PORTUGAL/RDA
 PORTUGAL/URSS
 * Esta taça será atribuída em definitivo à equipa vencedora de 3 torneios UNIDADE)

2.ª CLASSIFICADO

Taça Sindicato dos Trabalhadores Cerâmicos

3.ª CLASSIFICADO

Taça Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Ilhas

4.ª CLASSIFICADO

Taça

5.ª CLASSIFICADO

Taça

6.ª CLASSIFICADO

Taça

7.ª CLASSIFICADO

Taça

8.ª CLASSIFICADO

Taça

EQUIPA MAIS REALIZADORA

Troféu CT do «Diário de Lisboa»
 Mini-biblioteca (30 livros)
 Oferta da A.A. Portugal/Bulgária

MELHOR MARCADOR

Troféu CT do «Diário de Lisboa»
 Livro de gravuras
 Oferta da Embaixada da RFA

Melhor árbitro

Uma viagem à Bulgária
 Oferta da A.A. Portugal/Bulgária

AUTOR DA MELHOR CRÓNICA

Uma viagem à Bulgária
 Oferta da A.A. Portugal/Bulgária

TAÇA DISCIPLINA

Oferta da CGTP-IN
 Para a equipa mais disciplinada

Prémios ainda não classificados:
 Uma viagem à URSS - oferta da A.A. Portugal/URSS.
 Um candeeiro com acendedor automático - oferta de CLAVE/CAMPING GÁS de Alhos Vedros.

TORNEIO «UNIDADE» CALENDRÁRIO DE JOGOS FASE DE APURAMENTO

		1.ª FASE																	
	DATA	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	HORA
RECINTO		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	
CEL. CAT		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	
Séries A B C D		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	
RECINTO		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	
FONTE SENTESE		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	
Séries E F G H		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	
RECINTO		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	
FUTEBOL BENFICA		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	
Séries I J L		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	
RECINTO		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	
PALMENSE		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	
Séries M N O		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	
CONSTITUIÇÃO DAS SÉRIES																			
SÉRIE																			
EQUIPAS N.º																			
A																			
B																			
C																			
D																			
E																			
F																			
G																			

Publicamos hoje o calendário de jogos da 1.ª fase de apuramento do TORNEIO UNIDADE. As colunas ao alto são encimadas pela data de realização dos jogos, e a hora a que se efectuam está indicada na coluna da direita. Aos números indicados correspondem as equipas indicadas por sorteio e cuja lista divulgamos na nossa edição do dia 1/x.

Informação

UNIDADE

LUSO

FUTEBOL CLUBE

O Luso Futebol Clube entidade que, no Barreiro, representou a comissão Organizadora do TORNEIO UNIDADE, necessita de admitir ao seu serviço uma pessoa para RESPONSÁVEL PELO PAVILHÃO

Dando preferência a quem seja sócio do clube ou então reformado, fornece as informações necessárias na sede do clube todas as noites.

RALI PAPER

Realiza-se amanhã um Rali Paper do G.D.P. da CEL-CAT aberto a todos que, gostando de participar neste tipo de iniciativas, ainda tenham uns cobres disponíveis para a gasolina.

Mesmo assim, e tendo em conta o enorme «gozo» que estas provas proporcionam aos concorrentes e os objectivos de confraternização que presidem a esta iniciativa decerto será um êxito.

Se ainda não se inscreveu e quer participar, contacte o G.D.P. da CEL-CAT telefonicamente.

Próxima Jornada dia 8 Out.

RECINTO DA CEL CAT

Série A:
 RN/Sede - EUROPEIA/Viag. 20 h
 Árbitro: Rafael Cardoso
Série B:
 OS PANTERAS - OS UNIDOS 21 h
 Árbitro: Rafael Cardoso
Série C:
 VISTA ALEGRE - MUNDIRAMA 22 h
 Árbitro: João Lourenço
Série D:
 OS UNIDOS P.D. - LIVROS DO BRASIL 23 h
 Árbitro: João Lourenço

RECINTO DO FUT. BENFICA

Série I:
 SAFSI - MEDITEC 20 h
 Árbitro: Artur Pires
Série J:
 PAP. FERNANDES - SULVEN - DAS 21 h
 Árbitro: Fernando M. Joaquim
Série L:
 CGD - ANOP 22 h
 Árbitro: Fernando M. Joaquim
Série I:
 PLESSEY - STFP-A 23 h
 Árbitro: Artur Pires

RECINTO DO FONTESANT.

Série E:
 ALMACOOP - OS QUINTANI-LHAS 20 h
 Árbitro: Adérito Silva
Série F:
 CTT - MESTRE AFONSO 21 h
 Árbitro: Adérito Silva
Série G:
 ORGANEX - R. D. LEONOR 22 h
 Árbitro: Luis F. Betencourt
Série H:
 +OU- - LOYD'S 23 h
 Árbitro: Luis F. Betencourt

RECINTO DO PALMENSE

Série N:
 CPPE - EUROPEIA/Seg. 20 h
 Árbitro: José Jerónimo
Série O:
 CHAMUARES - SBSI 21 h
 Árbitro: Tito Nascimento
Série N:
 MOCAL - CTU/RN 22 h
 Árbitro: José Jerónimo
Série M:
 ACIL - O ALENTEJO 23 h
 Árbitro: Tito Nascimento



marca o tempo do TORNEIO UNIDADE

PARA ANGARIAÇÃO DE FUNDOS EMITA MEDALHAS

E PAGUE-AS SOMENTE COM PARTE DOS LUCROS

CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA COOPERATIVAS, SINDICATOS, EMPRESAS NACIONALIZADAS E ASSOCIAÇÕES PROGRESSISTAS

★OFICINA R.VITOR CORDON,12
TEL. 371254 1200-LISBOA



A Agência de Viagens informa todos os leitores do «DL» interessados que proporciona CONDIÇÕES ESPECIAIS de viagens aos Grupos Desportivos, Casas de Pessoal, Associações ou outros grupos organizados.

Queiram contactar-nos nas moradas seguintes ou através da nossa equipa a disputar o «Torneio Unidade».

LISBOA Av. da Liberdade, 233 Tel. 536121
 PORTO Rua Júlio Dinis, 931-1.º D.º Tel. 693887
 PORTIMÃO Av. Tomaz Cabreira-Vivenda Sant' Ana Praia da Rocha Tel. 23377



O BOAVISTA EM DUAS FRENTES:

"Contem conosco"

— avisa Hernâni Ascensão

Fustigado por uma vaga de castigos que a «mão pesada» da Federação aplicou na sequência dos factos ocorridos no Estádio do Restelo, aquando da realização do jogo correspondente à quarta jornada do «nacional», o Boavista enfrenta agora um outro «problema» que dá pelo nome de Siema de Malta.

Para nos falar do Boavista actual, dos seus problemas e aspirações, a reportagem do «DL» falou com Hernâni Ascensão, um jovem dirigente boavista que domingo a domingo se vai identificando com os bastidores do futebol, e que durante toda uma semana trabalha, lado a lado, com o experiente Domingos Marques.

— Desde há um ano que me encontro a trabalhar no departamento de futebol juntamente com o Domingos Marques, sendo certo, no entanto, que, devido ao castigo que lhe aplicaram injustamente, se viu agora afastado do «banco» dos responsáveis, ainda que temporariamente. E, claro, terei de ser eu a desempenhar a missão de delegado aos jogos, embora durante a semana tudo continue como até aqui, isto é, trabalharmos em conjunto. O lugar, para mim, não será bem uma novidade, na medida em que vinha sendo rotinado nessa tarefa de há um ano para cá, como lhe disse. Além disso estou rodeado de dirigentes experientes, como será o caso do Valentim Loureiro que foi, aliás, um dos responsáveis pela minha vinda para o Boavista, como dirigente, já que era sócio do clube há 22 anos.

Como elo de ligação entre a Direcção do clube e os jogadores, Hernâni Ascensão é um homem metido nos «segredos» da secção de futebol:

— Assim é de facto. Posso dizer que estou bem identificado com todos os problemas da secção de futebol de um grande clube como o Boavista. E quando digo isto estou a recordar não só todo o historial do clube, mas também os êxitos alcançados nos últimos quatro anos, com a conquista de três taças de Portugal e uma «Spurtaça». De facto, o Boavista é um clube grande, embora com um número pequeno de associados: apenas 7 mil.

BOAVISTA: UM ANO DE SOBRECARGA

Tendo em conta a necessidade de fazer frente a uma dupla tarefa que será a do Campeonato Nacional e competição europeia em que está empenhado, o Boavista reforçou-se bastante para a presente temporada. Disso mesmo nos dá conta Hernâni Ascensão:

— Penso que o Boavista, em relação a épocas anteriores, possui, na realidade, um bom plantel que pouco a pouco irá adquirindo o necessário espírito de conjunto, sendo de admitir que a equipa, a breve prazo, obterá os resultados do esforço que

nós, dirigentes, com o apoio da massa associativa temos feito para que a equipa, com o seu técnico, correspondendo aos pergaminhos do clube. Para esta época, em que estamos empenhados em duas frentes, fizemos na verdade um grande esforço e investimento no tocante à equipa principal de futebol. Contratámos o Jarbas, o Aylton, o Vítor Baptista, o Jaime Graça (um avançado oriundo da Guiné-Bissau), o Folha, o Madureira e o Quim Belinha, isto independentemente dos que possam vir a ser contratados, caso o seu valor o justifique. Reconheço que, a nível interno, este início de época tem sido um pouco irregular, na medida em que factores, que nos são alheios, tais como arbitragens nitidamente desfavoráveis — e recordo apenas o que se passou em Leiria e no Restelo — têm influenciado não só no rendimento da equipa como nos resultados obtidos. Isto, porém, nada quer dizer. Repare que, já no domingo, na Póvoa, fizemos um bom resultado. Nem só «espinhos» nos hão-de aparecer no caminho. A equipa tem valor, penso efectivamente que esse valor há-de sobressair e que as arbitragens hão-de procurar, acima de tudo, salvar a verdade do jogo. Se assim for, pois não tenho dúvidas em afirmar que o Boavista será uma equipa a ter em conta na fase crucial do campeonato. A nível externo, o resultado feito em Malta pode considerar-se, apenas, como um «acidente» de percurso, que acontece uma vez por acaso. Considero, por aquilo que vi, que o Siema é uma equipa que está perfeitamente ao nosso alcance e, por isso, acredito que o Boavista, jogando no seu terreno aquilo que está ao seu alcance, passará à fase seguinte e que o futebol português sairá prestigiado deste confronto.

Entrevista de Manuel Neto

TOTO BOLA a chave

É a seguinte a chave do concurso extraordinário do Totobola, relativo aos jogos das competições europeias:

Milan-Porto		X
Din. Tbilisi-Liverpool		X
Beveren-Servette		X
Oesters-Nottingham		X
Vasas Győr-Juventus		X
Nantes-Cliftonville		X
Fenerbahçe-Arsenal		X
Boh. Dublin-Sporting		X
Benfica-Aris		X
R. Sociedade-Inter		X
Anderlecht-Dundee		X
Ferencváros-L. Sofia		X
Torino-Estugarda		X

TAÇA DOS CAMPEÕES

Milão, 0-F.C. Porto, 1

Inferno de S. Siro: paraíso "azul-branco"

Com o titubear característico de quem vai entrar numa «catedral» onde nunca esteve, o F.C. do Porto não se impressionou com a «terrível arma» que até agora sempre tinha jogado a favor dos italianos: o ambiente infernal do Estádio de S. Siro, com capacidade para 80 mil espectadores (ontem estiveram lá cerca de 50 mil) e com umas condições acústicas tais que nem sequer será preciso esgotar, como foi o caso, para que os «tifosi» italianos consigam com os seus gritos e incantamentos abafar tudo e todos. O «inferno» de S. Siro, como lhe chamam todos aqueles que aí banquearam devedores exactamente às condições que encontraram ao redor do rectângulo de jogo, ontem não foi mais do que um paraíso «azul e branco» onde os portistas impuseram a sua lei, indiferentes aos factores psicológicos com que os adeptos transalpinos tentaram jogar para alcançar os seus intentos e que no caso concreto seria guindar o Milão até à eliminatória seguinte. Tudo em vão. Ontem, os portistas não estavam para ninguém. Actuaram em S. Siro como se o fizessem nas Antas: com calma, muita compenetração e um «feeling» especial no tu cá tu lá com os italianos.

Era evidente que uma equipa rotinada a jogar à defesa, uma equipa que em cinco jogos não consegue mais do que um golo, só por um capricho da sorte con-

seguiria apagar essa imagem que toda a gente tinha a seu respeito. Mas não. Os milaneses foram eles próprios: enquadrados no seu «catenaccio» nem em «casa» são capazes de se esquecer dele e os resultados estão à vista. Actuando sem pressas mas sempre à espreita de uma oportunidade, os portistas souberam tirar partido desse ambiente desfavorável que reinava em torno da equipa italiana, criando, eles próprios, os estímulos necessários para agudizar as tensões latentes entre o Milão e o público. E foi por isso que frequentemente se ouviram as vaias e os assobios de desagrado do público milanês, inconformado com os resultados negativos e a consequente quebra de prestígio dos campeões italianos. Em contrapartida, com este triunfo no terreno de um adversário onde poucos terão passado incólumes, o F.C. Porto viu substancialmente aumentado o seu prestígio internacional.

Como já se disse, o Milão não sabe jogar ao ataque. Embora dentro daquilo que é característico nas equipas italianas que utilizam o «catenaccio», tivesse tentado passar da defensiva à ofensiva através do contra-ataque, o certo, porém

é que nunca os italianos conseguiram instalar-se no meio-campo portista para assim poderem pressionar e consequentemente obter o golo de que tanto careciam. Aconteceu o que

já se previa. E, por isso, o técnico

Pedroto, que já demonstrou ao longo da sua carreira, possuir um «dedo» especial para os confrontos com equipas italianas (somando apenas vitórias) preparou os seus pupilos para uma tarefa que, não sendo propriamente rotineira, não seria contudo muito difícil de pôr em prática. Consistiu o sistema em ganhar o meio-campo à custa de um superpovoamento, com Rodolfo, Frasco, Duda, Romeu e Albertino a funcionarem como um «filtro» por onde as jogadas dos italianos tinham forçosamente de passar, antes de atingirem a baliza à guarda de Fonseca.

Por outro lado, conhecendo-se as intenções do adversário que, no dizer do seu técnico, pretendia resolver a contenda rapidamente, restava ao F.C. Porto sustentar o ímpeto inicial do seu antagonista e, depois, ir «aguentando o barco» até ser possível jogar uma cartada. E foi isso que aconteceu: o Milão conseguiu, apenas, forjar três ou quatro situações de apuro junto da baliza de Fonseca, mais por culpa da defensiva portista, que se atrapalhou, do que propriamente por mérito próprio, e o F.C. Porto «resolveu» a eliminação através da marcação de um livre que Duda apontou naquele jeito habitual e de «comum acordo» com o veterano Albertosi. Depois daquele golo, o velho guarda-redes está mesmo

indigitado para a festa de despedida.

De referir, ainda, que os italianos nunca se consideraram vencidos, lutando abnegadamente até final, sendo certo, no entanto, que o fizeram atabalhoadamente, sem sentido de jogo, tal e qual como um afogado que se sente engolido pelas águas revoltas. E tudo isto perante um contraste flagrante entre a pequena falange de apoio portista que se fez ouvir em S. Siro e a grande mole humana afecta ao Milão que saiu cabisbaixa, quem sabe se a pensar já na maneira de pôr Giacomini (o técnico) a andar, mais os Antonelli e os Novellino que têm muita fama e não dão qualquer proveito.

Começando de forma irregular, o juiz turco acabou a partida em bom plano, podendo considerar-se bastante positivo o seu trabalho.

AS EQUIPAS

Árbitro: Elmir OK (Turquia). MILÃO — Albertosi; Colovatti, Bet, De Vecchi e Maldera; Romano (Galluzzo, aos 67 m.), Buriani, Antonelli e Bigon; Novellino (Carotti, aos 77 m.) e Chiodi.

F.C. PORTO — Fonseca; Teixeira, Simões, Freitas e Murça; Rodolfo, Frasco, Duda, Romeu e Albertino; Gomes.

Ao intervalo: 0-0. Marcador: Duda (60 m.).

Fernando Alberto

TAÇA DAS TAÇAS, AMANHÃ NO BESSA

Malteses vêm para empatar

estava previsto os malteses não treinarão hoje no Bessa, tendo a direcção do Boavista ficado de arranjar outro recinto onde treinarão esta tarde. Entretanto as visitas que estavam programadas já não se efectuam por acordo dos dirigentes dos dois clubes devido ao treino dos jogadores previsto para hoje. Ha-

verá, por outro lado, um jantar a nível de direcção do Boavista e do Siema.

Esta manhã o sol voltou a irromper e as perspectivas a confirmarem-se, dão melhoria de tempo o que será indispensável para se conseguir no Bessa um bom resultado de bilheteira. Só hoje, depois dos últimos

retoques na preparação de ambas as equipas, serão conhecidos os «onzes» iniciais para amanhã, às 15 horas, no jogo da 2.ª mão da 1.ª eliminatória da Taça das Taças.

ABEL FERREIRA

TAÇAS DA UEFA

Resultados

TAÇA DAS TAÇAS

Resultados da Taça das Taças: Fortuna de Düsseldorf, 0 - Glasgow Rangers, 0 (1-2); Vasas de Gyor, 2 - Juventus de Turim, 1 (0-2); Twente, 3 - Panionios, 1 (0-4); Beroe Stara Zagora, 4 da Bulgária, 2 - Arka Gdynia, da Polónia, 0 (2-3); Magdeburgo, 5 - Wrehan, do País de Gales, 2 (após prolongamento) (2-3); Estrela de Bucarest, 6 - Young Boys, da Suíça, 0 (2-2); Aris, do Luxemburgo, 0 - Reips, da Finlândia, 0 (1-0); Rijeka, da Jugoslávia, 2 - Beerschot, da Bélgica, 1 (0-0); Valência, 4 - BK 1903, da Dinamarca, 0 (2-2); Funerbach, de Turquia, 0 - Arsenal, 0 (0-2); Waterford, da Irlanda, 1 - Gotemburgo, da Suécia, 1 (0-1); Nantes, 7 - Cliftonville, da Irlanda do Norte, 0 (1-0) e Barcelona, 5 - Akranes, da Islândia, 0 (1-0). Passaram à eliminatória seguinte o Glasgow Rangers, o Juventus, o Panionios, o Beroe Stara Zagora, o Magdeburgo, o Estrela de Bucarest, o Aris, o Lokomotive de Cosice, da Checoslováquia, o Rijeka, o Valência Arsenal, o Gotemburgo, o Nantes e o Barcelona.

Falta conhecer o resultado do confronto entre o Boavista e o Siema de Malta.

TAÇA UEFA

Para a Taça UEFA, ficaram apurados os seguintes clubes, com indicação dos eliminados, entre parentesis:

Standard de Liège (Glenoran, da Irlanda), Lokomotiv Sofia (Ferencváros, da Hungria), PSV Eindhoven (Gijon), Zbrojovka Brno, da Checoslováquia (Ebjersberg, da Dinamarca); Bayern de Munique (Boehminans, de Praga); Estrela Vermelha, de Belgrado (Galatassari, da Turquia), Diogjori, da Hungria (Rapid de Viena de Austria); Inter de Milão (Real Sociedad, de Espanha); Dinamo de Dresden (Atlético de Madrid); Leeds United (La Valetta); Perugia, de Itália (Dinamo de Zagreb); Kaiserslautern (Zurique); Ipswich Town (Skeid Oslo), St. Etienne (Liedz Lodz), Keilavik, da Islândia (Kalmar, da Suécia); Dundee United, da Escócia (Anderlecht), Aharus, da Dinamarca (Staal Mielec, da Polónia), Carl Zeiss Jena (West Bromwich Albion); Malmoe (Kupion, da Finlândia), Eintracht (Aberdeen), Feyenoord (Cverton), Dinamo de Kiev (CSKA, da Bulgária), Banik Ostrava (Orduspor, da Turquia), Universidade de Cradova (Viena Posts), Esturgarda (Torino), Mónaco (Shakter Donetsk, da URSS) e Gasshoppers, da Suíça (Prog. Niedercorn, do Luxemburgo).

Falta conhecer o resultado do confronto entre o Boavista e o Siema de Malta.

Passaram ainda à eliminatória seguinte o Aris, que eliminou o Benfica e o Sporting, que eliminou o Boehmians.

TAÇA UEFA

BENFICA, 2-ARIS, 1

"Apenas um remate..."

«Apenas um remate» como diria Wilson, no final, bastou para inutilizar, por completo, o efeito prático da mais bela exibição que vimos esta época aos homens da Luz. Faltavam dez minutos para que os sessenta mil, presentes e pagantes do estádio, pudessem tranquilamente festejar a passagem justa, merecida, na eliminatória.

Coube ao n.º 11 grego, Smergidis, jogador de meia estatura, mas boa técnica e resistência física, que percorreu durante os noventa minutos todo o rectângulo, organizando e defendendo o jogo da equipa (bem acompanhado pelo dinamarquês Olle) a liquidação do sonho benfiquista. Foi um remate feliz, violento e de boa direcção. Bento nada podia fazer como nada podiam fazer, já também, os restantes dez companheiros para virar o resultado após um esforço contínuo, sem quebras, durante os oitenta minutos que antecederam esse golo fatal.

As palavras amarguradas do capitão Humberto, já nas cabines, bastam: «Não encontro explicação para o que aconteceu.» Com efeito, após a classe exibida pela turma portuguesa, obrigando e confundindo os gregos de Salónica, pelas rápidas e envolventes jogadas de ataque, que causariam uma boa dezena de oportunidades de golo — negadas ora pela infelicidade do remate ora pela categoria do guarda-mão Pautziaras — já que ninguém acreditava no volte-face.

Acreditou-o, porém, o uruguaio Sascia, técnico do Aris,

que no momento próprio soube trocar Zidros e Ballis, homens do «miolo», por Migalichos e Vaugis. Este último, rijo, rápido, veio alterar a superioridade dos benfiquistas na linha média. Encarregado de vigiar o pequeno-grande Chalana — o maestro da exibição do onze encarnado — cedo concretizou a sua missão, quer porque o n.º 10 da Luz já tinha gasto quase todas as «baterias», quer porque o duro grego acertou-lhe com rara «eficiência» num dos pés, obrigando-o a regressar mais cedo à cabina.

E, entretanto, poderia ter sido uma goleada dos bons tempos europeus. É que, para além dos dois magníficos golos de Reinaldo (21m) e Jorge Gomes (50m) saídos de passos certos de Chalana, numerosas foram as ocasiões em que o esférico ron-



Chalana, o «maestro» da Luz faz dançar o dinamarquês Olle, antes de o debicar para trás

dou a baliza grega. Foi o drible de Chalana aos 20 minutos ao capitão Pallas, concluído com um remate poderoso defendido por Pautziaras, com dificuldade. Foi o cruzamento de Pietra aos 27, e que Jorge Gomes de cabeça quase transformou no segundo golo. Foi a arrancada de Alberto ao 41.º minuto a tocar para Nené que falhou o alvo. Foram nos três minutos seguintes e antes do intervalo, o toque de cabeça de Reinaldo após passe de Chalana a rasar os postes e, logo a seguir, Jorge Gomes com a baliza à mercê a «chutar» na relva.

Já na segunda parte e quando o Benfica já vencia por 2-0 ficaram na retina da imensa multidão da Luz a jogada de ataque que deixou Pietra (aos 62 minutos) isolado, mas sem saber finalizar e, três minutos depois, o belo toque de Jorge Gomes para Reinaldo que «disparou» forte, mas contra o corpo de Pautziaras.

Aos 67 minutos a excessiva troca de passes na pequena área, mal finalizada por Shéu foi outra das oportunidades ingloriamente falhadas.

De qualquer modo, e apesar da eliminatória perdida, o vice-campeão português terá encontrado, ontem à noite, o «onze» mais capaz, desde que melhor rodado, de chegar ao título nacional, perdido nas duas últimas épocas. Jorge Gomes e Reinaldo, como arietes permanentes, na pequena área — a zona do golo — entendem-se, trocam bola e a técnica e colocação de um (Jorge) estimula a força e rapidez do outro (Reinaldo) consti-

tuindo uma dupla de goleadores que poderá dar que falar.

Nené orienta-se melhor, por sua vez, no meio do terreno, com a possibilidade de progredir — tal como Pietra — de olhos sempre virados para a baliza, que é como gosta de jogar. Shéu, embora lento e sem grandes rasgos, é certo, regular, e completa (faz lembrar Santana) o talento invulgar de Chalana, sem dúvida a estrela maior do Benfica, pela alegria, vivacidade e eficácia do seu futebol. E ainda um Toni, de reserva, capaz de em qualquer altura integrar bem o meio-campo.

O quarteto central parece agora melhor organizado, com Alinho a entender-se mais com Humberto. Em suma, o jogo de ontem, se não bastou para ir mais além na Europa, deu indicações sólidas de que o FC do Porto não vai ter facilitada a sua tentativa de trisar o campeonato nacional.

AS EQUIPAS

Sob a arbitragem do inglês Courtney, as equipas alinharam:

BENFICA — Bento; Bastos Lopes, Humberto Coelho, Alinho e Alberto; Pietra, Shéu e Chalana (Toni, aos 75 minutos); Nené, Reinaldo e Jorge Gomes.

ARIS — Pautziaras; Mocalis, Venus, Firos e Pallas; Kuis, Zidros (Migalichos) e Ballis (Vaugis); Olle, Ananiadis e Sergidis.

Golos: 1-0, aos 21 minutos, por Reinaldo; 2-0, aos 50, por Jorge Gomes; 2-1, por Sergidis, aos 80 minutos.

E.A.

Bohemians, 0 Sporting, 0 Um treino, e pouco mais

DUBLIN — Neves de Sousa — Muito avontade, como de resto se previa, o Sporting passou à segunda eliminatória da Taça UEFA, empatando a zero no campo do Bohemians. Ao longo de todo o encontro, os irlandeses nunca se mostraram capazes de levar a melhor sobre o «team» português, e o Sporting só não repetiu aqui no Dalymount Park a vitória que conseguiu em Alvalade porque nisso não se empenhou seriamente, como de resto é compreensível.

Nos seus primeiros minutos ainda os «bohemians» laram alguma intenção. A pouco e pouco, porém, a farsa do Sporting foi sendo jogada e cedo se viu que a portuguesa não apenas não passou a eliminatória, mas ainda, vencer o encontro. Isto não aconteceu, por reforço das precauções defensivas dos portugueses, e o Sporting só não repetiu aqui no Dalymount Park a vitória que conseguiu em Alvalade porque nisso não se empenhou seriamente, como de resto é compreensível.

Nos seus primeiros movimentos ainda, ocações defensivas, e sobretudo poupança de energia.

O jogo era apenas para não perder, e isso esteve mais do que ao alcance dos pupilos de Rodrigues Dias.

Um jogo sem grande história, que terá servido de treino, e pouco mais.

Arbitrou o belga Jean-Claude Joaquin, e as equipas alinharam assim:

BOHEMIANS — Davis; Gregg, Burke (cap.), Mc. Cormack e Brady; Whelen, Kelly e Riordan; Joyce e Eviston.

Aos 38 minutos da segunda parte, Collins entrou, saindo Whelen.

SPORTING — Fidalgo; Menezes, Barão, Bastos e Inácio; Eurico, Fraguito e Marinho; Jordão, Manuel Fernandes (cap.) e Manuel.

Aos 23 minutos do segundo tempo, saiu Marinho e entrou Ademar e aos 79 Freire foi ocupar o lugar de Fraguito.



O Benfica acaba de marcar o segundo golo. Chalana exulta de natural contentamento

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 7 de 7 OUTUBRO 1979

Boa Nova x1x x11 x11 1xx1; A Comarca de Arganil x1x 211 11x 11xx; Cavaleiros do Ritmo x1x 211 111 1111; Rádio Totobola x1x x1x 111 1x11; Correio de Coimbra x12 211 111 1111; Correio do Vouga x2x 211 21x 1111; Diário de Coimbra 21x x11 1x1 11x1; Diário de Lisboa xxx x11 1x1 1111; Ecos do Cacia x12 211 x11 1112; Eu Sei Tudo x12 x11 111 1121; Folha do Domingo x1x x11 11x 111x; Gazeta das Caldas x12 211 121 1112; O Jornal de Felgueiras 21x x11 111 1x11; Jornal de Santo Thyrsó x1x 1x1 x11 111x; Jornal de Sintra x12 x12 111 11xx; Jornal Linhas de Elvas 111 211 111 11xx; Litoral x12 2x2 111 111x; Manchete Desportiva x1x 2x1 211 11x1; Maria da Fonte

11x 21x 111 1xx1; O Norte Desportivo 111 x11 111 1xx2; Notícias de Felgueiras x1x x11 111 11xx; Notícias de Gouveia xxx 211 111 1x22; Penalty 211 x11 x11 1111; Reconquista de Castelo Branco x1x 111 1x1 1111; RDP — Secção Desportiva 11x 2x1 111 1xxx; A Voz das Beiras x11 x1x 111 1x1x; A Voz do Domingo 21x 211 x11 1111; A Voz de Palmela 11x x11 111 11x1; Grafanola Ideal xx2 x11 x11 1222; Jornal «O Dia» x1x 2x1 x11 11x1; Cardeal Saraiva 212 2x1 111 1x11; O Distrito de Portalegre x1x x12 11x 112x; Jornal da Lixa 2xx 112 1x1 1x11; Mundo Desportivo 112 21x 111 1xx1; Notícias de Évora x1x x11 x11 1x1x; Notícias de Guimarães 21x 111 111 1x11;

Rádio Alitude x12 x1x 211 11xx; Diário Desportivo x1x x1x 211 1xx1; Voz de Lamego 11x 111 11x 11x1; Liberdade 2x1 x21 xxx 1112; Alvo Desportivo 112 222 111 1x12; O Comércio de Leixões 2xx 2xx x11 1xx2; Estúdio 64 222 21x 211 1xx1; Jornal de Gaia 212 11x 11x 1x21; Jornal da Graça 11x x11 111 1x11; Jornal de Notícias x1x x1x 111 111x(O Primento de Janeiro 12x x11 x11 1xx1; Rádio Alvo x1x x1x 111 1xxx; Panorama 222 212 211 12x1; Rádio Placard 111 111 111 1111; Repórter do Dia 21x 111 1x1 1x11; A Voz dos Rídiculos xx2 21x x11 1x11; A Defesa de Espinho 212 x1x x11 x1x1; Jornal do Diabo 111 x1x x11 11x1; Jornal o Porto 1x2 2x1 1xx 21x1.

	R E S U M O			B O L A		
	1	X	2	1	X	2
1. RIO AVE — GUIMARÃES	13	28	14	3	6	3
2. SETÚBAL — U. LEIRIA	43	8	4	9	2	1
3. PORTIMONENSE — BELENENSES	7	31	17	2	7	3
4. BRAGA — SPORTING	8	25	22	2	5	5
5. ESPINHO — VARZIM	45	8	2	9	2	1
6. MARTIM — BOAVISTA	35	14	6	7	4	1
7. P. FERREIRA — SALGUEIROS	33	16	6	7	4	1
8. FAMILICHO — BRAGANÇA	46	8	1	9	2	1
9. O. BAIRRO — MANGUALDE	47	8	0	10	2	1
10. ACADÉMICO — A. VISEU	52	2	1	10	1	1
11. U. SANTIAREM — PORTALEGRENSE	30	23	2	7	4	1
12. CUF — OLHANENSE	26	24	5	6	5	1
13. BEJA — JUVENTUDE	33	14	8	6	4	2

a) — Nos termos do Artº 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "Chave" lógica será:
XIX X11 111 1111

NOVOS LIVROS

OS "FANTASMAS" DE ALJUSTREL

Livros de Francisco Rasquinho já recuperaram Flarmónica e Coral

Com «Fantasmas» completa Francisco Rasquinho, velho lutador antifascista desterrado durante anos na Bélgica (onde desenvolveu intensa e prolífera actividade política e cultural no seio dos núcleos de emigrantes), e há um ano definitivamente entre nós, a sua trilogia de crónicas sobre Aljustrel, heróico povo mineiro e também sua terra natal. E tal como em «Filhos» e «Os Três Isiduros» um objectivo: contribuir (através da entrega do produto da sua venda) para o ressurgimento de obras sociais e filantrópicas atiradas por Salazar e Caetano para situações ruins. Com as duas primeiras (edições esgotadas) foi o erguer da Flarmónica local e um Lar para a Terceira Idade. Agora com «Fantasmas», pretende Francisco Rasquinho levar até aos Bombeiros Voluntários de Aljustrel algumas dezenas de contos de vida nova.

Desfiar amargo de memórias, de um olhar à distância para um passado de fantasmas, o último livro de Francisco Rasquinho é também (e sobretudo) um esboço de esperança na Revolução a construir. Uma aposta no futuro novo (e definitivo) que as crianças deste País hão-de saber inventar, sendo neste contexto, e em nossa opinião, «Meninos e Bichos» a sua crónica exemplar. Aquela que melhor nos mostra, pelo realismo da descrição, como se reflecte nos filhos a injustiça social de que os pais são vítimas, por ser a mais significativa dos perigos que as crianças correm quando deixadas ao abandono pela falta de creches e jardins de infância onde permaneçam enquanto os pais trabalham, onde convivam e brinquem umas com as outras. Desmontando, tal como escreve em prefácio a «Fantasmas», Amélia Palma Brito (ela também, como o

seu marido já falecido, companheira de luta de Francisco Rasquinho), e muito ainda há a construir neste campo em Portugal, na medida em que «mais de meio século decorrido sobre alguns episódios narrados pelo autor e depois de há muito se ter reconhecido quanto é fundamental para o ecodir normal do adulto o tratamento proporcionado à criança — não disse alguém que «A criança é o pai do Homem» — e ainda hoje crianças nascem sem assistência, passam fome, brincam nos bairros de lata, tendo como atractivo as lixeiras onde adquirem os brinquedos, nas «Avenidas» de Trás dos Quintais ou no campo, como Eurico e César, rodeados de armadilhas onde a morte os espreita».

«Armadilhas» que marcaram bem o destino de alguns dos heróis (filhos de camponeses e de mineiros) de «Meninos e Bichos», tal como nos conta (em alerta) Francisco Rasquinho: o Lince, que era um bom rapazinho e gozava de simpatias gerais, faleceu de uma doença terrível, clinicamente não diagnosticada, de arrancar entranhas, e o seu irmão José com a mesma idade, em 1969, a 360 metros de profundidade na mina de Algarves, devido a uma explosão. Com ele mais dois companheiros perderam a vida e três outros ficaram gravemente feridos. Quanto ao Arsénio desapareceu há muito vitimado por uma cirrose». O autor rubrica esta crónica com a seguinte referência: «Em Bruxelas, no dia 10 de Março de 1977, sentado à porta da creche da Universidade ouvindo o alegre chilrear das crianças esta singela homenagem aos «linces» de todo o Mundo».

MANUEL GERALDO



Francisco Rasquinho: dos longos anos de desterro à trilogia mineira, consubstanciando na edição literária a tentativa (já parcialmente conseguida), através dos lucros obtidos com a venda dos seus livros, de fazer reviver actividades culturais e obras filantrópicas de Aljustrel lançadas ao abandono pelo fascismo,

Sol e Moscas por Solilóquio

Amador do espectáculo, que não amador tauromáquico, a

tourada, considerada festa e arte, é o tema preferido de Solilóquio. Não estamos perante um profissional da crítica tauromáquica que reúna em volume, de quando em quando, as suas crónicas taurinas. Solilóquio é um homem de cultura que fala das touradas a que assiste. Escreve com graça, com um raro sentido de humor, com vivacidade. É um aficionado que não sacrifica, à paixão pela Festa Brava, a inteligência crítica. A tourada fornece-lhe um tema de crítica, mas não exclusivamente de crítica tauromáquica. É caso para dizer — e o melhor será dizê-lo com as suas próprias palavras — que: «Solilóquio escreve do que lhe apetece e não só, se lerem as crónicas vão ver a quantidade de coisas que estão lá e não podem apeteer a ninguém, só eu sei o que lá não está e lhe apetece poder escrever.»



Este, intitulado «Sol e Moscas», é um undécimo volume de crónicas taurinas que Solilóquio publica. Os seus três primeiros livros, «Ao Sol da Ibéria», «Broncas e Olé», «Entrando de Caras», encontram-se esgotados. «Sol e Moscas» compreende crónicas taurinas das temporadas de 1977 e 1978. Duas des-

as crónicas foram escritas para a revista taurina Burladero, as outras são conhecidas dos nossos leitores, foram publicadas no «Diário de Lisboa». Edição do Autor.

rui cunha viana



«Os Sonhos do Tio Girassol»

«Os Sonhos do Tio Girassol», lançado nas livrarias pela jovem editora Alfa/Omega, é um livro para crianças que lhes dá o 25 de Abril como passo supremo para a dignidade total do povo português.

É seu autor Rui Cunha Viana — e oxalá continue na difícil tarefa de escrever para crianças. E isso porque este livro, na verdade, evidencia uma maneira de contar já muito conseguida, agarrando o pequeno leitor da primeira à última página sem que o distraia do essencial da vida de nós todos.

Óptimas ilustrações integram-se no texto, sublinhando os pontos altos da história.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS (Por UNIDADE)	
MOEDAS ESTRANGEIRAS	COMPRA VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51900 56900
ALEMÂNIA OCID. (marco)	27855 28865
AÚSTRIA (selim)	3875 3895
BÉLGICA (franco)	18640 18740
BRASIL (cruzeiro)	1905 1875
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	41820 43820
(notas de 5 a 1000)	41870 43870
DINAMARCA (coroa)	9980 9980
ESPAÑA (peseta)	6998 6998
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	48810 50810
(notas de 5 a 1000)	48860 50860
FINLÂNDIA (marco)	12895 12895
FRANÇA (franco)	11870 12830
HOLANDA (florim)	24890 25890
INGLATERRA (libra)	106835 110835
ITALIA (lira)	8053 8063
JAPÃO (iene)	3196 3226
NORUEGA (coroa)	9895 10845
SUÉCIA (coroa)	11870 12830
SUÍÇA (franco)	30890 32890
VENEZUELA (bolivar)	9895 10895

Observações:
1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO ÀS 09.00 H

O céu estava geralmente muito nublado. O vento era fraco de Sudeste e chovia nalguns regiões a Norte do Tejo.

TEMPERATURAS DO AR

V. DO CASTELO	16°
BRAGANÇA	12°
VILA REAL	15°
PORTO	16°
P. DOURADAS	10°
COIMBRA	16°
C. CARVOEIRO	16°
PORTALEGRE	15°
LISBOA	17°
ÉVORA	13°
SINES	16°
BEJA	13°
SAGRES	18°
FARO	17°
PONTA DELGADA	16°
FUNCHAL	20°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
1.32 4,1 m	7.14 0,9 m
13.50 4,3 m	19.41 0,6 m

Dia 5

2.18 4,3 m	7.59 0,7 m
14.37 4,5 m	20.24 0,5 m

Dia 6

3.03 4,4 m	8.42 0,6 m
15.22 4,5 m	21.06 0,5 m

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu muito nublado. Vento geralmente fraco. Períodos e chuva fraca ou chuviosa nas regiões do Norte e Centro. Melhorias gradual do estado do tempo a partir da tarde de hoje com diminuição da nebulosidade. Nebulinas ou nevoeiros locais.

NASCE ÀS 6.35
OCASO ÀS 18.15

DIA 5 DIA 12 DIA 21 DIA 28

rádio

1.º Programa

16.00: «Diagrama» (RDP/Centro);
17.00: «Trajectória» (Programa da juventude); 18.00: Noticiário; 19.00: Música portuguesa; 19.30: «Jornal da Noite»; 20.00: Música variada; 21.00: 28.º e último Episódio do Folhetim — «Mathias Sandoz», de Júlio Verne, numa adaptação de Alvaro Martins Lopes; 21.20: Desfile Musical; 22.00: «Rádio serviço»; 23.00: «Programa da noite»; 24.00: «Último jornal».

2.º Programa

16.00: «Intercâmbio musical»;
16.35: Música sinfónica; 18.00: Noticiário cultural; 18.10: Conjuntos instrumentais; 19.00: «O Canto e os seus intérpretes», por Maria Helena de Freitas; 20.00: Orquestras de Câmara; 21.30: Aspectos da moderna música espanhola; 22.00: Música de Câmara; 22.40: Música de todos os quadrantes; 23.00: Música sinfónica de Bela Bartók; 00.05: Música de Piano; 00.30: Três motetes de Giacomo Carissimi; 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (290m)

18.15: «Carros Roubados/SOS»;
18.30: Noticiário; 18.45: «O Mundo da Fórmula 1»; 19.00: Jornal noticioso; 19.45: «Teatro Trágico» (com: Paroquianos de Lisboa); 20.00: Quando o telefone toca; 20.30: Noticiário; 20.35: Cartaz; 21.00: Mensagens bíblicas; 21.20: Diálogo; 21.30: Noticiário; 21.35: Quando o telefone toca; 22.30: Noticiário; 22.35: O Tema é... (com: Hélder Martins); 23.00: Projecto; 23.30: Jornal Noticioso.

Emissão Estereotónica

18.00: Noticiário; 18.03: Hora de ponta; 19.00: Em órbita; 21.00: Noticiário; 21.03: Fórum

Rádio Renascença

16.00: Noticiário; 16.05: Sequência da Tarde; 17.00: Noticiário; 18.00: Noticiário Regional; 18.05: Apelos; 18.15: Igreja em notícia-Palavra do dia; 18.30: Transmissão do Terço da Basílica dos Mártires; 19.00: Programa da liga dos amigos de RR; 19.25: Letura do programa; 19.30: Noticiário; 20.00: Objectivo; 20.54: Apelos; 21.05: Exits para si; 21.30: Ao Encontro da Grande Música; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Temas Vivos; 23.00: Noticiário; 23.05: Última hora; 23.35: Meditando.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 12 452

HORIZONTAIS:

- 1 Carinhosos. Preposição e artigo.
- 2 Sulco feito pelo arado. Rio da Suíça.
- 3 Leve. Compras.
- 4 Usado na expressão. Ruim. Compaixão. Correr Ceca e Meca, isto é, muitas terras indeterminadas.
- 5 Escudeiro. Descorrido.
- 6 Senhor. Falda. Duna na Suécia.
- 7 Arara. Berilo (s.q.).
- 8 Deus dos pastores. Tecido de malha para cobrir o pé e a perna ou parte dela.
- 9 Desarmo. Despido. Zomba.
- 10 Jarro (planta). Cabo da costa de Portugal.
- 11 Divisão de uma casa. Cures.

VERTICAIS:

- 1 Dás mensagens a. Estimás.
- 2 Estrada militar romana de Braga a Astorga. Agora.
- 3 Antiga cidade do Epiro. Relativo aos rins.
- 4 Taramela. Autores. Faz doação de.
- 5 Magnésio (s.q.). Prefixo que designa afastamento. Rio de Itália.
- 6 Ruido. Molha com baba.
- 7 Nome de letra. Em as.
- 8 Curara. Estro.
- 9 Antes de Cristo. Cebra. Sufixo que designa estado.
- 10 Charruas. Caminhar. Tempo do verbo ser.
- 11 Solitário. Carne de porco metida em tripa de intestino grosso (pl.).

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 8512

HORIZONTAIS:

- 1 Estimais. Covas.
- 2 Aliso. Dar aviso de alguma coisa em voz alta.
- 3 Arrostar. Fúria.
- 4 Levanto. Ave da família dos láridas. Pronome pessoal.
- 5 Nota musical. Clima. Sufixo que designa estado.
- 6 Negra. Prefixo de negação. Erbio (s.q.).
- 7 Vazia. Concede.
- 8 Recolhe a vela do navio. Amónio (s.q.).
- 9 Treparam.
- 10 Escarneçam. Flutuara.
- 11 Brisa. Desejamos.

VERTICAIS:

- 1 Lavrais. Afia.
- 2 Nome de mulher. Agarrar.
- 3 Nojo. Taberna.
- 4 Uma das Novas Hébridas, na Melanésia (nv.). Brisa. Caruma.
- 5 Adicionar. O mais.
- 6 Nome de mulher.
- 7 Examinaram.
- 8 Fedor. Comido (fig.).
- 9 Mancha. Conjunção.
- 10 Conjunto de árvores.
- 11 Campeão. Batráquio. Utensílios domésticos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 451

HORIZONTAIS:

- 1 Padecem. Sem.
- 2 Os. Segara.
- 3 Bem. Amarram.
- 4 Rs. As. Ara.
- 5 NINGUÉM.
- 6 Sós. Aroz.
- 7 Ca. Avá. Pás.
- 8 Orar. Ass. Sê.
- 9 Riram. VA.
- 10 E. Adandonai.
- 11 Mamado. Sair.

VERTICAIS:

- 1 POBRE. Corem.
- 2 És. Sari.
- 3 Dom. No. Aram.
- 4 És. Ais. Raba.
- 5 Am. Mad.
- 6 Esmaçavam. No.
- 7 Mea. Uras.
- 8 Gr. Er. Avós.
- 9 Saramos. Ana.
- 10 Erar. Zas. Ai.
- 11 Mamar. PEDIR.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8511

HORIZONTAIS:

- 1 Singaputra.
- 2 Ir. Ama. Aios.
- 3 Imão. Ias.
- 4 Ba. Ais. Um.
- 5 Ama. Aras.
- 6 Ama. Crimes.
- 7 Asara.
- 8 Ar. Sassa.
- 9 Ri. Mós.
- 10 Tore. Abicai.
- 11 Asas. Lesara.

VERTICAIS:

- 1 Samba. Carta.
- 2 Ir. Ama. Aios.
- 3 Nei. Amar. Ra.
- 4 Gira. As. Mês.
- 5 Mil. Avó.
- 6 Pias. Cr. Sai.
- 7 Uro. Aras. Be.
- 8 Re. Uri. Avis.
- 9 Animamos. Ca.
- 10 Ea. Sé. Ar.
- 11 SS. Suana.

Provérbio: NINGUÉM É POBRE NO PEDIR.

Cinemas

Lisboa

PERMANENTE (Hoje)

CHINDE - Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Areeiro-Apeadeiro) Tel. 890331;
LUPI NOGUEIRA - Rua José Dias Coelho, 4 (Calvário-Alcântara) Tel. 631635; **GALENO** - Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (Campo Pequeno-Roma) Tel. 774920; **LEAL DE MATOS** - Rua Neves Costa, 33-35 (Camde) Tel. 780181; **UNIVERSAL** - Rua Actor Taborda, 5-7 (Estefânia) Tel. 44158; **PATULEIA** - Alameda das Linhas Torres, 262-B (Lumiar) Tel. 790332; **LIBERAL** - Av. da Liberdade, 219 (Marquês de Pombal) Tel. 543641; **MOZ TEIXEIRA** - Rua Poço Negros, 117 (Poço Negros) Tel. 601961; **BRANQUINHO** - Rua dos Sapadores, 87-89 (Sapadores) Tel. 842725; **BRANCO** - Av. Comb. Grande Guerra 29 (Algas) Tel. 2112081; **TAVERES DE MATOS** - Rua 8, lote 308 (Branda) Tel. 993220; **JOLENI** - Rua Dr. Alexandre Braga, 3-B (Odivelas) Tel. 910812.

REFORÇO

EUSIL - Rua Barão Sabrosa, 104 (Alto Pina, Tel. 841912; **ROMA** - Av. Roma 85-B (Alvalade) Tel. 772466; **VALADARES** - Rua da Madalena, 235 (Baixa) Tel. 872060; **LISBOA** - Rua Cláudio Nunes, 73-A (Benfica-cemitério) Tel. 703393; **CASTRO FONSECA** - Rua 4 de Infantaria, 28-A (Campo de Ourique) Tel. 888857; **REMÍO** - Rua dos Jerónimos, 14-C (Jerónimos) Tel. 631699; **MOTA CAPITÃO** - Rua São Félix 45-B-C (Lapa) Tel. 660720; **HIGIENE** - Rua Cidade Vila Cabral, Lt 43 (Olivais Sul) Tel. 310026; **SÁ DA BANDEIRA** - Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (São Sebastião) Tel. 554672; **VAZ MARTINS** - Rua António Ferro, 6-A (Barraca) Tel. 970660; **NOVA** - Rua Acores 11-A (Olivais de Baixo) Tel. NOVA - Rua Acores, 11-A (Olivais de Baixo) Tel. 910305; **LEITÃO RIBEIRO** - Rua A do Falcão 3-A (Ponte de Lima) Tel. 2519939.

Outra Banda

ALMADA - Silva Júnior - Av. Frederico Ulrich, 9-2-º Piso Tel. 278030G
COVA DA PIEDADE - Louro - Rua Alexandre Herculano, 6-B Tel. 2763517; **LARANJEIRO** - Moderna - Rua Dr. António Elias, 84 Tel. 2490305; **COSTA DA CAPARICA** - Higienista - Av. da República, 23 Tel. 2400020; **SEBIMBRA** - Leão - Av. da Liberdade, 13, Tel. 2233471; **BARRAL** - Pizarra - Av. Bocage, 65-A Tel. 2074771; **AMORA** - Julieta Campos - Tel. 2211131; **SEIXAL** - Soromenho - Rua Paiva Coelho, 38, Tel. 2218560; **MONTUJO** - Higienista - Rua José Joaquim Marques, 142, Tel. 2310370; **MOITA** - Moltenre - Av. Dr. Teófilo Braga Tel. 239025; **ALHOA VEDROS** - Guemão - Rua Cândido dos Reis, 30, Tel. 204020; **ALCOCHETE** - Gamelo - Rua António dos Santos Jorge, 15, Tel. 234100.

Linha de Cascais

D. Maria II - «O Lodo», às 21.45 (13 anos)
VASCO SANTANA - «Quando a Banda Toca», às 21.30 (13 anos)
MONUMENTAL - «A Toca é que a Gente se Entende», às 20.45 e 23.00 (13 anos)
VARIEDADES - «Isso é que Era Bom», às 20.30 e 22.45 (8 anos)
S. LUIS - «Os Sequestrados de Altona», às 21.15 (13 anos)
COMUNA - «Guerras do Alecrim e Mangerona», às 21.45
TEATRO ABERTO - «O Chá dos Generais», às 21.30 (13 anos)
MARIA MATOS - «Ricardo e as Borboletas», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA - «Rei, Capitão, Soldado, Ladrão», às 20.30 e 22.45 (18 anos)

Outros Espectáculos

Lisboa
CAPITÓLIO - «As Enfermeiras do Sexo», às 19.00, 21.00 e 23.00 (18 anos)
CITY-CINE - «A Maria das Grandezas», às 21.30 (10 anos)
PROMOTORA - «Amor e Ginástica», às 21.30 (6 anos)
ROYAL - «Continuum a Chamar-me Trinitá», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA - Sessões permanentes (18 anos) - «Pensão do Amor Livre»
COLISEU - «Ives, o Temerário», às 21.30 (18 anos)
CINEARTE - «Alta Ansiedade», às 21.30 (13 anos)

ALCABIDECHÉ - Carvalho - Até às 21 horas; **PORTO SALVO** - Ferreira Bastos - Até às 21 horas; **CARCAYELOS** - Central - Até às 24 h e das 0 às 9 h; **VILAR** - Até às 22 h; **S. DOMINGOS DE RANA** - Godinho da Silveira - Av. Saboia, 29-B Tel. 280085. Até às 21 horas; **PAÇO DE ARCOS** - Godinho - Av. Patrão Lopes, 4 Tel. 2432039. Até às 22 h; **CEBRAS** - Central - Conde Ferreira, 29 Tel. 2430058. Até às 24 h e das 0 às 9 h; **NOVA CEPAS** - Leal - Até às 21 horas; **PAREDE** - Godinho - Av. da República, 87 Tel. 2471204. Até às 24 h e das 0 às 9 h; **PAREDE** - Junqueira-Mendes - Até às 21 horas; **MURTAL** - Primavera - Rua das Parreiras, 2, Tel. 2472278 até às 21h; **AMOREIRA** - Amoreira - Tels. 262313-267314. Até às 22 h; **CASCAIS** - Cascais - Rua Conde de Monte Real-B.º Caixas Tel. 282407. Até às 21h; **Miseriórdia** - Rua Regimento 19, n.º 41 Tel. 280141. Até às 24 h e das 0 às 9 h.

Linha de Sintra

AMADORA - Carmelo - Rua Elias Garcia, lote 28 Tel. 9333033; **Permanente**; **Dias** - Av. Marquês de Pombal, lote 9 Tel. 934589. Até às 22 h. **DAMIA** - Lemos - Rua de Goa, 21-A (Tel. 971121); **QUELUZ** - Simões Lopes - Av. Elias Garcia, 51 Tel. 950123; **CAMARATE** - Balaia - Rua Avelino S. Oliveira, 5 Tel. 2518669; **CACÉM** - Central - Rua Elias Garcia, 55 Tel. 2940034; **AGUALVA-CACÉM** - Mira Sintra - P.N. Torre, 310 Até às 20.30 horas; **MERCES** - Claro Russo - Até às 21 horas; **RIO DE MOURO** - Riomouro - Av. Oscar Monteiro Torres, 8 Tel. 2960194. Até às 23 horas; **SINTRA** - Miseriórdia - Vila Tel. 2930391; **S. PEDRO DE SINTRA** - Valentim - Tel. 980456; **COLARES** - Abreja - Tel. 299088.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

BOAVISTA - Rua da Boavista, 601. Tel. 26443; **COSME** - Rua de Costa Cabral, 584. Tel. 481511; **S. DINIS** - Rua de S. Dinis, 428. Tel. 482251; **SOEIRO** - 51370; **VITALIA** - Praça da Liberdade, 34. Tel. 24133; **ANTUNES** - Rua do Bonjardim, 485. Tel. 27936; **PEIREIRO** - Rua da Preciosa, 35. Tel. 681027.

DE DIA E TODA A NOITE

NACIONAL - Rua Senhora da Luz, 156 - Foz. Tel. 680833; **ALBERTO FERREIRA** - Rua da Estação, 100. Tel. 51302; **ANTONIO DE QUELAL** - Rua Antero de Quental, 520. Tel. 485048; **HERCULANO** - Rua Alexandre Herculano, 384. Tel. 27943.

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE
SANTA CRUZ - Rua das Padeiras, 94. Tel. 23569.

Cinemas e espetáculos

abCINE

803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A
 Às 14.30, 16.30, 18.30 e 21.30
INTERIORS (INTIMIDADE)
 Às 23.45
BANANAS
SALA B
 Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
MOONRATER - 007 AVENTURA NO ESPAÇO

ALVALADE

897480

Av. de Roma
 14.16.30, 19, 21.30
 Imaginação! Beleza! Humor!
 Walt Disney Productions apresenta
SE A MINHA CAMA VOASSE...
 com Angela Lansbury e David Tomlinson
 Falado em português - Technicolor
 Para todos

APOLO

763319

Av. Jélie Dinis, 10-A
 Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30 e 21.30 h
 25.ª Semana
O CÉU PODE ESPERAR
 Não acons. men. 13 anos
 Hoje e todos os dias às 23.30
 Às 23.30 - N. ac. men. 18 a
A GRANDE BATALHA
 de Sam Peckinpah

AVIS

547163

Av. Duque D'Avila, 45
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - Int. men. 13 a
 Quando a arte das lutas marciais é o segredo de uma herança!
O HERDEIRO DO KUNG FU
 c/ Lau Ka Wing e Lee Ying

BERNA

776098

Av. Marquês de Tomar
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 - Int. men. 13 a
BARRACAS NA PRAIA
 c/ Josiane Balasko, Michel Blanc e Marie-Anne Chatel
 Um filme de Patrice Leconte
 9.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO

795093

Campo Grande
 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
 Não acons. men. 13 anos
GREASE
 (Brilhantina)
 35.ª Semana

CASTIL

580194

Rua Castilho
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - Int. men. 13 a
ALMAS PERDIDAS
 c/ Catherine Deneuve e Vittorio Gassman
 Um filme de Dino Risai
 2.ª Semana

CINE 222

Tel. 579460

Av. Praia da Vitória, 37 (Ao Saldanha)
 Às 14.15, 16.30, 19, 21.30
 Não acons. men. 13 anos
EM NOME DO PAPEL
 Às 23.45 h
 - N. ac. men. 13 a
ROCKY
 Todos os dias às 11 h
 Para todos
TRÊS AVELAS PARA CINDERELA

CINEBOLSO

573407

Rua Astar Taborda, 27-B
 Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
 - Int. men. 18 a
 O desejo e a satisfação dos corpos
MORRER DE DESEJO
 Às 24 h. Int. men. 13 anos
GENTE DE RESPEITO

CINE CAMÕES

324194

Rua de Loreto, 15
 Estreia às 14, 16.30, 19 e 21.30
 Não acons. a men. 13 anos
A TERRÍVEL VINGANÇA
 (filme indiano)
 Um filme de Pervez Malik
 c/ Mohd, Ali, Zeba, Waheed Murad, Mumtaz

CONDES

322523

Av. da Liberdade, 2
 14.00, 16.30, 19.00,
 int. men. 13 anos
THE FRENCH CONNECTION
 às 21.30
 Int. a men. 13 anos
POLÍCIA OU LADRÃO

DOIS MIL

2100055

Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Algas
 Às 15.30, 18 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a
O CÉU PODE ESPERAR
 Amanhã, às 15.30, 18 e 21.30
 Int. a men. 13 anos
BARRACAS NA PRAIA

D. JOÃO V

971794

Praça Centro Comercial - Damaia
 Às 21.15 h.
 - N. ac. men. 13 a
O NAUFRÁGIO

EDEN

320768

P. dos Restauradores, 21
 Às 14.30, 18 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a
 O filme indiano que bateu todos os recordes!
A FORÇA DO PASSADO
 c/ Amitabh Bachchan e Rishi Kapoor

ESTUDIO

555134

Av. Afonso Henriques, 35
 15.30, 18.30 e 21.30 h
 Para todos
 A mais espectacular, a mais extraordinária epopeia de aventuras!
O FACHO E A FLECHA
 Amanhã, às 21.30 h
O FANTASMA DO PARAISO

ESTUDIO 444

779095

Av. Defensores de Chaves, 83
 Estreia, às 21.30
 Não ac. a men. 13 anos
AQUÍ COMEÇA A AVENTURA
 c/ Mónica Vitti e Claudia Cardinale
 Estas duas belas raparigas tinham um estranho encontro marcado e...
 Às 15.30, 18.30
 Não acons. a men. 18 anos
O CÃO 3.ª semana

EUROPA

661016

R. Almeida e Sousa, 35
 15.15, 21.30
 Não acons. men. 13 anos
A BATALHA DE MIDWAY
 Charlton Heston, Henry Fonda, Glenn Ford
 Às 18.15 h
 Não ac. a men. 18 anos
AMOR VIOLENTO

IMPERIO

555134/5

Al. Afonso Henriques, 36
 Às 15.15, 18.30
 - Int. men. 13 a
O SONO DERRADEIRO
 Às 21.30
 Int. a men. 13 anos
POLÍCIA OU LADRÃO

LONDRES

801313

Av. de Roma, 7-A
 Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a
NÃO POSSO PASSAR SEM TI
 c/ Annie Girardot

LUMIAR

Tel. 798298

Calçada de Carriche
 Hoje Noite - 21.30 h
 Não ac. a men. 13 anos
SIDDHARTHA
 com Shashi Kapoor e Simi Garewal
 Sessão da meia-noite às 0.15 h
 Não ac. a men. 18 anos
PRONTO A DISPARAR
 com Ursula Andrews e Marc Porel

MONUMENTAL

555131

P. Duque de Saldanha
 Às 15.15, 18.15 e 21.30 - N. ac. men. 13
DO INFERNO À VITÓRIA
 c/ George Hamilton, George Peppard e Anny Duperey
 3.ª Semana

MONTECARLO

Tel. 681117

A. Pedro Álvares Cabral, 37
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 Não acons. men. 13 anos
O IMPÉRIO DO GREGO
 História de amor que fascinou o mundo
 (Parque de estacionamento privado)
 13.ª Semana

MUNDIAL

538743

R. Martens Ferrão, 12-A
 Hoje às 21.30
 Não ac. a men. 18 anos
O JOGO DOS ABUTRES
 c/ Richard Harris, Richard Roundtree, Joen Collins

NIMAS

574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
 Às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.30
 - Para Todos
JUNLEU RATO MICKEY
 Um filme de Walt Disney

NOVOCINE

840678

Av. General Roçadas, 7
 Hoje às 15.15 e 21.30 h
 Int. a men. 13 anos
 Uma obra-prima de humor e sátira
OS NOVOS MONSTROS
 com: Vítor Gassman e Ornella Muti

ODEON

326283 4

R. Condes, 12 a 20
 Às 15.15, 18.15 e 21.30
 16 int. men. 18 a
 Novidade nas artes marciais
OS DRAGÕES DO KUNG FU

PATHÉ

821933

R. Francisco Sanches, 122
 Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
 Int. a men. 13 anos
 Gene Hackman, Fernando Rey e Roy Schneider
FRENCH CONNECTION
 Os incorruptíveis contra a droga

POLITEAMA

326305

R. Portas de St.º Antão
 Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
 - Int. men. 18 a
HOLOCAUSTO NUM CAMPO NAZI
 c/ Paola Corazzi e Giorgio Cerioni
 2.ª Semana

QUARTETO

R. Flores de Lima, 16

SALA 1: Às 15, 17, 19 e 23
 Não acons. men. 13 anos
KUNG FU À PORTUGUESA
SALA 2: Às 15, 17, 19, 21 e 23
 int. men. 18 anos
AMOR ENTRE MULHERES

RESTELO

610375

Av. Torre de Belém
 15.30, 21.30
 Interdito a men. 13 anos
 Um grande filme de André Cayatte
DUAS JUSTIÇAS
 com Annie Girardot e Bibi Andersson
 5.ª Semana

ROMA

887778

Av. de Roma, Lote JRB
 Às 15.30, 18.30 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a
 Triunfal regresso de Terence Hill com Henry Fonda em
O MEU NOME É NINGUÉM
 Acção e grialhada como nunca se viu!

ROXY

548560

Av. Almirante Reis, 28
 Às 14.30, 18 e 21.15
 - N. ac. men. 13 a
 O filme indiano que bateu todos os recordes!
A FORÇA DO PASSADO
 c/ Amitabh Bachchan e Rishi Kapoor

SÃO JORGE

579144-579344

Av. da Liberdade, 175
 Às 15.15, 18.15 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a
MOONRATER - AVENTURA NO ESPAÇO
 c/ Roger Moore
 5.ª semana

SATELITE

562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
 Às 15, 17, 19 e 21.30
 - N. ac. men. 13 a
UMA LIÇÃO DE AMOR
 Um filme de Ingmar Bergman
 5.ª Semana

STAR

804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
 Às 15, 18 e 21.30 - N. ac. men. 13 a
 Um filme divertido e emocionante
O GRANDE ACIDENTISMO
"MATILDA"
 c/ Elliot Gold e Robert Mitchum

TERMINAL

371573

Estação do Rossio
 Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 - N. ac. men. 13 a
 O último filme de Laurence Olivier
UM PEQUENO ROMANCE
 c/ Laurence Olivier, Arthur Hill e Sally Kellerman

TIVOLI

570595

Av. da Liberdade, 188
 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
 Para todos
 Imaginação! Beleza! Humor!
 Walt Disney Productions apresenta
SE A MINHA CAMA VOASSE...
 c/ Angela Lansbury, David Tomlinson
 Falado em português - Technicolor

VOX

880808

Av. Fr. Miguel Centrais, Lote 879
 Às 15, 18.15 e 21.30 - N. ac. men. 13 a
 O maior festival de música
WOODSTOCK
 c/ Joan Baez, Jimmy Hendrix e «The Who»

ZODIACO

Tel. 578551

Rua Conde de Redondo, 5
 Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30 h.
 (Não acons. a menores de 13 anos)
O NOSSO AMOR DE ONTEM
 com: Barbra Streisand e Robert Redford
 Nos dias 5 e 6 Às 23.45 h.
 sessão especial: **SHAMPOO**, com Warren Beatty e Julie Christie

QUARTETO

R. Flores de Lima,



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

• ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO, 163-171
TELEFONES 211.154-5, 320.717-3, 320.728-3, 322.812

• REDACÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES 211.154-5, 320.717-3, 320.728-3, 322.812

• PUBLICIDADE: 364.741

• SERVIÇO NOTAS (SERVIÇOS DAS 211)

PORTUGAL 37154
MENSAGENS GRÁFICAS 320.728

• INDÚSTRIA TELEGRÁFICA OMNI: 111.111-111
LISBOA PORTUGAL

• DELEGACÃO DO PORTO
RUA DO ALMADA, 38-7 TELEFONES 209.54-5

Aliança EUA-China

Um estudo secreto do Pentágono recomenda que os EUA reforcem militarmente a República Popular da China para que Pequim possa ajudar o Ocidente em caso de guerra com a URSS — hreveia, na sua edição de hoje, o jornal «The New York Times».

Interrogado pelo jornal, um porta-voz do Departamento de Defesa confirmou a existência do relatório, acrescentando, porém, que se tratava de um estudo interno, e que não representava, de modo nenhum, a política daquele Departamento ou do governo de Washington.

O jornal nota que no relatório não se preconiza nenhuma acção específica no sentido apontado, recomendando-se apenas certas etapas possíveis que abrangem o fornecimento a Pequim de tecnologia avançada, de informações e de armas aperfeiçoadas, de exercícios militares conjuntos e a produção na China de armas americanas.

O relatório, que leva em linha de conta o papel-chave da China no equilíbrio mundial de forças, recomenda que os EUA «encorajem as acções chinesas susceptíveis de agravarem os problemas de segurança soviéticos». Por fim, o relatório sugere que, em caso de conflito sino-soviético, os EUA encarem a hipótese de apoiar militarmente Pequim.

ELEIÇÕES INTERCALARES

APU entregou nas instâncias judiciais listas de Lisboa, Viana e Faro

Álvaro Cunhal, seguido por dois outros dirigentes comunistas — Octávio Pato e Carlos Brito — e pelo candidato do MDP/CDE José Manuel Tengarrinha encabeçam a lista da APU pelo círculo de Lisboa às eleições intercalares, ontem entregue no 1.º Juízo Cível da capital. O processo de candidatura foi entregue pelo advogado mandatário da lista, Lopes de Almeida, e pelos candidatos Octávio Pato, Zita Seabra e Marques Pedrosa, do PCP, e António Galhordas, do MDP/CDE.

Também ontem foram entregues na competente instância judicial as listas da APU pelos círculos de Viana do Castelo e Faro, encabeçadas, respectivamente, por Avelino Gonçalves e José Vitoriano, ambos do PCP. Se-guem-se, na lista de Viana, Luís Gonzaga Parente, também do PCP, e Domingos Bezerra, do MDP/CDE, e na de Faro Luís Catarino (MDP/CDE) e Margarida Tengarrinha (PCP).

A UEDS, por seu turno, divulgou ontem, em conferência de imprensa, a lista com que concorrerá pelo círculo de Coimbra às eleições intercalares, encabeçada por Rui Namorado, José Santana Costa e José Barreto Roque.

Entretanto, está já formada a lista dos candidatos socialistas pelo círculo dos Açores, encabeçada por Jaime Gama, Francisco Oliveira e Manuel Serpa. Jaime Gama partiu ontem para Ponta Delgada, onde permanecerá até ao dia 6, a fim de preparar a campanha eleitoral do seu partido no arquipélago.

UDP CONTRA BARREIROS

A Comissão Permanente da UDP sugeriu ontem à noite que o ex-deputado Acácio Barreiros prepare a sua demissão do Conselho Nacional do partido para se empenhar na criação de uma «nova força de esquerda». Em comunicado emitido a propósito de declarações que Acácio Barreiros prestou, na semana passada, à ANOP, a UDP critica duramente o seu militante e adianta que se irá proceder a «um melhor

apuramento do significado» de algumas das suas palavras.

O ex-parlamentar havia dito que nas eleições de 80 «os trabalhadores terão uma força de esquerda capaz de merecer a sua confiança e contribuir efectivamente para a sua unidade abrindo novos caminhos ao País».

«É lamentável», afirma o Secretariado da UDP, «que um membro do Conselho Nacional do partido seja portador de declarações públicas que não só dizem que a UDP não merece neste momento a confiança dos trabalhadores, como essa confiança só pode ser adquirida com a formação de uma outra força para as eleições de 1980.»

«As posições do camarada Acácio», refere ainda o comunicado, visam «objectivamente enfraquecer a imagem pública da UDP» e «são tanto mais lamentáveis quanto se depreende um afastamento progressivo da linha política e da disciplina do partido.»

Ainda no que concerna a UDP, deu já entrada no Estado-Maior do Exército o requerimento do major Tomé, candidato número 1 pela UDP no círculo de Lisboa, solicitando autorização para concorrer às eleições legislativas intercalares. Segundo informação oficial, é provável que o requerimento seja deferido pelas autoridades militares.

FORMADO O ELENCO DE CANDIDATOS DO PS EM TODOS OS CÍRCULOS

O PS divulgou esta manhã o elenco completo dos seus candidatos às eleições intercalares. Facto mais saliente é a ausência de Sottomayor Cardia, que chegou a ser dado como certo na lista de Lisboa. A retirada da candidatura do controverso ex-ministro da Educação assume inequívoco significado interno na correlação de forças que se manifestam no seio dos socialistas.

Como cabeças de lista nos vários círculos, o PS apresenta Mário Soares (Lisboa), Jaime Gama (Açores), Carlos Candal (Aveiro), Azevedo Gomes (Beja), Salgado Zenha (Braga), Bragança Tender (Bragança), Albano Pina (Castelo Branco), Henrique de Barros (Coimbra), Manuel da Costa (Évora), Luís Filipe Madeira (Faro), António José Vieira de Freitas (Funchal), António de Almeida Santos (Guarda), Maldonado Goncalves (Leiria), Júlio Miranda Calha (Portalegre), António Macedo (Porto), António Reis (Santarém), Herculano Pires (Setúbal), Tito de Moraes (Viana do Castelo), Montalvão Machado (Vila Real), João Lima (Europa), Sousa Gomes (Viseu), Pedro Amadeu de Albuquerque Santos Coleho (Fora da Europa e Macau).

Outros nomes pelo círculo de Lisboa:

Teófilo Carvalho dos Santos, Vicotr Constâncio, Jorge Sampaio, Jalberto Arons de Carvalho, João Gomes, Francisco Marcelo Curto, Joaquim Catanho de Meneses, Teresa Ambrósio, Rudolfo Crespo, Aquilino Ribeiro Machado, Edmundo Pedro, José Leitão, Gualter Basílio, Igrejas Caeiro, José Manuel Galvão Teles, Luís Cid, Sérgio Simões, Herlander Estrela, Alfredo Barroso, Etelvina Lopes de Almeida, Nuno Braderode dos Santos, Mário Nunes da Silva, Dieter Dellinger, etc.

Pelo círculo do Porto, candidatam-se, entre outros, Maria Barroso, Rui Vilar, José Luís Nunes, Carlos Lage, José Gomes Fernandes, Manuel dos Santos, Fernandes da Fonseca, Maria Emília de Melo, Gomes Carneiro, Armando Bacelar e Beatriz Cal Brandão.

Outros nomes destacados nas listas do PS: Avelino Zenha e Amadeu Cruz (Aveiro), Luís Caidito (Beja), Raul Rego, (Braga), António Guterres (Castelo Branco), António Amaut, Manuel Alegre e António Campos (Coimbra), Florêncio Matias (Évora), António Esteves e Luís Salas (Faro), Rui Mateus (Leiria), Trigo de Abreu (Portalegre), Manuel Ferreira Lima, José Niza e José Mendes Godinho (Santarém), Eduardo Pereira, Alberto Antunes, João Cravinho e Palma Inácio (Setúbal).



Morreu Nicos Poulantzas

O sociólogo marxista Nicos Poulantzas faleceu ontem, subitamente, na sua residência, em Paris. Contava 43 anos de idade. Nascido em Atenas, Poulantzas tinha chegado a França em 1960. Refugiado político de 1967 a 1974, foi professor de Sociologia na Universidade de Paris e na «Escola crítica de Altos Estudos». Publicou em França, quatro livros: «Fascismo e Ditadura» (1974), «As classes sociais no marxismo de hoje» (1976), «A crise das ditaduras» (1976) e «O Estado, o Poder, o Socialismo» (1978).

Redacção do «DL» protesta contra agressão a jornalista

Foi com profunda inquietação que os jornalistas hoje de serviço no «Diário de Lisboa» tomaram conhecimento da agressão e insultos de que foram alvo dois colegas seus de «O diário», quando ontem se encontravam em serviço de reportagem em Montemor-o-Novo, por altura da atribuição de uma reserva agrícola. É francamente revoltante que os factos então ocorridos, e que envolvem crimes previstos e punidos pela lei penal (injúrias, ofensas corporais, tentativa de furto, dano), além de flagrante obstrução ao exercício da liberdade de imprensa legalmente consagrada, tenham passado «desapercebidos» aos elementos das forças da ordem que a eles passivamente assistiram. Não menos inquietante será o facto de alguns desses mesmos elementos terem dado a sua participação em matéria de insultos e prepotências. A convivença democrática no nosso país não pode continuar a ser envenenada por acções deste teor, pelo que só se pode esperar dos órgãos do Poder o imediato apuramento de responsabilidades e a aplicação das competentes sanções. Eduardo Lobo, Lourdes Féria, Manuela Alves, Alice Nicolau, Pedro Alvim, Fernanda Mestrinho, Eduardo Rebelo, Ernesto Sampaio, Rodrigues Borges, Manuel Geraldo, Francisco Vale, José Cerejo, José Vilela, Eugénio Alves, Augusto Vilela, José Manuel Nunes, Rogério Rodrigues, Manuel Anta, Manuel de Azevedo e Rui Pacheco.

ANES EM FRANÇA

Cinco encontros com Giscard

Cinco encontros em três dias com o presidente da República Francesa, Valéry Giscard d'Estaing, terá o Presidente da República Portuguesa, gen. Ramalho Eanes durante a sua visita oficial a França de 8 a 11 do corrente.

Ramalho Eanes, acompanhado da esposa e de vasta comitiva chegará a Paris ao princípio da tarde do próximo dia 8, tendo a recebo-lo no aeroporto de Orly o próprio Giscard d'Estaing.

Seguidamente, e após as cerimónias protocolares, os dois presidentes e suas esposas dirigir-se-ão para o palácio de Marigny, residência do general Ramalho Eanes durante a sua estada em França, onde decorrerá a cerimónia, sempre habitual nestas ocasiões de troca de presentes. Pouco depois, terá lugar o primeiro encontro privado entre os dois chefes de Estado.

Da parte da tarde, Ramalho Eanes receberá em Marigny, o secretário-geral da OCDE, realizando-se à noite no «Grand Trianon», o jantar oficial oferecido por Giscard d'Estaing em honra do Presidente da República Portuguesa e senhora Ramalho Eanes, após o que haverá uma recepção. Saliente-se que neste jantar participarão, a convite do presidente francês, vários portugueses radicados em França, tais como o ex-benfiquista João Alves actualmente ao serviço da equipa parisiense Paris-St. Germain, e outras personalidades francesas ligadas aos meios artísticos e culturais franceses.

Na manhã de dia 9, o Presidente da República Portuguesa receberá uma representação

das Associações da Comunidade Portuguesa residente em França, colocará uma coroa de flores no túmulo do soldado desconhecido, no Arco do Triunfo, e visitará o Centro Cultural Português da Fundação Gulbenkian. Será depois recebido no «Hotel de Ville» de Paris, onde haverá uma sessão de boas-vindas. Refira-se que, na ocasião, Ramalho Eanes terá conversações com o ex-primeiro-ministro francês e actual «maire» de Paris, Jacques Chirac.

Seguidamente, realizar-se-á em Matignon, residência oficial do primeiro-ministro francês, o almoço oferecido em honra do gen. Ramalho Eanes e esposa pelo primeiro-ministro Raymond Barre e esposa.

No início da tarde decorrerá o segundo encontro privado entre Ramalho Eanes e Valéry Giscard d'Estaing, encontro esse que será posteriormente alargado às comitivas respectivas. Uma vez terminadas estas conversações, Ramalho Eanes receberá, em Marigny, os funcionários portugueses que trabalham nas diversas representações portuguesas existentes na região de Paris. À noite, o Presidente da República oferecerá na Embaixada de Portugal, um jantar em honra de Giscard d'Estaing e esposa.

Na manhã de dia 10, o Presidente da REPÚBLICA VISITARÁ AS FÁBRICAS Renault em Flins e receberá, em audiência, os dirigentes do Centro Nacional do Patronato Francês, após o que se realizará um almoço privado, entre os dois presidentes, no Palácio do Eliseu. Da parte da tarde, Ramalho Eanes receberá dirigentes políticos

e sindicais e encontrar-se-á, no Pavilhão de La Villette, com a comunidade portuguesa residente em França.

Após uma Conferência de Imprensa, o Presidente da República e sua comitiva deixarão Paris, na manhã de dia 11 de Outubro, sendo acompanhados ao aeroporto de Orly pelo primeiro-ministro francês, Raymond Barre.

A comitiva oficial que acompanhará o Presidente da República Portuguesa a França inclui para além do ministro dos Negócios Estrangeiros, Freitas Cruz, conselheiro da Revolução, Costa Neves, ministro da Coordenação Económica, Correia Gago, ministro da Indústria e Tecnologia, Marques Videira, ministro da Educação, Veiga Cunha, secretário de Estado da Emigração, Víçoso Neves, presidente da Comissão de Integração Europeia, Pires de Miranda, e outras entidades oficiais, o presidente da Administração da RDP, Soares Louro e o director do «Diário de Notícias», Mário Mesquita.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

- 1.º 16 356 — 30 000 contos
- 2.º 57 000 — 6 000 contos
- 3.º 59 291 — 3 000 contos

O 2.º prémio foi vendido aos balcões da Casa da Sorte

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - PORTO - COIMBRA - BRAGA - SETUBAL - FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

- | | |
|----------|-------------|
| 16.355 - | 380.400\$00 |
| 16.357 - | 380.400\$00 |

PRÉMIOS DE 60 CONTOS

611; 935; 1.241; 3.504; 5.400; 5.922; 10.541; 11.509
13.406; 13.587; 14.227; 16.339; 17.063; 21.622; 23.329; 26.622
27.835; 28.745; 29.073; 31.170; 32.357; 32.440; 33.584; 34.344
34.817; 35.048; 36.736; 39.330; 40.806; 42.564; 43.263; 45.918
48.727; 48.822; 49.988; 50.386; 52.352; 53.876; 54.205; 55.240
55.694; 55.778; 57.801; 58.797 e 61.218

PRÉMIOS DE 4.800\$00 (CENTENAS)

16.301 a 16.400; 56.901 a 56.999; e 59.201 a 59.300

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três algarismos finais sejam 336 são premiados com 14.400\$00, em cada bilhete, bem como os terminados em 356 (três algarismos finais do 1.º prémio); com 12.000\$00 os terminados em 092, 108, 245, 280, 360, 533, 569, 891 ou 908; os terminados em 000 ou 291 são também premiados com 12.000\$00 (três algarismos finais dos 2.º e 3.º prémios). Por sua vez, os números cujos dois algarismos finais sejam 17 ou 37 são contemplados com 6.000\$00. Os restantes números cujo último algarismo «termina» seja 6 têm direito ao prémio de 2.400\$00, também em cada bilhete. O direito aos prémios prescreve no próximo dia 7 de Abril.

ESTA INFORMAÇÃO NÃO DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

CURSOS 79-80

cial

CENTRO DE LÍNGUAS

— INSCRIÇÕES ABERTAS —

FRANCÊS • INGLÊS • ALEMÃO • RUSSO

PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

Av. da República, 14 — Tel. 53 37 33

Teatro Musical 1979

“Operas-minute” no Festival da Holanda

Mário Veira de Carvalho

Relâche, o «ballet instantaneísta» de Picabia, com música de Satie, coreografia de Borlin e entreacto cinematográfico de René Clair, não preenchia a totalidade do espectáculo do Festival da Holanda em que foi apresentado na sua primeira reconstituição depois da estreia em 1924. Precediam-no uma série de **opéras-minute** de Darius Milhaud e Hindemith, além de uma peça de Satie, cujo protagonista era o próprio Satie (ou melhor: um actor que assumia o seu papel).

As **opéras-minute** (a expressão é de Milhaud) nasceram do mesmo movimento anti-wagneriano que caracteriza a música francesa das primeiras décadas deste século, na linha estética definida por Jean Cocteau no manifesto **Le Coq et l'Arlequin** e levada à prática mais sistemática e talvez mais conscientemente, depois de Satie, pelo Grupo dos Seis, que arvorava o autor de **Parade** (cognominado «Príncipe dos Músicos») em seu patrono.

Não era um fenómeno apenas francês esse de reagir ao peso da herança wagneriana (até certo ponto assimilada por Debussy, de uma forma profundamente original, no **Pelléas**) através da dissolução subversiva dos valores que aquela mais exaltava. Prova-o a participação, no movimento, do compositor alemão Hindemith, empenhado aliás num projecto de despojamento neoeclassico, de feição construtivista, próximo do do Grupo dos Seis. Em **Hin und Zurück**, de Hindemith, temos a sátira da

própria ideia de ópera, com a rápida sucessão de certas situações típicas (melodramáticas), seguida, por construção em espelho, do percurso em sentido inverso: daí o título «Para a frente e para trás». Em menos de 14 minutos assistimos a uma declaração passionnal, à descoberta de uma «traição» amorosa, a um desgosto de amor, a um suicídio, ao desmaio da «bem-amada», ao seu rápido socorro pelo piquete médico de serviço e... ao inverso de tudo isso (como num filme projectado do fim para o princípio). (**Hin und Zurück** foi representada em Portugal em 1969, no âmbito de um dos Festivais Gulbenkian).

Partiu de Hindemith o convite a Milhaud, em 1927: «Escreve uma ópera tão curta quanto possível». Assim nasceu **L'Enlèvement d'Europe**, com a duração «record» de nove minutos. Pressionado pelo editor, Milhaud escreveria mais duas **opéras-minute** para constituírem com aquela, uma trilogia: **L'Abandon d'Ariane** e **La Délivrance de Thésée**. No total, as três óperas ficariam com a duração de vinte e sete minutos! As duas últimas abriam este espectáculo do Festival da Holanda: cenas curtas; o discurso dramático-musical quebrado por árias, duetos, números concertantes; a acção vertiginosa, caricaturada nos seus elenos míticos essenciais; em suma, a sátira das convenções da ópera que à custa das lendas clássicas que outros (a começar por Wagner...) tinham levado tão a sério. Aqui, como na ópera de Hindemith, não mais do



O Abandono de Ariana, de Darius Milhaud

Cinema de Paris “Clair de Femme”

José Augusto França

«Claire de Femme» como quem diz «Clair de Lune» — luar envolvente e misterioso no romantismo agreste deste filme de Costa-Gravas que deve muito ao argumento de Romain Gary e à sua personalidade aventureira e cabotina. Como muitíssimo deve a Yves Montand e algo também a Romy Schneider, que encarnam uma estranha história nocturna, «marivaudage» trágica, no entrelaçar de dois destinos que afinal o não são. E ainda um elemento exterior veio inserir-se no filme, ou na sua leitura, que foi o suicídio de Jean Seberg, ex-mulher do argumentista, que, em depressão nervosa, como logo contaram os cronistas, se matou após ter ido ver o filme recém-estreado.

Às duas depressões do argumento juntou-se mais esta, num curioso efeito de reciprocidade de que é, tantas vezes, feita a magia do cinema, ou a sua mitologia. No filme, a mulher de Montand matou-se, para sair duma doença incurável, com acordo dele que deve partir para longe, a esquecer o acontecido: mas não parte porque encontra — desencontra Romy afligida pela morte duma filha num acidente que lhe inutilizou o marido. Pelo meio, um domesticador de cães sábios que irá morrer em breve, do coração cansado — figura-espelho dos destinos alheios.

E o meio russo-branco do marido de Romy, irreal na sua teatralidade aristocrática e decadente. Decadente também — como o universo habitual de Romain Gary, tingido de uma metafísica fácil, salva por achados de diálogo. Algo de Carné-Prévert trazido a outra classe e a outro tempo que é menos o nosso que o do próprio Romain Gary e da sua retórica de anos 50, transparece neste filme um tanto irritante e um tanto fascinante, pelo humor negro e pela

romântica imaginação. De Yves Montand, trata-se talvez da melhor interpretação, de actor em plena posse dos seus meios dramáticos e duma personalidade que o cinema tem mitificado em cólera e em sofrimento, em revolta — e no machismo da sua própria geração. «Clair de Femme»

ilumina-o como uma esperança vã, sobre a qual o filme necessariamente acaba. Resta Costa-Gravas, o realizador do «Z» que abandonou toda a responsabilidade política por esta hábil e torturosa história de amor e de solidão, divertimento não só, mas também...

que cinco elementos em cena e uma orquestra da ordem dos trinta instrumentistas.

Le Piège de Meduse, estreada em 1921 no Théâtre Michel, em Paris, juntamente com a peça **Le Gendarme incompris** de Cocteau e do malogrado Raymond Radiguet (porventura o mais jovem escritor representado na Antologia Dada de 1919), revela-nos um Satie dramaturgo, que honra o sentido de humor e o estilo «non-sense» dos seus melhores escritos. A acção é interpolada por trechos musicais do mesmo Satie onde domina o propósito de satirizar a opereta, recuperar o «café-concerto», e jogar com os mais banais «clichés» da tradição tonal. Além de Satie em

Pessoa (em 1921 figurado pelo actor Pierre Bertin, aqui pelo actor holandês Carol van Herwijen), evoluía no palco, entre outras personagens, o macaco Jonas, dançando os «interlúdios» musicais e interferindo com o público.

Responsáveis por este conjunto de espécimes do teatro musical dos anos vinte, articulados com sentido de ritmo cénico e unidade de estilo, foram, no Festival da Holanda, o encenador Eddy Habbema, o coreógrafo Jochen Ulrich, o cenógrafo e figurinista Rudolf Corense o chefe de orquestra Reinbert de Leeuw. Na base do elenco de actores e de instrumentistas a Knete Kompanie Köln e a Het Nederlands Kamerorkest.

Arlo Guthrie e McDonald:

Em Cascais uma outra América

Este fim-de-semana, no Pavilhão de Cascais, o público jovem poderá tomar contacto com dois dos mais representativos intérpretes da canção de protesto norte-americana, Arlo Guthrie e Country Joe McDonald. Eles mesmos, inseridos numa actividade cultural e política contra o «establishment» americano, mais não representam do que dias das vozes mais acutilantes e mordazes que, em 1969, estiveram presentes no grandioso FVESTIVAL DE Woodstock, nos Estados Unidos. E, de tantos festivais que em Portugal se vêm fazendo nos últimos tempos, tantos deles destituídos de uma vincada qualidade tão necessária e exigida

pela malta nova, este acontecimento quanto a nós reveste-se sobretudo de uma notória importância. Não só por se tratar de dois autores — intérpretes de cunho verdadeiramente militante, mas sobretudo pelo apurado gosto estético da música que eles habitualmente praticam. Saliente-se que, enquanto o filho de Woody Guthrie se tem notabilizado pela feitura de importantes trabalhos como «Alice's Restaurant», Country Joe McDonald, além da sua tãt afincada defesa à causa ecológica (o que não deixa de se nos afigurar como notável e representativo para um cantor que, nos últimos tempos, tem

consagrado algum do seu talento e do seu trabalho insurgindo-se contra o gradual genocídio de animais marinhos como as baleias) é um intérprete que não raras vezes, e ao longo de um já tão assinalável leque de álbuns, muito tem contribuído para a dignificação e divulgação da música popular que se vem praticando no seu país.

Para quem alinha com o «punk-rock» ou com a «new wave» batida, proveniente de Londres ou de Nova Iorque, estes músicos não terão decerto muito a dizer. Mas há um outro público, imenso, a quem eles querem transmitir algo.

M. C. M.



DE 4 A 11 OUTUBRO DE 1979

TEATRO PARA A INFÂNCIA

O teatro infantil, que sofreu um grande desenvolvimento após o 25 de Abril, vai estar em particular destaque nestes Circuitos Paralelos. E os dois acontecimentos programados para este mês merecem-no. Em Leiria, já amanhã, e até dia 14 de Outubro, vai decorrer, no auditório do orfeão daquela cidade, o I Encontro de Teatro para a Infância. O programa abre no «Dia da República», às 11 horas, com «O Farruncha» do Grupo de Teatro para a Infância do Orfeão de Leiria. No mesmo dia, só que às 16 horas, o GT da Associação C.D. Paradense (Chão de Parada) apresentará «As Brincadeiras». À noite, a partir das 21 horas, haverá um debate sobre o «Teatro para a Infância e para a Comunidade». No dia seguinte, às 16 horas, «Os Risotas» do Clube R. Lis e Lena (Moinhos da Barosa) apresentam a «Descoberta do Brinquedo». Às 21 horas haverá debate sobre «Teatro para a Infância e a Escola». No dia sete, «A Teia» (Nazaré) apresenta às 11 horas «Pilantra e Cantochão dão cabo dum ladrão»; às 16 horas, «Macaco Simão apresenta... Fantoches» pela Companhia Macaco Simão (Leiria); às 17 horas, as crianças podem ver o «Mestre Tolinhãs» pelo grupo de animação para a Infância-Unidos (Casal dos Claros). No dia 13 às 11 horas apresenta-se o Teatro Amador de Pombal; às 16 horas é o regalo do «Pêdepalhaço» pela cooperativa de animação cultural «Comediantes» (Leiria). Às 21, mais um debate em torno duma questão: «Que Teatro para a Infância?». No dia 14, o último do Encontro, haverá «ateliers» práticos, a partir das 10 horas. O programa: expressão dramática e o teatro para a Infância, orientado pelo prof. António Nóvoa; a música e

o teatro, orientado por Quitó, animador musical; a utilização de material, orientado por Francisco Baião, cenógrafo; abordagem do orientado por Carlos Fragateiro, professor do Movimento e Drama e, como os leitores de boa memória devem recordar, uma das «vedetas» da «Visita da Cornélia». Este encontro, inédito no distrito de Leiria, é organizado pelo CPTIJ (Centro Português de Teatro para a Infância e Juventude), em colaboração com a Casa de Cultura da Juventude de Leiria, do Orfeão de Leiria, da Direcção-Geral da Acção Cultural e da cooperativa de animação cultural — «Comediantes».

Infantil e Internacional

A «Unidade-Infância do Centro Cultural de Évora vai organizar ainda este mês, de 21 a 28, o I Encontro Internacional de Teatro para a Infância, que decorrerá no Teatro Garcia de Resende, sede do CCE. Serão apresentados espectáculos de oito grupos convidados, quatro nacionais (dois profissionais e dois amadores) e quatro estrangeiros (França, Polónia, Checoslováquia e Roménia). Para lá dos espectáculos foram organizadas duas jornadas de trabalho sobre «problemática do teatro para a infância» e «a expressão dramática na Educação». Para professores de Movimento e Drama das escolas do Magistério Primário decorrerá também um seminário orientado por Jean Pierre Ryngart. A Direcção-Geral do Ensino Básico presta a sua colaboração. Esta iniciativa da Unidade-Infância do Centro Cultural de Évora tem o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, do serviço das relações culturais e internacionais da Secretaria de Estado da Cultura e da Câmara Municipal de Évora.

CERÂMICA NO PORTO

Na Livraria «Bento de Jesus Caraça/Erva Daninha», do Porto, está aberta ao público até ao dia 20 uma exposição do ceramista Mistério que, juntamente com a já falecida Rosa Ramalho, Rosa Cota e Rosa Baraça faz parte do grupo dos mais conhecidos ceramistas de Barcelos. Projecta ainda aquela livraria promover mais uma série de exposições que culminarão em Dezembro com a segunda exposição e venda do Brinquedo e Livro Infantil e Juvenil.

ARRAIÓLOS NO BALAIÁ

Até 29 do corrente os tapetes de Arraiolos são atracção na Galeria do Hotel Balaia, no Algarve. Estão expostos cerca de 30 exemplares de tapetes dos séculos XVII, XVIII e XIX. Podem ser visitados das 10 às 24 horas. Já anteriormente, exposição idêntica estivera na galeria de Arte do Casino do Estoril. Não é só a divulgação de um artesanato muito rico que está em causa mas também, se virmos os locais onde os tapetes são expostos, uma possibilidade de se transformarem em metal sonante e permitirem um maior desenvolvimento desta indústria artesanal em crise.

FOTO EFACEC

A casa do pessoal da EFACEC acaba de organizar a sua IV exposição fotográfica. Pode ser visitada até ao dia 12 de Outubro, de segunda a sexta, das 13 às 14 horas, e das 18 às 19 horas. No dia 9, pelas 18 horas, Alfredo Cunha, repórter fotográfico da Anop, fará uma projecção dos seus diapositivos.

OS CCT NA GULBENKIAN

Está patente ao público na Fundação Gulbenkian, desde o passado dia três, uma exposição em torno de «Bramão e outros inventores portugueses no Museu dos CTT/TLP». A iniciativa pertenceu aos CTT/TLP.



O Teatro do Nosso Tempo continua todos os fins-de-semana e feriados a apresentar no seu teatro da Praça José Fontana a peça extraída de um conto tradicional japonês, «Yuzuru, a Grua do Entardecer». O título é poético e o espectáculo para todos — crianças e adultos.

FOTO-IMAGEM EM MIRAGAIA

Encontram-se abertas as inscrições para o concurso de foto-imagem da Associação de Moradores de Miragaia, cujo regulamento se encontra na sede da cooperativa «Árvore», à Rua Azevedo de Albuquerque, 1. O prazo de entrega termina no dia 15 de Outubro. Existem três prémios para os primeiros classificados.

GERÊS EM COIMBRA

No edifício do Chiado em Coimbra encontra-se bem à vista do público, pelo menos até ao próximo dia 13, a exposição fotográfica «Parque Nacional da Peneda-Gerês». A organização da exposição cabe

à Associação Fotográfica do Porto e a sua apresentação em Coimbra deve-se ao Centro de Estudos de Fotografia da Associação Académica de Coimbra.

ROMÉU PROCURA-SE

O TAS (Teatro de Animação de Setúbal) está a pensar em levar à cena, no próximo Verão, nos claustros do Museu da Cidade, uma versão do «Romeu e Julieta» de William Shakespeare. Para tal o TAS pôs-se já à procura de um jovem (profissional de teatro ou não) de idade compreendida entre os 16 e os 20 anos, que poderia ser chamado a desempenhar o papel de Romeu. As propostas devem ser enviadas para o TAS (Teatro de Animação de Setúbal),

Museu da Cidade de Setúbal, mencionando idade, morada, profissão e uma fotografia. As candidaturas serão aceites até ao dia 15 de Novembro.

TNT com «Grua»

Todos os fins-de-semana e feriados a equipa de Teatro do Nosso Tempo, representa na Praça José Fontana, 12-B, pelas 17 e 30, o seu espectáculo, que é para crianças e também para adultos — «Yuzuru, a Grua do Entardecer». Trata-se de um conto tradicional japonês teatralizado por Junji Kinoshita.

NERUDA PELO «KOMSMOL»

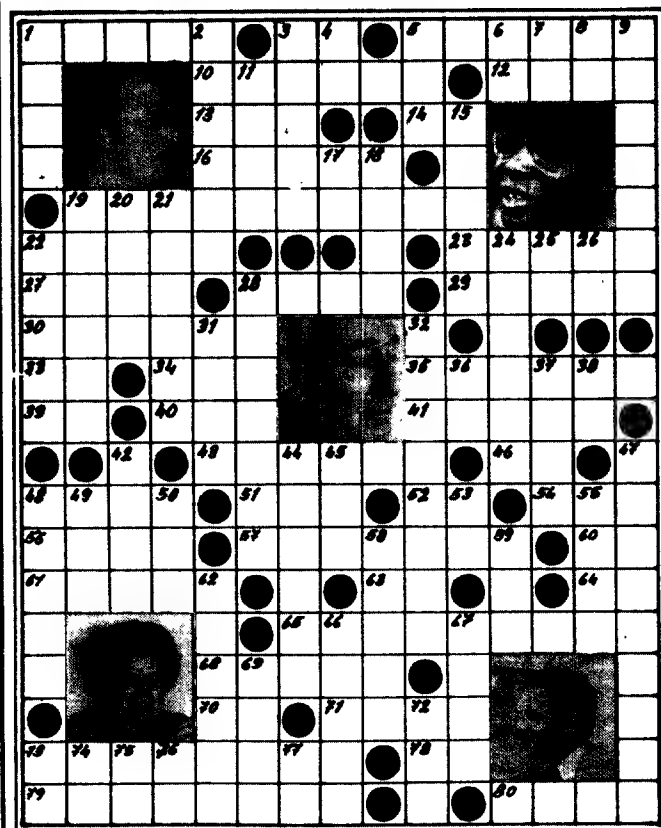
Hoje, a partir das 21 e 30, no Teatro Municipal de S. Luís, pode ver um espectáculo que promete e susceptível de trazer algumas surpresas (pelo menos cénicas) — a versão musical da cantata de Pablo Neruda, «Estrela e Morte de Joaquim Murieta» pelo Teatro Komsomol Leninista de Moscovo. A iniciativa cabe à CGTP-IN.

GRADE NO MIC

Vai haver poetas ou criadores de versos (como queiram), hoje, às 21 e 30 horas, na Sociedade Filarmónica Palmense. A iniciativa é do Movimento de Intervenção Cultural (MIC) e os poetas do recital/colóquio, Fernando Grade, Filipe Palma dos Reis e Jorge Monteiro Pereira que, deste modo, lançam o seu livro colectivo «Viola Delta IV». Mas Grade dirá ainda mais poemas dos seus últimos livros individuais «Serenata ao Diabo», «Saudade Sábia» e «O Vinho dos Mortos» (dedicado a Agostinho Neto). Uma curiosidade: «vinho dos mortos» é também uma qualidade de vinho — ótima, com garantia de experiência feita — oriunda da tansmontana Boticas. Regressando ao «fait-divers» (para) poético — no final, os três autores orientarão um colóquio sobre poesia moderna. A entrada é livre.

ROGÉRIO RODRIGUES

palavras cruzadas



HORIZONTAIS

1, 3, 5, 19 Quando na sua estada nos Estados Unidos, este nosso primeiro-ministro falou na ONU e, avistou-se com o Papa João Paulo II e

Cyrus Vance; 10 Bostela; 12 Máquina (fig.); 13 Medida de líquidos da Holanda Alemanha e Suíça; 14, Batráquio; 16 Espécie de forragem do Brasil; 22 Possuiria; 23, 35 Este nosso ministro das Finanças votou contra o aumento do SMN; 27 Leva à sirga; 28, 43 É o presidente do Governo Regional dos Açores e encabeça a lista dos candidatos do PSD, pelo círculo dos Açores, às eleições intercalares; 29, Praia; 30 Entregai; 33, Nessa altura; 34, Freguesia do concelho de Penafiel. (inv.); 39 Prefixo de negação; 40, Fruto da ateia; 41 Palmeiras da Amazônia; 46 Prefixo de privação; 48, 61, 73 Este famoso escritor e homem de esquerda, será um dos nomes que integrará a lista da APU, a destacar nas eleições intercalares; 51 Rio da Sibéria; 52 Artigo definido; 54, Antiga medida espanhola de comprimento; 56 Preguem; 57 Região da Palestina, entre a Galileia e a Judeia; 60 Antigo Testamento; 63 Basta; 64 Duas consoktes desiguais; 65, 80 Maria Barroso e Manuel Alegre, participaram na homenagem que o PS promoveu à memória deste falecido chefe de Estado angolano lendo poemas do mesmo; 68 Aparelho de ginástica; 70 Reis; 71 Caixão funerário; 78 Érbio (s.q.); 79 Misturais.

VERTICAIS

1 Nome árabe do Egipto; 2 Acarreta (pop); 3 Dominas; 4 Pertences; 5 Pátria; 6 Estrépio de desmoronamento; 7 Doutor; 8 Espera deferimento; 9 Estado da África ocidental, ao Sul do rio Senegal; 11 Fronteira; 15 Velha; 17 Níquel (s.q.); 18 Trono imperial da Etiópia; 19 Marechal da França, chefe do Estado francês instalado em Vichy durante a ocupação alemã, foi condenado à morte em 1945, mas teve sua pena comutada em prisão perpétua na ilha de Yeu; 20 Enguias; 21 Antigo nome do lago Malawi; 22 Cerca; 24 Computara; 25 Interjeição que exprime espanto, surpresa ou admiração, 26 Freguesia do concelho de Ponte de Lima; 28 Observamos; 31 Canoa de casca de árvores com a proa e a popa achatadas; 32 Aguçaras; 36 Rádio (s.q.); 37 Romance de Emílio Zola; 38 Césio (s.q.); 42 Empreguem; 44 Agitar; 45 Viscera dupla; 47 Herói grego, amigo de Aquiles, a quem acompanhou durante o cerco de Tróia; 48 Ser perito em; 49 Rogo; 50 Nome de letra; 53 Nota musical; 55 Cidade de Inglaterra; 58 Levar a reboque; 59 Acrecentando uma vogal é, rei de Judá; 62 Terçados; 66 Guindastes; 67 Maquinismo para tecer; 69 Uma das partes do Mundo; 72 General de Napoleão; 73 Nota musical; 74 Preposição; 75 Nome que os Egípcios davam ao Sol; 76 Reis; 77 Medida itinerária do Japão.

SOLUÇÃO

VERTICAIS

1 Mist; 2 Acarta; 3 Domas; 4 És; 5 Lar; 6 Ru; 7 Dr; 8 ED; 9 Senegal; 11 Riia; 15 Anosa; 17 Ni; 18 Alga; 19 Pélan; 20 Irós; 21 Naissa; 22 Tapa; 24 Orçara; 25 Uel; 26 Sa; 28 Miramos; 31 Aatá; 32 Afimaras; 36 Ra; 37 Fa; 73 Fa; 74 Em; 75 Ra; 76 RS 77 Rícolo; 48 Jogar; 49 Oro; 50 Eme; 53 Si; 55 Bath; 58 Atoar; 59 Abi; 62 Sabres; 66 Gruas; 67 Tear; 69 Ásia; 72 Ni; 73 Fa; 74 Em; 75 Ra; 76 Rs; 77 Ri.

HORIZONTAIS

1, 3, 5, 19 MARIA DE LURDES PINTASILGO; 10 Crosia; 12 Urde; 13 Am; 14 RA; 16 Riana; 22 Teria; 23, 35 SOUSA FRANCO; 27 Aoa; 28, 43 MOTA AMARAL; 29 Areal; 30 Passai; 33 Ai; 34 Rás; 39 In; 20 Ata; 41 Iaras; 46 An; 48, 61, 73 JOSÉ GOMES FERREIRA; 51 Obi; 52 As; 54, Aba; 56 Orem; 57 Samaria; 60 AT; 63 Ta; 64 Tr; 65, 80 AGOSTINHO NETO; 68 Barra; 70 Rs; 71 Urna; 78 Er; 79 Amassais.



Jazz de vanguarda em Setúbal

À beira do Sado se (d)enunciou onde começa o futuro do Jazz

Quem se interessa verdadeiramente pelas mais vanguardistas expressões estéticas do jazz contemporâneo teve a oportunidade de assistir, no último fim-de-semana em Setúbal, a um acontecimento inesquecível, o «1 Festival de Jazz Contemporâneo» daquela cidade. E de tal maneira foi espectacular esta «arrojada» manifestação de arte, que aí se apresentaram algumas das mais inovadoras fórmulas por que se vem guindando já nos nossos dias, este campo musical. Saliente-se assim que, do «moog-sintetizador» (uma espécie de computador de sons), de Teitelbaum aos mais sofisticados aparelhos sonoros (fabricados caseiramente e com os mais variados materiais), do compositor britânico Hugh Davies, tudo serviu para produzir a mais variada gama de sonoridades.

E foi realmente uma maratona. Um espectáculo que se prolongou por dois dias, com mais de cinquenta músicos participantes, que quase ininterruptamente «vomitarão» experimentalismos sonoros (a maioria deles) entre as três da tarde e as três da manhã. Foi uma verdadeira «desbunda artística». E, depois de tocarem, esses mesmos músicos, aprendizes, inovadores e «feiticeiros de sons tantas vezes inauditos» vinham para o meio da assistência, para também eles se deliciarem com o espectáculo que os outros — todos os outros (incluindo uma certa parte do público) faziam. Escusado se torna dizer que o Pavilhão do Naval foi o cenário de um verdadeiro confronto dos novos ou dos «revolucionários» do «jazz» se preferirem. E embora a sala nem sempre estivesse a «abarrotar de público» — muita gente saía de vez em quando para comer uma sandes, improvisar um piquenique ou apanhar um pouco de ar fresco — o que é certo é que a juventude acorreu a esta manifestação dando uma nota de presença de certa monta. Só que, a organização deste certame — possivelmente pelo cunho demasiado ambicioso que havia dado à sua realização com a participação de tantos músicos — carecia de muito mais público a fim de que, num plano comercial, pudesse ao menos cobrir as despesas. E ao que nos foi comunicado por uma das pessoas responsáveis pelo Festival, a receita de bilheteira mal tinha dado para metade das despesas. Havia alguns apoios é certo, mas mesmo esses eram mais do que insuficientes e dali iria resultar um assinalável descalabro financeiro. Assim, se para o ano houver II Festival, terá de ser repensada toda a estrutura financeira bem como — e o que se torna possivelmente como o mais aconselhável — reduzir o tão elevado número de artistas que este ano se deslocaram a Lisboa. Passe embora a boa intenção de toda a equipa organizativa, mas ficou mais que comprovado do que uma «festa mundial do jazz», desta envergadura, torna-se incompatível (ainda) para o nosso país.

PRIMEIRO DIA DE ESPECTÁCULO O TRIUNFO EXUBERANTE DE LUBAT

Como diz o velho rifão do nosso povo, muitas vezes os últimos são os primeiros. E foi realmente o que aconteceu no primeiro dia do Festival que tinha programado, para actuar em último lugar, a «Compagnie Lubat», que recebe o nome do exímio percussionista francês Bernard Lubat. Só que, e

mesmo que pareça estranho, depois das duas da manhã (já de domingo) e contra toda uma intensa apresentação de grupos que já vinha desde as três horas da tarde, o público acolheu de uma maneira, quase diríamos esuficiente, a actuação brilhante daquela companhia de músicos franceses. Saliente-se, deste modo, que a «Compagnie Lubat» é formada pelos seguintes músicos: Bernard Lubat (bateria, sintetizador e acordeon); Jacques DiDonato (sax-alto, clarinete baixo); Norbert

Manuel Cadafaz de Matos

que, gordíssimo e de guitarra eléctrica às costas, voltava «rabo» (que uma vez chegou a desnudar integralmente) à multidão. Ele mesmo, de uma outra vez, veio para o meio da assistência e tirando a máquina a um fotógrafo, começou ele mesmo a retratá-lo.

Mas injustos (e limitados) seríamos se, nesse primeiro dia, falássemos

A GRANDIOSIDADE DO ESPECTÁCULO DO PERCUSSIONISTA PAUL MOTION

Com efeito, seguindo-se a Evan Parker, um notável sax-soprano que veio da Grã-Bretanha (e de quem em breve muita gente irá falar neste campo jazzístico dada a sua elevada qualidade técnica), actuou o grupo



As componentes do «Feminist Improvising Group» num momento da sua actuação

Letheule (actor); Patrick Auzier (pirotuba e trombone); Bob Guérin (contrabaixo); Sylvain Melchy (dança); e Dominique Chaloube (igualmente dança). Estes músicos souberam, antes do mais, dar uma espécie de «reviravolta» ao conceito habitual de espectáculo, seja ele de «jazz» ou de que espécie for. E logo que apareceram em palco os membros da «Compagnie Lubat» denunciavam, pela sua caracterização cénica, que algo de novo (ou inovador) se iria ali passar. Muito bem elaborado o seu espectáculo sem dúvida alguma. No rosto de um havia uma carapaça terrível que mais o fazia parecer um ser de outro planeta que um ser terreno. A palidez das suas faces era de uma estranheza mórbida. Um outro numa espécie de réplica ao nosso actor (de teatro de revista) Vítor Mendes — que como todos sabem é dotado de um arcaboço (gordura) desmedida — fazia, nos seus trajos menores, em calções, toda uma valiosa actuação, em que a mímica era a principal dominante (numa série de sequências que nos fez evocar o seu compatriota Marcel Marceau).

Por sua vez, encostado a uma coluna, uma espécie de dançarino (de «ballet» clássico) fazia associar a sua figura à de um ser ausente, muito distante dali e que se volatilizava nos seus graciosos movimentos de dança. Todos eles (pelo menos quase todos) tocavam o seu instrumento próprio. À laia de suporte básico ou de condutor da orquestra (ou da companhia) estava o Bernard Lubat, quer à bateria, aí ora terna ora ferozmente, quer ao piano mais sibilinamente. Foi um espectáculo elucidante e rico. Onde o «mimo» se associava de uma maneira agressiva, subtil, ou irónica, a mensagem que eles mesmos pretendiam transmitir. O papel de maior destaque teve-o de certo modo aquela «estranha figura» (?)

apenas da «Compagnie Lubat» quando tantos momentos altos de espectáculo se verificaram. Não podíamos assim deixar de referir a alta qualidade da actuação de um

trio norte-americano — que aliás não constituiu para os presentes qualquer surpresa — isto é o «Paul Motion Trio».

do percussionista Paul Motion. E quem não conhece, desde que amante do «jazz» a já tão longa carreira deste exímio percussionista? Acompanhado por dois músicos realmente virtuosos, nomeadamente Charles Brackeen (sax-tenor e soprano) e Jean-François Jenny-Clark (contrabaixo) soube desenrolar um

reportório nitidamente inovador. Foi de facto um dos outros momentos altos deste espectáculo a actuação (em percussões várias) de Paul Motion. No seu estilo (aliás já habitual) domina o exotismo que herdou dos seus pais nascidos na Turquia. E se em certa medida o possamos comparar na sua espiritualidade posta ao serviço da música passe embora o facto de praticarem instrumentos musicais bastante diferenciados — com o grande músico que é John Coltrane, não deixou de se nos tornar evidente que ele soube, como um verdadeiro mestre, cativar todo o público presente na sala, que o obrigaria a vir de novo ao palco quando este «inventor» entendeu haver dado por concluído o seu verdadeiro espectáculo.

Mas outros nomes há com efeito a realçar. No primeiro dia de Festival. E de entre eles temos a considerar o trio formado pelo grande músico italiano que é Andrea Centazzo (bateria e percussão) e que se fazia acompanhar pelo «sonoro e já virtuoso» violino de Carlos Zingaro e pelo contrabaixo de Kent Carter. Ou ainda as actuações de notório interesse dos jovens — aguerridos, irónicos, mas sobretudo esclarecidos — do «Workshop de Lyon».

No segundo dia, por sua vez, o mais fervoroso acolhimento do público foi devotado (e aqui realce-se que não o foi em termos de «machismo») às jovens do «Feminist Improvising Group», provenientes da Grã-Bretanha, embora algumas delas não sejam de nacionalidade inglesa.

FEMINISTAS INGLESAS ATIRAM-SE «PRÓ ATAQUE»

Com efeito estas jovens, aguerridas no seu comportamento de denúncia à sociedade de consumo (ou à sociedade da alienação colectiva), mais não pretenderam num espectáculo intensamente rico no

plano musical e no plano cénico, do que estarem do lado do público, serem elas mesmas a viva voz daqueles melhores (jovens) que, na assistência, corroboravam nas suas «denúncias».

E aí foi questionado não apenas o problema da pílula, como da «dependência vil» em que a mulher é usualmente posta em termos sociais, num papel de subalternidade. Mas para lá de toda essa contestação houve a música e as vocalizações. E, no primeiro caso, registou-se a brilhante execução sobretudo da pianista-baterista Irene Schweitzer e da violoncelista Georgie Born. No plano das vocalizações, realce-se a voz de Maggie Michels recheada de beleza e que por mais de uma vez nos fizeram lembrar a voz de Colette Magny (no trabalho, entre tantos outros «Feu et Rhythme», dessa cantora), excedendo-a talvez até. Uma vocalização que, quanto a nós, foi um dos pontos mais intensivos — de poesia e de erotismo conjugados — em todo o Festival. Estas jovens «aguerridas» (ou em pé de guerra se os «machistas» preferirem actuar na sequência de um veterano do jazz de quem aqui falámos na semana passada, Steve Lacy. E do seu espectáculo, o menos que poderemos dizer, é que foi um deslumbramento.

Já mais para a noite, actuaram, entre outros, o grande saxofonista alemão Peter Brotzman (em duo com o percussionista S.A. Johansson, sueco), o importante e sempre inovador quarteto do saxofonista de John Tchicai, bem como o Trio de Sunny Murray. Deste espectáculo, além do que todos já dele conhecem (na sua qualidade inventiva, renovadora e revolucionária) há uma coisa fundamental a referir. A de que ele, com toda a sua grande craveira técnica, soube comprovar o que dele disse Rui Neves (da organização) quando fez a sua apresentação. Isto é, de que se trata de um dos mais avançados percussionistas de toda a história do Jazz Contemporâneo.

Entrevista com Richard Teitelbaum

De Webern e Schoenberg a John Cage

O jazz de vanguarda dos nossos dias tem à sua frente um enorme e por vezes dúbio percurso. Essa rica forma musical, na sua linha estética, já não se limita a ficar nos sonidos etéreos de um mágico saxofonista como Anthony Braxton, ou de um «viajante por estranhas galáxias» como é o caso do percussionista Paulo Motion. Hoje o «jazz avant-garde» conquistou todos os espaços possíveis do som, ultrapassou as barreiras da imaginação e entrou no domínio da electrónica. É o que acontece com o grande músico norte-americano Richard Teitelbaum, um homem que se aproxima dos quarenta anos e que, na sua já longa e rica biografia artística, conta com trabalhos de assinalável qualidade no domínio da exploração sonora da «electro acústica». E a presença deste músico agora na Festa do Nova Jazz, mais genericamente designada por I Festival de Jazz Contemporâneo de Setúbal, veio antes do mais mostrar até onde o jazz já pode estender os seus tentáculos, sempre em prol de uma nova (ou inovadora) qualidade

estética e sonora. A sua actuação em Cascais, que acima de tudo reputamos de notável apesar da hora em que actuou — quase no fim do espectáculo-maratona e quando já muita gente se encontrava esgotada de tanta gama de sonoridades, embora a maioria de grande qualidade — veio, acima de tudo, pelo menos a nós, evidenciar que a electroacústica, eivada de qualidade embora, caminha a passos largos na sua vida de se apossar do terreno jazzístico. E na hora em que os «moog-sintetizer», ou os «little-computers» (pequenos computadores) se encaminham ferozmente na nova exploração de novos sons jazzísticos, há uma pergunta a fazer: qual o futuro do (novo) jazz? Que contributos vem trazer a electrónica ao jazz? E ninguém melhor nos poderia responder que o consultor técnico de Robert Moog — o verdadeiro pai do sintetizador (e que dele recebeu o nome) — Richard Teitelbaum, um músico de excelente craveira técnica e que deu um concerto notável (passe embora o desgosto



Richard Teitelbaum, um dos mais avançados músicos da «electro-acústica» norte-americana e que põe em confronto o dodecafonismo com o próprio jazz

que estejamos a dar com esta nossa apreciação aos mais puristas do jazz), concerto esse em que se fez acompanhar por George Lewis em trombone e por Jerome Cooper em percussão. Por toda a qualidade que lhe reconhecemos no domínio técnico, e pela sua já larga e qualitativa biografia jazzística,

decidimos marcar com ele um encontro. Aí poderíamos mais directamente debater os problemas com que, nos nossos dias, se debate a música electrónica, sobretudo aquela que dá o seu contributo ao campo do «jazz». Aqui fica a nossa troca de impressões.

Continua na pág. 8

Entrevista com Sunny Murray

A minha música é uma heresia

Pela primeira vez em Portugal o percussionista de «avant-garde» que é Sun y Murray não se limitou a dar um concerto virtuoso no I Festival de Jazz Contemporâneo de Setúbal. Antes de mais o seu espectáculo foi o de um fanático que, servindo-se de uma bateria nada sofisticada, quis mostrar até onde a sua sonoridade poderia ser, ao que afirma, «uma heresia suprema em face do verdadeiro jazz».

Daí que, quando da actuação deste músico, as centenas de peregrinos que tinham ido até àquela Meca do jazz tomar (muitos deles) o primeiro contacto com a mais inovadora sonoridade jazzística mundial, se limitassem a uma mera passividade de quem ficou atónico ou estupefacto. Por sua vez há a considerar aqueles que, conhecendo importantes discos seus como «Spirits» (em colaboração com Abert Ayler, 1964); «Angels and Devils» (1969), ou mais recentemente «Karma», vibraram intensamente com a sua música, deliraram com os espasmos das suas vibrações e contorcionismos — além dos esgares faciais do intérprete que caracterizam a saída da sua música — mas sobretudo acusaram toda a intensidade demoníaca de uma toada frívola e possessiva. E antes de entrar no palco a sua boa disposição era notória. Ele mesmo

princiaste no jazz, terá sido com o pianista Willie «The Lion» Smith. S.M. — Isso foi realmente nos meus começos de «jazz-man». Foi a experiência que me atirou realmente, num plano público, para este tipo de música. Ele era realmente notável e a experiência deleitou-me bastante. Foi no tempo em que também conheci o Cecyl Taylor. E logo o Cecyl me convidava a participar nalgumas das suas primeiras gravações.

— Quando começaste a tocar com o Cecyl Taylor o teu estilo, nos começos dos anos sessenta, ainda não se apresentava decerto tão inovador (ou revolucionário) como te tornarias sobretudo a partir dos finais dessa década.

S.M. — Por essa altura eu era bastante novo, tinha muitas ambições e no meu espírito fervilhava uma série de ideias revolucionárias, tanto no domínio de uma inovação que eu queria dar à minha prática de bateria, como mesmo no campo das ideias políticas.

— Foi o Cecyl Taylor, ao que afirmas frequentemente, quem contribuiu de uma maneira notória para a politização geral quer da tua vida quer da tua obra (aliás está tudo isso indissociado).

S.M. — Ele sobretudo ajudou-me a compreender uma série de coisas. Isto é a descobrir uma gama de

estive inserido no movimento dos «Panteras Negras». E eu tenho de fazer notar através daquilo que toco que não o faço apenas por uma questão de dinheiro mas, pelo contrário porque tenho coisas importantes a dizer, a toda a espécie de gente, políticos, burocratas, parasitas e outros, que o meu povo de fronta com uma gama imensa de problemas como a segregação e que a luta foi e continuará a ser bastante dura. Dado isso a reivindicação pela melhoria de condições de vida do povo negro não pode parar. E a minha inserção no seio dos «Panteras Negras» poderá ter sido como que, naquela altura, uma actuação que não se ficava apenas pela militância cultural ou ao serviço (apenas) da música.

PARA UMA TEORIA DO RACISMO E DA LUTA PELO PODER NEGRO NA AMÉRICA

Segundo o escritor James Boggs, na sua obra «Racismo e Luta de Classes» publicada em Portugal há precisamente dez anos, pode-se constatar: «Que poderá significar, em termos reais, o poder político negro, ou seja, o poder fundado sobre a

Mas voltemos ao diálogo com Sunny Murray, dado que ambos os discursos se indissociam.

— Cecyl Taylor, como tu mesmo dizes, foi realmente o teu primeiro professor (e isto, como vimos, em várias acessões do termo). Na tua longa carreira e após os primeiros contactos com esse verdadeiro «mestre tocado com alguns dos mais destacados «gigantes do jazz» contemporâneo. Queres referir os nomes e a experiência que tiveste, com alguns deles? Preferiste tocar com alguns deles em especial?

S.M. — Depois do Cecyl Taylor toquei com muita gente, com os mais variados músicos de jazz, músicos esses que, na sua maioria, ainda hoje são meus amigos, meus companheiros ou meus camaradas. E isto num plano profissional e num plano ideológico. Todos eles contribuíram para a minha educação musical. E de tantos que eles são basta-me citar os nomes de John Coltrane, Don Cherry, Ornette Coleman, Henri Grimes, Albert Ayler (que viria a morrer em 1970 apenas com 34 anos de idade quando ele com todo o seu génio ainda estava apenas a «começar» a viver e a tocar), Archie Shepp, Gary Peacock, ou John Tchicai, que agora também se deslocou até aqui a Lisboa.

— Muitos desses músicos fizeram sobretudo como que uma escola de vanguarda no domínio do jazz, sobretudo a partir de meados dos anos sessenta.

S.M. — Realmente muitos deles tinham uma nova mensagem a «denunciar» através da sua música, uma música seriamente complexa e a maior parte das vezes comprometida com uma realidade social bem definida. E não se tratava apenas de enunciar o «bom» ou o «mau». Tratava-se, antes do mais e para esses intérpretes de pôr à prova a sua maneira de viver em determinado tempo, em sentido de evolução (musical) cronológica. Eles souberam, sobretudo, formular



uma nova linguagem do jazz, entrar num novo caminho de sons e explorá-lo bem no íntimo. É neste campo que, aliás eu também, me tenho vindo sobretudo a empenhar. — No campo específico do jazz ele, como aliás já referimos, encontra-se desde há muito ligado à luta pela emancipação (cultural e política) do povo negro. Trata-se ao fim e ao cabo da exigência de um reconhecimento de direitos cívicos que há longa data lhe não têm sido reconhecidos.

S.M. — Trata-se, de facto, de uma razão legítima de luta, a luta que provém do sofrimento de um povo, «the black people», e que basicamente apenas o poderá conduzir a uma situação de exigência e de confronto. Afinal neste campo o jazz não é mais do que o «som da libertação». Isto porque o jazz nasce dia-a-dia no mais íntimo de todo o povo negro. Todo esse rico património cultural daquela nossa gente pode aliás constar-se quando os próprios jovens do meu país entoam os seus hinos religiosos nas igrejas ou quando cantam ou dançam nas ruas, muitas vezes em manifestações espontâneas. Mas toda essa expressão jazzística já vem da tradição, de muitos anos atrás, quando os negros que trabalhavam nos campos de algodoeiros aí

reivindicavam (já) melhores salários, diferentes horários de trabalho, isto é se faziam impor, pela sua cultura mas sobretudo pela sua luta, contra a lei que prevalecia, a lei da escravatura, a lei do ghetto, em que era sempre o branco quem dava ordens.

— A isso não é estranho que, com o desenrolar dos anos e com alguns dos triunfos ou verdadeiras vitórias do povo negro (na sua luta) essa mesma sua expressão musical peculiar, o jazz, se tenha feito impor como cultura genuinamente americana.

S.M. — Aí temos de considerar que, primeiro que tudo, o «jazz» vive no interior de cada homem negro ainda hoje. Depois há a considerar que o jazz se tornou numa expressão cultural de propagação universalista. Em todo o mundo já é frequente falar-se de jazz. E isso só se deve a muitas lutas pelo reconhecimento dos nossos direitos cívicos e da nossa cultura. A abolição da escravatura levou muito tempo a ser posta em lei e as séries de mortandades e crimes de



havia estado connosco a conversar durante pouco mais de uma hora à beira do Sado, ali junto a um café-restaurant que dá para o rio. E a nossa conversa, à laia do reencontro de dois amigos que já não se viam há muito tempo, se por um lado acusou diversas vezes um humor sadio, reflectiu pelas mais diversas vezes a consciencialização — social mas sobretudo política — de um artista que enquadra toda a sua produção num campo de luta em que os seus «irmãos negros» se empenham desde há longos anos. Aqui fica a nossa troca de ideias, a nossa discussão ou o nosso encontro.

UMA LONGA, LONGA ESTRADA JAZZÍSTICA DE CECYL TAYLOR A ARCHIE SHEPP

— Como é que as coisas correm para um músico que, já desde há uns vinte anos a esta parte, anda nestas coisas do jazz, ou do «free-jazz» (mais recentemente) se preferires. S.M. — Bom, isto do «free-jazz» foi uma coisa que, em termos de corrente musical, principiou já em fins de 1958 ou princípio de 1959. E desde essa altura eu nunca deixei de trabalhar. Uma vez com músicos que já poderiam ser considerados «avant-garde» para aquela época, outras vezes com músicos que apareciam pelo caminho. E foi realmente importante para mim essa experiência porque pelos anos fora apareceram alguns músicos que para mim eram (como alguns ainda são) verdadeiros homens de talento. — Um dos músicos com quem, então ainda muito novo,

respostas a imensos problemas de ordem social e política com os quais eu deparava todos os dias e aos quais não podia obviamente ficar indiferente. Foi nesse período que eu descobri que tanto a música como a canção não poderiam estar mais afastadas daquilo que o governo do meu país fazia. O jazz poderia assim representar mais um elemento que servisse para a consciencialização de um povo de toda uma cultura, a cultura negra. Senti aí que música é a voz de um povo. E que o músico tinha uma missão muito importante a desempenhar, isto é a expressar publicamente aquilo que esse mesmo povo não podia exprimir.

— Aliás ainda hoje, e cada vez mais, a missão (social) da música popular é a de chamar a atenção para toda uma gama de problemas que todos nós a cada instante constatamos.

S.M. — Estou de acordo. De facto a música popular negra, que é o caso da música que me interessa no meu país, vem ganhando uma força de actuação cada vez maior. E quanto a mim, num plano internacional, também a música contribui em grande medida para que os povos oprimidos de todo o mundo se sintam cada vez mais unidos numa confrontação com problemas comuns.

— Na prática musical dos anos cinquenta e começos de sessenta tu conjugaste a tua actividade de músico militante com a própria luta no seio desse histórico movimento que ficou conhecido com o nome de «Panteras Negras».

S.M. — De facto para mim e como já disse a música teve sempre para mim uma expressão realmente social. E como muita gente sabe eu

comunidade negra? 1 — Devemos começar por eliminar de uma vez para sempre os velhos métodos de comportamento do poder político branco. Foi precisamente este poder que nos conduziu à problemática actual, no campo local, nacional e internacional. 2 — Democracia. Foi a democracia, com os seus processos democráticos, que fez de nós escravos; eis a democracia em que vivemos durante todos estes anos. A única democracia autêntica é a democracia de ontem e de hoje. E a democracia autêntica para nós foi e é uma sociedade fechada. Foi a democracia que manteve a escravatura económica da América Latina, e é a democracia que invadiu e usurpou grande parte da África e da Ásia. — Estas foram algumas das conclusões a que foi dado chegar quando da realização de um «Congresso sobre a pobreza, sobre a comunidade e sobre o poder (do povo negro); problemas de conflito e mutação social nos centros citadinos». Este congresso, registre-se, foi promovido pela Associação Euménica dos Pastores e pelo Centro de investigação sobre a origem dos conflitos raciais, decorreu na Universidade de Michigan, Detroit, no Estado do Michigan (Estados Unidos) a 27 e 28 de Setembro de 1965.

Torturas de coração apaixo

Duda Guennes

Apesar de deslavado tímido, tinha uma obsessão secreta: ser um **espontâneo**. Espontâneo, como todo mundo sabe, é aquele «gajo» que, quando menos se espera, adentra numa corrida de touros, capa e muleta à mão, assume o lugar do toureiro e é expulso à porrada da arena.

O Zé era assim. Carregava subalterna timidez mas com a cabeça sempre erguida, povoada de fixações delirantes.

Supunha-se — tal qual um Quixote amador — senhor de grandes empresas. Não um defensor de castas virgens, muito pelo contrário. Pensava sempre em desvirginar todas.

Violentemente, de preferência. Mas apenas pensava. Quando via um casal aos beijos, trocando carinhos e ternuras, irritava-se, imaginando-se na posição do namorado, capaz de proporcionar muito melhor que este, à namorada, prazeres bem mais inefáveis.

O Zé era culto. Inteligência bem superior aos seus colegas de Económicas, em que se formara e profissionalmente competente, haja visto o cargo que, por concurso, conquistara. Mas há sempre um porém nessas histórias. E o porém do Zé era não conse-

guir arranjar namorada. Certo, era feio, e disso tinha certeza, quando constatava todas as manhãs frente ao espelho, àquela hora desesperada de fazer a barba, a encarar seu próprio rosto cheio de espinhas e borbulhas. Já falei que o nosso Zé era culto. E era. Aprendera no seminário a ler, falar e escrever um latim primoroso. Leu Plauto, Terêncio e Cícero, no original. Traduziu Ovídio e tratava Dante intimamente por Tu. Achava Milton decadente e gostava de Camões, depois de o verter para o idioma alemão: «Fica mais sonoro, mais musical», afirmava. Lidar profissionalmente com números, para ele era uma chatice que só compensava pelo alentado salário que recebia todo o fim de mês, sacrossantemente, da empresa multinacional em que trabalhava. Fora disso, seus desvalheiros eram absolutamente poéticos; ou melhor agressivamente poéticos: a vizinha do 5.º Esq.º, para quem obrara um acróstico e de quem nunca vira um ar de simpatia. Encontravam-se quase sempre no elevador, mas não troca-

vam palavra. Fingiam mútuo desconhecimento. Mas ele sofria. Não que lhe faltasse iniciativa; sobrava-lhe timidez e daí o impasse. Custódia, chamava-se a vizinha. Nome cuja eufonia não seria capaz de despertar grandes tensões a quem não a conhecesse. Havia de vê-la. Pessoalmente era um força da natureza. Égua de ancas, gazela de movimentos, serpente sinuosa, cabrita indomável. Pantera. Cor-de-rosa? Não: cor de canela. Mais para Gabriela ou Sónia Braga. Já falei também que o Zé era tímido? Sim! Mas não parvo. «Saber, engenho e arte» possuía. Tanto que urdira um plano diabólico para conquistar o — digamos — **coração** da Custódia. O plano era o seguinte: dar uma de espontâneo. Quando menos a vizinha esperasse, ele cairia em cima da presa abruptamente e abutemente. Brutalmente mesmo, conforme exigisse as circunstâncias. «Na lei ou na marra. Ou dá ou desce», coisa assim... E seria à primeira ocasião. Que, aliás, não tardou. Foi numa noite de sábado, logo

Literatura

Poesia de Agostinho Neto: Um "hino à liberdade"

Virgílio Alberto Vieira

Exige a verificação da evolução histórico-cultural instaurada, pelo meado do século, no continente africano reconhecer que também, no tocante às ex-colónias portuguesas, o nacionalismo e a consciencialização cultural influíram e se consubstanciaram de modo exemplar. No que respeita a Angola e ao caso português, como marcos importantes são tidos: a formação do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (1950) e a publicação da revista «Mensagem» (1951), órgão da Associação dos Naturais de Angola. Se bem atendermos à escalada política opressora que, desde 1926, com a publicação do documento — Bases Orgânicas da Administração Colonial, ganha corpo e voz na congeminção contra os povos africanos, usando de outras alienantes armas legislativas: Acto Colonial (1930); Constituição e Carta Orgânica do Império Colonial Português (1933); Imposto Indígena (1943), um acontecimento relevante, pela primeira vez se levanta como barreira à arrogância colonial: o movimento cultural — Vamos descobrir Angola, datado de 1948. A revista «Mensagem» e o Movimento que lhe dá nome — 'Geração da Mensagem', emanam, não sem um espírito de luta até então impensado, de um momento histórico particularmente dinâmico. Como anota o ensaísta Manuel Ferreira: 'a consciência, a determinação e o sentido da mensagem desses jovens estão escritos na forma como grafam com maiúsculas Cultura Nova e Nossa Terra'. (2) E mais adiante: 'eis como simbolicamente, e nesse tempo de clandestinidade contínua, se exprimia o sentimento patriótico e se projectava o sentimento nacional — e mais: se preanunciava a luta de libertação.' Como a análise da cultura de um povo (iniciada em 1948) altera consubstancialmente a ordem estabelecida e sempre se converte em moldes subversivos, denunciante que vem sendo da ilegitimidade colonizadora — eis, pois, como se acentuam a 'resistência à dominação' e a 'procura frenética dos valores consubstancialmente angolanos' (3), substrato onde se alicerça a «Mensagem», enquanto identidade sociocultural que é, e revista de «conteúdo eminentemente político», segundo o próprio Alfredo Margarido. Atentos a um retorno às origens, que era urgente, aliás, realizar para restituir à cultura angolana a sua personalidade nacional ignobilmente deformada pelas mazelas colonial-fascistas, o Movimento da Mensagem encontra os seus intérpretes: Viriato da Cruz, Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, obreiros incansáveis de uma dinâmica cultural dialecticamente instalada entre o passado e o futuro e que, embora regularmente impossibilitada de assumir, à partida, dimensão histórico-cultural nem por isso despreza a necessidade de se orientar e firmar num património, fundamentalmente, de cunho popular. A exaltação de uma autêntica consciência nacional, levada a cabo pela Mensagem e pelo Autor de 'Sagrada Esperança', experiência criativa sem paralelo depois de longos anos de imobilismo cultural, encerra, a esse tempo, potencialidades incalculáveis. Submetida à nula deferência do repressivo aparelho colonial e enquadrada em um processo cultural africano de alcance mundial que, no



após-guerra e entre 1957/1965, irá despertar em toda a África, a poesia de Agostinho Neto reúne o gesto colectivo de um povo e os requisitos necessários para, em tom profético-messiânico ('sou aquele por quem se espera', *Sagrada Esperança*, p. 35), lançar o grito revolucionário que o vem consagrando como poeta: 'profundamente angolano, profundamente africano e profundamente internacionalista'. (4) Se passarmos à análise da tensão interior em que germinou o Movimento da Negritude, traduzido, no caso vertente, por um certo tipo de angolanidade e também projectado em apelos de sublimação à raça e à acusação de sofrimento, breve nos deffrontaremos com a natural ambiência em que esta poesia leveda, combinando de modo significativo as razões históricas de uma tal força colectiva. Em poemas como: 'A voz igual' e 'O choro de África', o Autor converte conscientemente, em tons entranhadamente conotativos, o texto poético em arma de combate, o mesmo é dizer pela palavra de Jean-Paul Sartre: 'em levantamento revolucionário'. Agostinho Neto assume, deste modo, a notável experiência literária que impõe a sua obra entre os maiores de África, ao lado de: David Diop, Césaire, ou ainda de um Okara, Soyinka e outros. Poderíamos, no entanto, enveredar por uma das vias de análise, que as transformações culturais operadas seguiram de perto: a temática — utilizada por Alfredo Margarido para enformar o conceito de angolanidade;

e o tema da 'infância' e da evocação da 'mãe' — para, de seguida, recuperar as raízes de uma certa caracterização.

Agostinho Neto, bem assim os participantes da Mensagem, não se alheia a esforços para chamar a si estas opções culturais, ressaibadas pelas marcas do tradicionalismo.

Mas mais importante que outro nenhum dos vectores vulgarmente escolhidos para repor o empreendimento literário de Agostinho Neto no tempo e no espaço que lhe são devidos, parece-nos, sem dúvida, a dimensão histórica que toda a sua obra comporta. Podem alegar-se razões de base para (sub)trair conteúdo à mensagem poética, impossibilitando a realização de um cântico autêntico, uma vez que a própria língua foi instrumento de dominação colonial. Mas, por agora, bastemo-nos com o argumento de Janheinz Jahn quando afirma que: 'a partir de uma circunstância precisa — pode a língua — converter-se em instrumento de luta colonial.' (5) Na verdade, longos e diversos foram os caminhos seguidos para reabilitar quanto do património cultural e da cultura angolana resvalou em motivo de alienação colonial. Sobre a presente obra, diríamos com o alemão Wolfgang Borchert — quando inoportuno esperar por 'poetas de boa gramática'. Quando se trata da libertação de um povo ou de uma cultura, é bem aceitável confessar que nos falta 'a paciência da boa gramática'. Pese embora a presença dos modelos internacionais (escritores negros de língua francesa, norte-americanos e

brasileiros de 22) e o vulgarmente denominado 'complexo de estacionamento de culturas', muito pode um processo de libertação em marcha, quando como afirmava o Autor de *Sagrada Esperança*, o projecto é: 'criar liberdade nas estradas escravas' (p.123), sugerindo incessantemente um tempo de reencontro para reanimar a 'África Viva': 'sinto-a nas mãos esculturais dos fortes que são povo / e rosas e pão / e futuro'. (p. 95)

Agostinho Neto, propondo uma poesia serena na adversidade colonial, enfileira decididamente ao lado dos grandes condutores de povos, interpretando, assim, o sentimento nacional.

Escapado às mãos da PIDE a partir de 1962, toma posteriormente o comando do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), confirmando, deste modo, num plano político a sua militância poética, e seu mais alto acto de coragem e patriotismo. Coragem poética agora mais perto do sonho e da esperança: na vida e na libertação do país futuro.

É que no poeta renascia uma nova alma: 'cheguei para ver a ressurreição da semente'. (p.120)

Tal como um dia acontecera ao imortal Maiakowski, também ao autor de *Sagrada Esperança* — versos e revolução — se haviam associado na sua cabeça.

É o homem novo quem habita o projecto histórico do poeta.

Num rasgo pleno de juventude, escreve: 'tudo revive / esta dramática mocidade de reencontro / tudo revive em peitos largos de ansiedade / ofegantes à força da verdade'. (p. 107)

Hoje, porém, ainda é cedo para esquecer as marcas deixadas na carne pelo colonialismo, através das suas diversas formas de implantação.

A poesia de Agostinho Neto previu a batalha do futuro ('eis as nossas mãos / abertas para a fraternidade do mundo', (p.87). Os alicerces do mundo, porém, estão de há muito cavados e sabem, em Angola, da consciência do sangue. O poeta tem disso apurada consciência. A revolução triunfou! Pela paz que um poeta libertou dos braços mais livres de um 'povo independente e com voz igual'.

V.A.V.

NOTAS:

- (1) Agostinho Neto, *Sagrada Esperança*, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1974.
- (2) Manuel Ferreira, *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, Biblioteca Breve. 2.º Vol., Instituto Cultura Portuguesa, Lisboa, 1977.
- (3) Alfredo Margarido, *A Literatura Angolana-2*, Diário Popular de 12/2/1976.
- (4) Marga Holness, *Introdução a Sagrada Esperança*, p.32.
- (5) Cit. feita por Publio L. Mondejar, *Poesia de la Negritud*, Ed. Fundamentos, Madrid, 1972.

NOTA SOBRE O AUTOR:

Virgílio Alberto Vieira tem 28 anos de idade e nasceu em Amares (Braga). É licenciado em Letras pela Universidade do Porto e exerce a profissão de professor. Passa por Angola como miliciano do Exército Português entre 1972/1975. Publicou: *Na margem do silêncio*, 1971; *Mitral Negro*, 1973; *Monangola*, Limiar-Porto, 1976; *Guerrilheiro é terra móvel*, Centelha-Coimbra, 1977; *Terra interior*, Centelha-Coimbra, 1978. Tem no prelo e a sair pela Editorial Vega, de Lisboa, um volume de narrativas sobre a guerra colonial: *Salário de Guerra*.

vária ordem que foram cometidos contra o meu povo foram demasiado graves para que tão rapidamente possam ser esquecidos. Assim, e graças aos meios de comunicação de massas como os discos, os concertos, a televisão, a rádio, já hoje é possível fazer entrar a nossa música isto é a nossa cultura, dentro das casas particulares de cada cidadão, situe-se ele na América, na Europa, na Ásia ou onde quer que seja. O jazz hoje é um alerta contra a opressão de que foi vítima, e em parte continua a ser, a população negra.

— Penso que em todo o mundo a constante chamada contratual para actuarem em festivais (como agora o de Setúbal) grandes nomes do jazz de vanguarda, mais não reflecte do que o apego a essa mesma forma de cultura.

S.M. — Quando eu hoje sou chamado a actuar quer no Brasil ou no Japão — e dado que já aí estive a dar mostras daquilo que é a minha música como veículo de comunicação — eu nunca posso indissociar que, em viagens como essas, e contactando (algumas vezes pela primeira vez) com culturas realmente diferentes, uma coisa resulta sobretudo e que é muito importante. É o diálogo e das várias formas de diálogo resulta a comunicação.

onado

depois do jantar que os dois se encontraram no elevador. Ela estava fulgurantemente linda. Um vestido decotado — lembrou-se de Carlos Drummond — «que mais mostrava que escondia as partes», pensando em Salomão do «Cântico dos Cânticos», sentiu, vindo dela, um insofismável perfume de âmbar (embora nunca tivesse sentido esse aroma — era um poeta, não esqueçam).

«É agora», decidiu-se. E por associação de ideias, veio-lhe à lembrança Elvis Presley cantando «It's now or never» e, dirigindo-se finalmente à vizinha, determinadamente balbuciou:

— Formosa senhora, quereis companhia?

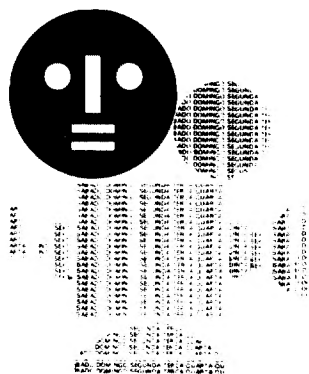
— «Qualé a tua, meu... Se querendo a minha companhia é só pagar 500 paus. Mas não de ser rápido. Tenho que pra buate me defender».

O Zé, eufórico, gaguejou: «pago mil!!!». Deram marcha a trás no elevador e voltaram ao terceiro andar, onde foram felizes durante algum tempo e muitos contos de réis.

E o Zé que era tímido, alto funcionário, inteligente, feio e culto, hoje está apenas endividado. Mas, como economista, foi o melhor investimento que realizou na sua vida.



Catherine Deneuve em «Almas Perdidas»



CINE/PONTO

INTIMIDADE
de Woody Allen
(USA-1978)

Enquanto aguardamos *Manhattan*, o mais recente trabalho de Woody Allen, *Intimidade* faz uma agradável carreira. Embora, oficialmente, não seja «filme de qualidade» (bizarro, hem?) Trata-se de uma obra apaixonante que enfileira, por certo, na galeria dos indiscutivelmente melhores filmes do ano.

Cinema ABCine-sala A (14.30, 16.30, 18.30 e 21.30 h)
(Não acons. men. 18 anos)

A RAPARIGA
NA ZONA QUENTE
de Paul Schrader
(USA-1978)

Também *A rapariga na zona quente* está enfim a receber o apoio do público que merecia. Irrupendo como o «autor-revelação» deste ano, Paul Schrader faz nele uma digressão aos reinos da repulsa e do fascínio, da virtude e do pecado, do espectáculo e do seu reverso. Um filme em que se deve apostar, sem reservas.

Cinema Quarteto — Sala 4 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h)
(Interdito a men. 13 anos)



Nino Manfredi e Salvo Randone em «Em Nome do Papa Rei»

O FANTASMA DO PARAÍSO
de Brian de Palma
(USA-1974)

Brian de Palma, que, com Scorsese, Lucas, Spielberg e Coppola, faz parte da mais recente vaga que «ocupou» Hollywood, assina neste filme aquilo que de melhor fez na sua carreira, um musical-fantástico que é sempre oportuno (re)ver.

Cinema Estúdio (Não acons. men. 18 anos)

UMA LIÇÃO DE AMOR
de Ingmar Bergman
(Suécia-1954)

A reposição dos antigos filmes de Bergman é já uma «linha» dos Filmes Castelo Lopes. Com sucesso, como a carreira interessante de *Uma lição de amor* confirma. Carreira, de resto, merecida, apesar de esta película não ser do melhor que Bergman fez.

Cinema Satélite (15, 17, 19 e 21.30 h)
(Não acons. men. 13 anos)

AMOR ENTRE MULHERES
de Robert van Ackeren
(RFA)

O Kitsch a toda a largura de um écran revelador e agressivo: a estética da vulgaridade e do mau-gosto desmontada a golpes de audácia e rigor. E atenção à banda sonora: é um dos materiais mais minuciosamente explorados no filme com resultados surpreendentes.

Cinema Quarteto-sala 2 (15, 17, 19, 21 e 23 h)
(Interdito a men. 18 anos)

EM NOME DO PAPA-REI
de Luigi Magni
(Itália-1977)

Céptico, um pouco cruel, anticlerical, *Em nome do Papa-Rei* é um filme onde o humor italiano se mostra, de novo, ácido, popular, contagiante. E, ainda, uma surpresa: em filigrana se termina aqui com o «compromisso histórico», dois

anos antes de ele se encerrar no palco político.

Cinema Cine 222 (14.15, 16.30, 19 e 21.30 h)
(Não acons. men. 13 anos)

ALMAS PERDIDAS
de Dino Risi
(Itália-França-1976)

Risi prossegue o seu esconjuro do fantasma da velhice. Gassman empresta-lhe corpo e voz, admiravelmente. Catherine Deneuve coadjuva-o, belíssima e dolente.

Cinema Castil (15.30, 18.30 e 21.30 h)
(Interdito a men. 13 anos)

UM DIA INESQUECÍVEL
de Ettore Scola
(Itália-Canadá-1977)

Um daqueles filmes que se apresentam como evidentemente laureáveis, mas que um certo oportunismo político conduz a que para ele se olhe com bastantes reservas.

Cinema Quarteto-sala 3 (14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30 h)
(Não acons. men. 18 anos)

O CÉU PODE ESPERAR
de Warren Beatty e Buck Henry
(USA-1978)

E lá vão correndo os meses sem que o *O céu pode esperar* dê por nada. Um enorme sucesso, desmesurado para uma película que, sendo agradável e inofensiva, não larga nunca amarras e se fica por uma vulgaridade escurrita.

Cinema Apolo 70 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30)
(Não acons. men. 13 anos)

007-AVENTURA NO ESPAÇO
de Lewis Gilbert
(G.B.-França-1979)

Os cenários de Ken Adam são a única coisa deveras interessante deste filme, no mais, medíocre.

Cinemas ABCine — Sala B (14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45 h) e S. Jorge (15.15, 18.30 e 21.30 h)
(Não acons. men. 13 anos)

Manuel Cadafaz de Matos

Woody Allen: Um desespero lúcido

A presença simultânea, em Lisboa, de dois filmes de Woody Allen (*Bananas* e *Intimidade*), pode oferecer uma oportunidade singular para a observação do caminho seguido por aquele que já é um dos autores mais importantes do cinema americano e o herdeiro indiscutido de Chaplin, dos Marx, de Keaton, de Lewis. Caminho que, se evolui para uma segurança no controlo dos materiais, para uma global coerência entre o verbal e o visual, para uma menor dispersão de temas no interior de cada filme, guarda, por outro lado, como profunda constante, um desesperante desenraizamento (moral, ideológico, social...), uma capacidade de tudo pôr em causa, geralmente pelo riso, sempre pela lucidez.

Deste ponto de vista, *Bananas* é um filme particularmente revelador: sendo, de todos os trabalhos de Allen, aquele que mais é afectado pelo vício de uma certa dispersão (Allen nunca esgota os temas que nele aborda, saltando de uns para os outros com um frenesim angustiante), *Bananas*, tem, talvez por isso mesmo, um pendor corrosivo, demolidor, dir-se-ia que quase suicidário e assassino, sobretudo se o analisarmos sob o prisma ideológico. Com efeito, qualquer que seja a ideologia partilhada pelo espectador, o filme como que a dissolve pela acção de um humor cáustico, atento e informado (cultural e politicamente): das guerrilhas esquerdistas, aos tribunais de McCarthy, da CIA ao FBI, dos ditadores aos libertadores, da demonrancia ao fascismo e ao socialismo, tudo é passado pelo crivo de um olhar incrédulo, apátrida, onde por detrás do humor há qualquer coisa de desesperado a pairar.

Muita gente se sentiu espantada, por vezes mesmo escandalizada, ante o registo tenso e dramático de *Intimidade*: não faltaram as acusações ao intelectual judeu nova-iorquino que, conquistado um lugar na galeria de valores de uma média-burguesia inteligente, se teria sentido abalizado a uma aventura à la Bergman. Esses acusadores, para quem, no fundo, Allen nunca passara do estatuto de um cómico despreocupado, tentaram, talvez, escamotear o facto de todos os seus filmes falarem de coisas bem importantes, afinal de contas exactamente as mesmas que aborda em *Intimidade*. O desespero é uma constante; dele se rirá ou não.

É este um dos aspectos mais gritantes do carácter judeu do humor alleniano: a falta de uma âncora, de uma Terra, de uma ideologia, de uma verdade,

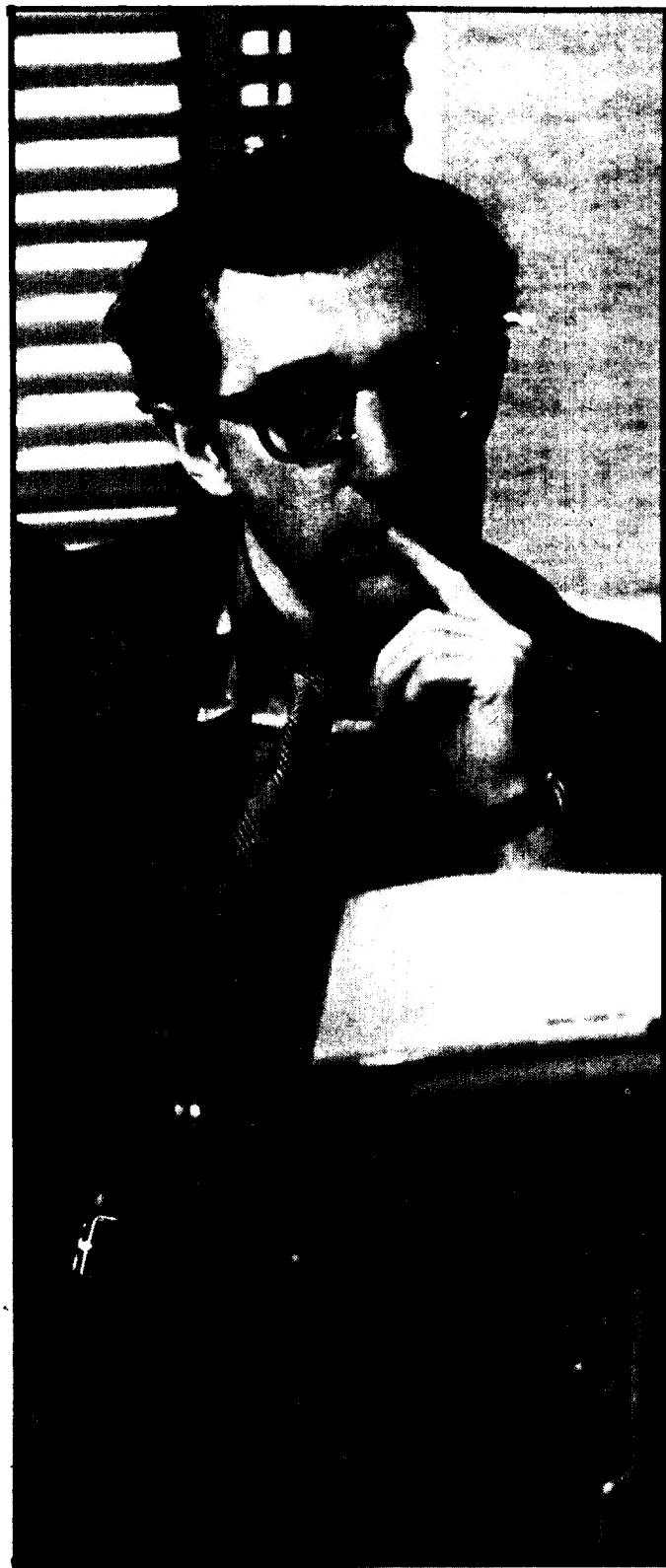
sobretudo para um intelectual para quem o religioso e os ritos que o envolvem perderam carga valorativa, para quem o sentido de missão é já, também, algo destituído de lógica histórica ou cultural. Só dentro destes parâmetros é possível entender esse humor que nunca denuncia, mas constata, que nunca se preserva mas se expõe, que nunca aposta na criação de uma «mais-valia» mas

procura, ao invés, diminuir o espaço dos santuários, dos territórios intocáveis.

E desses territórios não está ausente a cultura, o cinema em particular, muito pelo contrário. É ver, em *Bananas*, as múltiplas citações

dessacralizadoras dos modelos citados: o carrinho de bebé descendo as escadarias de S. Marcos durante a insurreição anedótica (referência a Eisenstein e ao *Couraçado Potemkin*), a máquina para os directores de empresa fazerem exercício no trabalho (referência à máquina para alimentar operários sem interrupção

Inimigo Público e em *Bananas* possuía uma forte implantação. Sobretudo a televisão, que merece a Allen um evidente desprezo: veja-se, em *Bananas* as sequências inicial e final (com as grotescas transmissões em directo) ou, em *Annie Hall*, a sonorização das séries cómicas com as gargalhadas programadas.

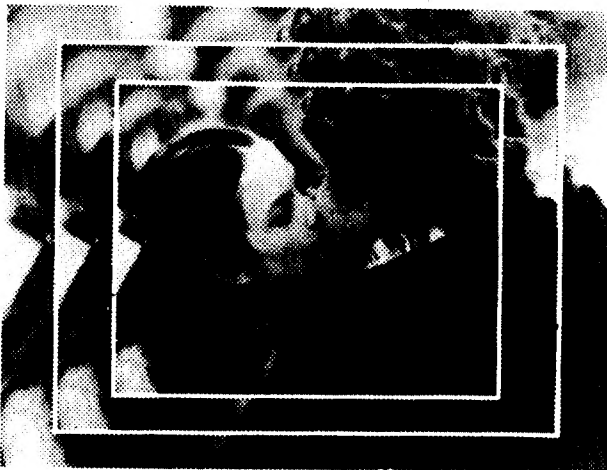


A interrogação madura de uma civilização

de actividade, testada um dia por Charlot, a cruz (vermelha) que serve a Woody para escapar aos soldados (referência à bandeira vermelha que fará cair Charlot nas malhas da lei, em *Tempos Modernos*), ou tão-só a testemunha mentido no tribunal ante um Woody amordaçado que, ininteligivelmente, a interroga (referência a um Perry Mason devastador nas clássicas cenas de tribunal). De resto, a atenção à função dos *mass-media* é outra das constantes do cinema de Woody Allen, facto que encontra o seu apogeu em *Annie Hall* mas que já em O

Rindo-se de tudo e até de si próprio, Woody Allen oferece-nos uma metodologia crítica importante: nestes tempos de polarização e de certezas aparentes ele vem mostrar-nos que tudo é relativo. No caleidoscópio das culturas, das ideologias da História, todas as coisas têm um peso que se esfuma. Aproveitar esse *nihilismo* lúcido para nos apercebermos de que tudo na vida é mudança, que todas as mudanças mudam, que tudo o que muda é caduco e que todas as certezas são duvidosas, eis uma tarefa importante que Allen nos vem lembrar, continuada e sistematicamente.

J.L.R.

O ÚLTIMO FILME DE
LAURENCE OLIVIERARTHUR HILL · SALLY KELLERMAN
DIANE LANE · THELONIOUS BERNARDO que dois apaixonados conseguem
contra todos os impossíveis*um Pequeno
Romance*A GEORGE ROY HILL FILM
"A LITTLE ROMANCE"

COM

LAURENCE OLIVIER

ARTHUR HILL, SALLY KELLERMAN, DIANE LANE

E THELONIOUS BERNARD os namorados

Produção YVES ROUSSET-ROUARD e ROBERT L. CRAWFORD

Produtor Executivo PATRICK KELLEY Argumento ALLAN BURNS

Realização GEORGE ROY HILL Música GEORGES DELERUE

Baseado na novela "E-MC" MON AMOUR por PATRICK CAUVIN

Publicado por EDITIONS JEAN-CLAUDE LATTES Cópia "TECHNICOLOR"

AN ORION PICTURES PRESENTA

THE WARNER BROS. A Warner Communications Company

© 1979 Orion Pictures Company. All rights reserved.

2.ª SEMANA NOcinema
estudo
terminal

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

Uma confrontação
entre uns que matam e outros que dão a morte!**O Jogo
dos Abutres**

CARIS ENTERPRISES S.A. - ZÜRICH present a PYRAMID FILM PRODUCTION of

RICHARD HARRIS

RICHARD ROUNDTREE com

"GAME FOR VULTURES"

Um filme JAMES FARGO com JOAN COLLINS · RAY MILLAND · SVEN-BERTIL TAUBE

com KEN CAMPO · TONY GOSDA · NEIL HALLETT · ALINE PARSONS · ELAINE PROCTOR · MARK SINGLETON apresentando JANA COLLIER · JOHN PARSONSON

Argumento de PHILLIP BAIRD · Do livro de MICHAEL HARTMANN · Produtor Executivo PHILLIP BAIRD

Produção de HAZEL ADAIR · Realização de JAMES FARGO · "TECHNICOLOR" PANAVISION®

DENHOLM ELLIOTT em Rôles de

HOJE ÀS 21.30H. SENSACIONAL ESTREIA

MUNDIAL

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

«Por mim, considero como um acto cultural assistir a este filme.
Vai ao QUARTETO, leitor, não percas tempo.»
Mário Castrim, in «Diário de Lisboa»O drama de um pai a procura
da filha na "Zona Quente"

INEMAX

ADULT THEATER

3 FEATURES

Cristina

Nada que você
tenha feito, visto,
ou imaginado
o pode preparar
para um tema
tão controversoescrito e realizado por
PAUL SCHRADER
autor de "TAXI DRIVER"A RAPARIGA
NA**ZONA QUENTE**

HARDCORE

GEORGE C. SCOTT

numa Produção de A TEAM de um filme de PAUL SCHRADER

HARDCORE

PETER BOYLE

e SEASON HURLEY e Produzido por JOHN MILLS

Produzido por BUZZ FEINBERG e MICK JAGG NITZSCHE

Escrito e dirigido por PAUL SCHRADER

7.ª SEMANA NO

quarteto

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

UM GRANDE FILME PARA TODA A FAMÍLIA

O GRANDE ACONTECIMENTO

«Matilda»

ALGO DE NOVO E SENSACIONAL NO MUNDO DO ESPECTÁCULO!

TODOS VÃO ADORAR
MATILDA...

PRODUZIDO POR ALBERT S. RUDY

PRODUTOR DE "O PADRINHO"

REALIZADO POR DANIEL MANN

REALIZADOR DE "A CASA DE CHA DE LUAR DE NUNES"

UM GRANDE ELENCO

ELLIOTT GOULD · ROBERT MITCHUM

CLIVE REVILL, HARRY GUARDINO, ROY CLARK,

LIONEL STANDER, ART METRANO, KAREN CARLSON

MÚSICA DE JERROLD IMMEL

UM EXCLUSIVO
MUNDIAL FILMES**4.ª SEMANA**

Não acons. menores 13 anos

STAR

TEATRO MONUMENTAL

Hoje e Sábado

2 sessões

20.45 e 23 h

Raul Solnado

no concerto de gargalhada

A TOCAR
é que a gente
se entende

com

Henrique Vianna

Rosa do Canto

e

Alina Vaz

CINAROS DE OCTAVIO CLAUDIO

ENCENAÇÃO DE Paulo Renato

Amanhã e Domingo
às 16 e 21.15 h

TEM GRACA!

TEM MÚSICA!

Não aconselhável a menores de 13 anos

O 7.7 em terras do Algarve (1)

Barão de S. João: uma experiência de "renascimento rural"

Barão de S. João é uma aldeia do concelho de Lagos, com 700 habitantes, a cerca de 12 quilómetros do mar. Numa colina rodeada de acácias, com a serra de Monchique no horizonte e a aldeia aos pés, vivem Deodato Santos e Inge Wolff. Chegaram na Primavera de 1973, compraram um terreno, construíram uma casa, abriram um poço e amanharam a terra.

Até às eleições para as autarquias, a Junta de Freguesia dinamiza a vida cultural e as capacidades do povo da aldeia: neste sentido se poderá falar de um Renascimento Rural. Do que nessa altura se fez, resta uma cooperativa de artesanato, animada exclusivamente por mulheres da aldeia. A iniciativa de um Centro de Ecologia e Alternativas arrancou há um ano. Outras pessoas por aqui passaram, mas só o Franquelim Pereira, a Cristina Carmo e o Pedro Cavaco resistiram. Até quando, nem eles sabem.

O Inverno é rigoroso, sopra vento forte e faz bastante frio. O Verão é quente e seco e a terra parece esgotada nesta altura do ano: o Mediterrâneo não está longe. E só um grande amor pela terra, tão avara em dar frutos e tão possessiva no amanhã, permite resistir.

Tudo começou na Primavera de 1973. Inge Wolff e Deodato Santos chegam a Portugal e instalam-se em Barão de S. João, freguesia do concelho de Lagos. O começo foi muito difícil. Em poucos meses, numa corrida contra o tempo, foi necessário construir uma casa e um poço, amanharam a terra. «Não existia aqui nada, mas a horta e o que há, pouco representam. Tentámos tirar da terra alguma coisa para viver, mas não se pode falar de agricultura. O que sobra é para vendermos ou darmos, afirma Deodato Santos. A não utilização de adubos químicos ainda é da memória das pessoas da terra. Na ideia delas, não faço nada de especial. Achar insólito que nós tenhamos vindo para aqui viver».

O caminho de acesso à colina onde Deodato tem a casa, foi obra da população. Não se gastou um tostão em mão-de-obra e quase toda a aldeia participou: o 25 de Abril ainda não chegara, mas o povo já era capaz de fazer coisas, no dizer de um homem da aldeia.

No período 74-76, Deodato Santos é presidente da Junta

de Freguesia. São organizados campos de trabalho voluntário para obras de beneficiação — pavimentação de ruas, abrigo no lavadouro, auxílio nos trabalhos agrícolas. A Junta de Freguesia abriu as suas portas à população e à juventude. Houve reuniões de festa, teatro, desporto, um sem número de actividades em que a imaginação e capacidade de organização do povo puderam exprimir-se. Mais tarde, surgiram a Cooperativa de Artesanato, de que falaremos noutro artigo.

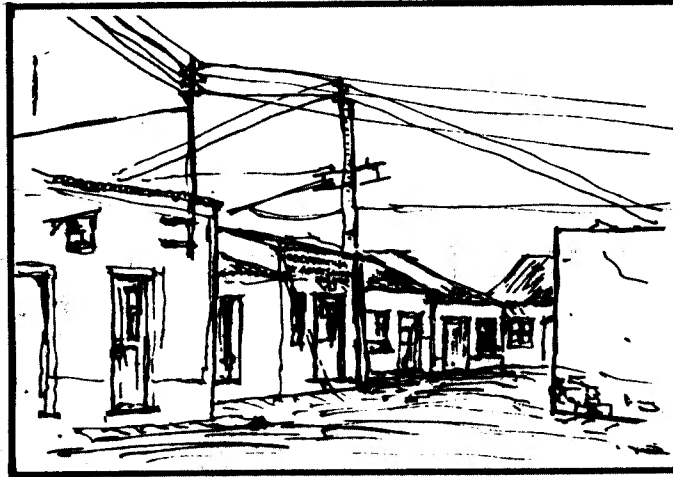
TRÊS ANOS DE «RENASCIMENTO RURAL»

Nós dividimos a aldeia. Perdemos as eleições para a Junta de Freguesia a favor de uma lista PPD-PS por 28 votos. As pessoas viam as actividades ligadas à Junta e acreditavam que a nova direcção não iria deixar morrer as coisas. O esforço fora demasiado e tudo desapareceu, à excepção da Cooperativa de Artesanato. Mas o Deodato sabe que permanecerá uma memória de luta. E hoje as relações são

mais fáceis. Para a Inge, alemã de nacionalidade, a vida não foi muito fácil de início. Onde já se vira uma estrangeira cultivando a terra? Só depois de conhecer melhor as pessoas foi possível dar-me com elas e ser aceite. Fizemos-me passar por mil e uma «provas». Quando me consegui bater com elas, a situação ficou resolvida. Daí à construção com as mulheres de uma cooperativa foi um passo, afirma Inge. Em 1979, três anos depois desse riquíssimo período de Renascimento Rural («nesse tempo em ebulição, todas as forças latentes estavam ao de cima, toda as possibilidades transformadoras, todo o futuro, toda a vida, exibiam o seu querer e as suas virtualidades», recorda Deodato Santos), o tempo é de reformulação de uma via. A situação mudou e foi necessário reflectir.

As pessoas continuaram fixadas na imagem de autoridade, que desapareceu, observa Inge. Depois das eleições veio o desânimo, porque faltou uma direcção. Pode-se concluir que o povo da aldeia ainda não tinha em suas mãos o seu próprio destino.

Só se pode ensinar quem quer ser ensinado, explica Deodato. Trabalhar com as pessoas num pé de igualdade, e não «puxar» por elas. O objectivo é sobreviver com o que semeamos nestes poucos metros quadrados. A terra é difícil e o trabalho exige resistência. Já por aqui passou muita gente, uns estiveram mais tempo do que outros, mas ninguém ainda se adaptou. A experiência do «Renascimento Rural, Centro de Ecologia e Alternativas» é mais uma tentativa que acompanhamos com muito interesse.



VIRAR AS COSTAS À CIDADE

O regresso à terra, um modo de vida diferente, uma existência mais de harmonia com a Natureza: há de tudo isto um pouco no projecto animado por José Carlos Marques e Silvia Montarroyos, a que se juntaram mais tarde Franquelim Pereira, Pedro Cavaco e Cristina Carmo. Instalaram-se há um ano. Uma casa no alto da colina onde vive o Deodato, outra na aldeia, uma horta, as paredes, de uma casa em construção: magro pedacinho para quem sonhe com mundos e fundos, terra rica, muita água, instalações de energia eólica, colectores solares. A realidade é outra coisa. O mar está longe e o Algarve turístico ainda não chegou (felizmente). Vem aqui muita gente nova que quer mudar, mas não sabe bem o que procura. Algumas pessoas regressam com regularidade e continuam a encontrar-se longe daqui, explica Franquelim Pereira. Vivemos do artesanato vendido sobretudo nos meses de

Verão — produtos em couro, do serviço de livreria, dos apoios da rede de amigos do «Renascimento Rural», da edição da Urtiga e outros textos, aproveitando um «offsite» que compramos há pouco.

A população é desconfiada e reservada quanto a ideias novas, afirmara o Deodato, para explicar algumas dificuldades de relação com os habitantes. Para Franquelim Pereira, ao princípio, as pessoas mostraram-se abertas, mas quando nos vieram levar a mesma vida que elas, mostraram uma certa desconfiança. Hoje compreendemos melhor a nossa situação e os motivos porque saímos da cidade e escolhemos viver aqui.

A Cristina era educadora de infância no Estoril. Ao fim de cinco anos de trabalho com crianças, participou no acampamento de Verão de 78. Em Janeiro deste ano, veio para ficar.

Não gostava de voltar à cidade e desejava manter-me no campo, mas também não sei se vou ficar, afirma. O Inverno foi muito duro. A chuva caiu até muito tarde. Depois a secura do Verão, com

sabor a Mediterrâneo, acabou com o que restava da horta. Começamos em Novembro a desbastar terreno e plantámos até Março. Cometemos erros (plantar com chuva, por exemplo) mas tivemos favas, couves, rábanos e trigo. As cebolas e cenouras não nasceram e quando deixámos de poder regar por falta de água, o feijão, milho e grão-de-bico morreram. Tudo o que conseguimos está guardado para semente no Outono.

Uma experiência de vida rural que talvez não chegue lá. Por culpa própria, mas sobretudo por dificuldades de apoio e maturação das condições que tornem viável uma opção desta natureza. Para todos os que a viveram, a experiência terá sido de grande riqueza. Pode-se ler no diário do Renascimento Rural: Sábado, 20 de Abril de 1979.

«E metemos o feijão, a abóbora, o grão-de-bico na terra com composto, folha e cinza. E que tenhamos boa colheita. E que as favas, couves, nabos e rábanos sobreviventes tenham semente.»

8/5/79 — «No outro dia estive a aprender a fazer pão com a Inge: ouvi bem tudo o que ela me foi dizendo e fiz ainda melhor. Resolvi experimentar, julgando ser capaz. Bem, foi a desilusão, pois o pão ficou cozido em baixo e cru em cima.»

10/5/79 — «Parece-me que já se descobriu por que é que o pão não saiu bom: esquecemo-nos de tapar o buraco do forno! Tapada fui eu, por não me lembrar».

A SEGUIR:

COOPERATIVA DE MULHERES: DEPOIS DO CAMPO E DA CASA, O ARTESANATO (CONCLUSÃO)

Entrevista com Teitelbaum

Continuação da pág. 3

Encantado por um país como o nosso poder tocar música electrónica

— Decerto que não pensavas que um país como Portugal (onde a «electroacústica» se encontra ainda tão escassamente desenvolvida, onde como pontos de referência se situam um ou dois nomes apenas) te convidassem a estares presente num festival de jazz.

R.T. — O facto não me estranhou muito. A pouco e pouco os países menos desenvolvidos da Europa principiam a abrir os ouvidos para esta nova sonoridade que dá pelo nome de música «electroacústica» ou música de sintetizadores se preferirem. E o vir cá pela primeira vez é um verdadeiro prazer. Ainda não tive muito tempo para ver o vosso país e gostava de cá poder voltar daqui a algum tempo.

— Tenho conhecimento de que, de início e quando eras ainda criança, te puseram a estudar piano e foi, ao que penso, essa a tua iniciação musical.

R.T. — Sim, estudo piano desde os seis anos. Em países como os Estados Unidos não é difícil ver-se o caso de uma criança que, desde muito cedo, principia a estudar um instrumento musical qualquer. E eu ainda só com essa idade principiei a debruçar-me sobre a maneira como tentam dar os primeiros acordes num velho piano acústico. E desde então nunca mais parei. Posso dizer que tenho quase trinta e quatro anos de músico.

— Esse tipo de estudos, possivelmente em moldes como poderá funcionar aqui em Portugal um Conservatório, seriam porventura em redor dos compositores considerados «clássicos».

R.T. — De facto principiei com os clássicos. Nessa altura os meus estudos versavam as partituras de compositores como Beethoven, Bach, Mozart. Todos esses clássicos, aprendidos a tocar num simples piano acústico, lembro-me que ainda na minha adolescência me davam um certo gozo tocar. Só que depois outros interesses começaram a dominar-me no plano das sonoridades, mesmo no plano estético e daí para a frente a coisa tinha que mudar forçosamente.

— Quando é que se processou em ti essa mudança do aprendiz de compositores clássicos para o «experimentalista» (chamemos-lhes assim) das novas sonoridades da electrónica?

R.T. — Foi quando eu andava no liceu que principiei em mim a nascer uma certa admiração por alguns músicos que, para mim, já se afiguravam então como portadores de uma linha melódica mais avançada. Desses músicos a quem eu principiei então a debruçar-me a minha atenção recordo os nomes de Stravinsky, Bela Bartok e outros. Tratava-se de uma aprendizagem gradual e desses nomes em breve eu chegava a devotar a minha admiração a compositores contemporâneos como John Cage, Pierre Boulez, a Stockhausen e ao meu compatriota John Cage.

— Foi após esse interesse pelos já hoje tidos como «clássicos do vanguardismo deste século» que enveredaste pela aprendizagem com Luigi Nono, em Itália, de novos elementos que contam ainda hoje bastante na tua formação musical.

R.T. — Foi realmente quando eu vim para a Europa, e me fixei em Veneza, que me interessei venenamente pela música electrónica com a ajuda de Luigi Nono que foi então realmente o meu mestre. E comigo estudaram igualmente alguns músicos americanos.

— Essa tua estadia na Itália coincidiu com o fim do teu curso de Teoria da Música e Composição, onde estudaste com Mel Powell e Allen Forte. Queres falar-me dessa tão famosa tese que apresentaste no teu doutoramento e em que defendias a utilização de computadores na prática da música atonal de Webern e Schoenberg?

R.T. — De facto eu usei o computador para estudar a estrutura melódica (ou melhor antimeológica e anti-harmónica) das grandes obras de Webern e de Schoenberg. Esse trabalho fi-lo por volta de 1964 e seria publicado no «Journal of Music Theory» no ano seguinte.

Uma atracção irresistível pela sonoridade de Schoenberg e Webern

— Portanto a tua pendência pela atonalidade «weberniana» já viria,

deste modo, dos começos dos anos sessenta ou mesmo dos fins dos anos cinquenta.

R.T. — Como a música de Webern e de Schoenberg se me afigurava como uma música impreviada, eu senti como que uma irresistível chamada para essa prática melódica. Daí que a atonalidade já me interesse desde os anos cinquenta. Já então eu sentia uma imensa vontade de saber como é que se compunha essa música. Foi então que eu tentei usar alguns dos sistemas que alguns compositores nitidamente vanguardistas utilizavam, para ver o que daí poderia resultar. Era de facto um sistema cheio de segredos para mim. Ao princípio eu até julguei tratar-se de um sistema de oito tons em vez de doze. Mas com a prática cheguei a saber que não havia segredo nenhum. Era uma questão de utilização do método e de seguir por aí fora no caminho da improvisação.

— Pensas que a música de Schoenberg ou de Webern, por esse seu carácter a que fazes alusão, se encontra muito próxima do jazz de vanguarda, que vive, grande parte das vezes, também do improviso.

R.T. — Em certos casos têm muitos pontos comuns, noutros há uma vincada diferença. Eu estava sobretudo interessado ao procurar investigar o trabalho de tais compositores em ir ao ponto de descobrir — para eu próprio também poder explorar — novas sonoridades e novas técnicas de composição. Tanto a música de vanguarda do «free-jazz» como a própria música igualmente vanguardista de Webern se empenha(va)m sobretudo com uma

coisa, isto é, na mudança. E estão já de momento com todas as possibilidades de estabelecer uma verdadeira ruptura com todas as outras correntes musicais do passado, dado ser essa a sua principal vocação.

— Com Luigi Nono foste encontrar uma sonoridade diferente que, em parte, já se afastava até em parte dos teus anteriores mestres espirituais como Webern ou Schoenberg.

R.T. — Eu desses dois compositores já tinha aprendido de facto muitas coisas, mas sentia que precisava de ir ainda mais longe porque o sistema por eles utilizado era assim um sistema muito «quadrado». E daí que os ensinamentos que eu aprendi do compositor húngaro (György) Ligeti, radicado na Alemanha, e de Stockhausen, me fossem verdadeiramente necessários. Só que eu precisava de ir ainda mais longe e foi realmente na aprendizagem directa da maneira de compor de Luigi Nono que eu me formei mais verdadeiramente na técnica que hoje utilizo.

A abertura de Teitelbaum para a obra de John Cage

— Tem sido nos últimos anos que a tua obra mais tem acusado uma aproximação da técnica de composição do teu compatriota John Cage.

R.T. — Com feito nos últimos anos — e dados os ensinamentos que me foram ministrados em Itália quer por Luigi Nono, quer por Godofredo Petrassi — interessei-me por orquestrar as ondas do cérebro, as pulsões e outros sinais orgânicos do corpo humano através de meios electrónicos. Foi toda esta

redescoberta de sons «naturais» ou «biológicos» que me levou, após o meu regresso aos Estados Unidos em 1967, (até Robert Moog, o fundador do que já se disse) do sintetizador com esse nome. Assim a minha música ganhou uma designação própria, a música do «biofeedback», ou de música e om «biomédica» e com ela tenho participado em improvisações colectivas de electrónica ao lado de compositores como Alvin Curran, Frederic Rzewsky, Allan Bryant, Ivan Vandro, Maryam Amacher bem como o próprio Anthony Braxton, no grupo «Música Electrónica Viva», fundado já em Itália em meados dos anos sessenta com os primeiros quatro músicos que referi e mais tarde continuando o nosso trabalho na América.

— Foi após o teu regresso à América que te interessaste, certamente, pela obra desse grande compositor contemporâneo que é John Cage.

R.T. — Eu já conhecia o seu trabalho desde há mais tempo. Mas foi sobretudo quando de uma das minhas «tournées» (com o nosso grupo) pelos Estados Unidos em 1970, em que também participava Anthony Braxton, que me interessei mais vivamente pela música desse meu compatriota. A partir de então debruçei-me muito mais atentamente a estudar os seus trabalhos. Eu gosto muito ainda hoje de Cage porque o acho muito mais próximo do jazz, pela sua obra improvisativa. Acho que ele é uma pessoa dotada de um espírito muito forte e com grande capacidade de influenciar outros músicos. E eu não posso recusar-me a aceitar a evidência de que alguns dos meus últimos trabalhos acusam alguma da influência em mim da sua obra.